

IV COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo



Cadernos do IV Colóquio de História Social: Artigos e resumos



GEPHS
Grupo de Estudos e Pesquisa
em História e Subjetividade



**14 e 15 de abril de 2025, Crato-CE
Universidade Regional do Cariri**



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez Reis
Darlan de Oliveira Reis Junior

(Organizadores)

IV Colóquio de História Social

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

Cadernos do IV Colóquio de História Social: Artigos e resumos

Crato - CE, 2024

ISBN 978-65-01-77484-8





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Coordenação Geral: Prof. Darlan de Oliveira Reis Junior

Comitê Responsável e Científico:

Prof.^a Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez (URCA)

Prof. Darlan de Oliveira Reis Junior (URCA)

Prof.^a Fatiana Carla Araújo (URCA)

Prof. Fábio José Cavalcanti de Queiroz (URCA)

Prof.^a Francisca Jaqueline de Souza Viração (URCA)

Prof.^a Josinete Lopes de Souza (URCA)

Prof. José dos Santos Costa Júnior (URCA)

Prof.^a Maria Telvira da Conceição (URCA)

Prof.^a Maria de Fátima de Moraes Pinho (URCA)

Prof. Túlio Henrique Pereira (URCA)

Comitê Editorial

Prof.^a Dr.^a Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez Reis (URCA)

Prof.^a Dr.^a Ana Sara Ribeiro Parente Cortez Irffi (UFC)

Prof.^a Dr.^a Antonia Márcia Nogueira Pedroza (URCA)

Prof. Dr. Antonio José de Oliveira (UFRN)

Prof. Dr. Darlan de Oliveira Reis Junior (URCA)

Prof. Dr. Fábio José Cavalcanti de Queiroz (URCA)

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima de Moraes Pinho (URCA)

Prof.^a Dr.^a Maria Telvira da Conceição (URCA)

Prof. Dr. Raimundo Nonato Rodrigues de Souza (UVA)

Prof. Dr. Túlio Henrique Pereira (URCA)



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Realização:

Laboratório de Pesquisa em História Social – LABORE

Centro de Documentação do Cariri – CEDOCC

Núcleo de História e Cultura Afro Indígena e Africana – NIAFRO

Núcleo de Estudos em História Social e Ambiente – NEHSA

Grupo de Estudos e Pesquisa em História e Subjetividade – GEPHS

Grupo Marx, Classes sociais, Estado, Ideologia e Revolução - GMARXISTAURCA

Grupo de Estudo e Pesquisa em História Afrodiaspórica – GEPAFRO

Departamento de História URCA – DHIS





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Ficha elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri – URCA
Bibliotecária: Ana Paula Saraiva de Sousa CRB 3/1000

Caderno do IV Colóquio de história social: artigos e resumos/
Organizadores: Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez Reis e Darlan de
Oliveira Reis Junior. - 4.ed. – Crato-CE: URCA, 2025
190p.; il.; publicação eletrônica.

ISBN: 978-65-01-77484-8

1. História Social, 2. Colonialismo, 3. Imperialismo, 4. Colóquio;
I. Título, II. Universidade Regional do Cariri

CDD: 981.001





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Sumário

Apresentação - 06

Simpósios Temáticos e Mesa Redonda - 07

Textos Completos - 11

Resumos - 156





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Apresentação

A quarta edição do Colóquio de História Social teve como objetivo desenvolver as reflexões sobre as diferentes formas de atuação do colonialismo, na perspectiva da temporalidade. O colonialismo, como qualquer experiência humana, é histórico, multifacetado e esteve no centro das questões centrais da humanidade nos últimos cinco séculos. Desde a formação de colônias na Idade Moderna, com a escravização de milhões de seres humanos, principalmente nas Américas, até chegarmos à fase imperialista do capitalismo, com a ocorrência de guerras internacionais de grandes proporções, genocídios e neocolonialismos. O surgimento do colonialismo digital, a ação política das chamadas “big techs” e a imposição dos “algoritmos”, a retirada de direitos sociais em várias partes do mundo, o neofascismo e as lutas de libertação nacionais e pelo socialismo, bem como os conflitos entre as potências, demonstram a atualidade e importância do tema. O IV Colóquio de História Social buscou contribuir para o debate, não apenas do ponto de vista acadêmico, mas também do ponto de vista político e social. O que a comunidade historiadora e das Humanidades em geral têm a dizer sobre tais questões, em especial a que vive em regiões consideradas como periféricas do Brasil? Foram questões debatidas nos dois dias do evento. Além de debater o tema geral do evento, buscamos reunir professores (as), estudantes da pós-graduação e estudantes da graduação e criar um espaço para a apresentação de pesquisas, as quais contribuem para o avanço da área de História e das Humanidades. É mais um espaço de comunicação e visibilidade das contribuições científicas e que possibilitarão maior conhecimento sobre os procedimentos de pesquisa, aspectos teórico-metodológicos e a produção de artigos dos participantes.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Simpósios Temáticos

ST 1 - O Brasil racializado: educação, sociedade e movimentos de resistência

Maria Telvira da Conceição (Universidade Regional do Cariri - URCA),

Daniel Alves de Alencar (Universidade Estadual do Ceará – UECE),

Maria Edina Marques Ferreira (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB)

O presente Simpósio tem como proposta discutir acerca dos processos de racialização emergido nos mais diversos contextos históricos do Brasil e ancoradas nas várias dimensões da sociedade. Articulando educação e movimentos de resistência, estabelece uma historicidade desde o Brasil Colônia até os dias atuais com as demandas da sociedade que ainda gravitam em torno da dimensão do racismo. O território em que esses processos ocorrem também é fundamental para discutir as relações entre território, relações raciais e movimentos de resistência que inscrevem a história no sertão, no Nordeste e no Brasil. Assim, se insere nessa seara pesquisas cuja discussão acione a dimensão dos processos de racialização tanto no processo de formação do Brasil quanto questões de contemporâneas.

ST 2 – História e Natureza

Ana Isabel RP Cortez Reis (Universidade Regional do Cariri - URCA),

Ana Sara RP Cortez Irffi (Universidade Federal do Ceará - UFC).

O objetivo do Simpósio Temático História e Natureza é reunir pesquisadores cujos trabalhos busquem analisar as relações sociais e econômicas historicamente estabelecidas pelos homens com o mundo natural. Nesse sentido, interessa promover um debate teórico, metodológico e historiográfico sobre a ocupação de territórios, diversos processos de urbanização, bem como o impacto do uso da técnica na formação da sociedade, tanto no espaço urbano quanto no rural. Assim, importa empreender uma análise em torno das respostas dos diversos grupos sociais às particularidades vivenciadas com o ambiente. Para esse fim, é pretensão unir pesquisas acadêmicas

7





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

desenvolvidas e em execução na graduação, iniciação científica e pós-graduação, bem como constituir um debate interdisciplinar com outras áreas do conhecimento.

ST 3 - História e cinema: refletindo sobre possibilidades e desafios na pesquisa histórica contemporânea

Josinete Lopes de Souza (Universidade Regional do Cariri - URCA).

O objetivo desse Simpósio Temático é compartilhar e dar maior publicidade às pesquisas em desenvolvimento no Curso de Graduação em História envolvendo o uso do cinema em suas múltiplas possibilidades: como objeto e/ou fonte/documento histórico, refletindo ainda sobre a complexidade metodológica que desafia os historiadores no uso das produções fílmicas em suas pesquisas.

ST 4 - História, (auto)biografia e literatura de testemunho

José dos Santos Costa Júnior (Universidade Regional do Cariri - URCA)

O simpósio temático tem o objetivo de promover debates sobre as relações entre História, memória e subjetividade a partir de pesquisas que tematizam a biografia histórica, a autobiografia e/ou a literatura de testemunho em sua historicidade. Serão acolhidos textos que tematizem tais relações nos mais distintos recortes espaciais e temporais e com diferentes abordagens teórico-metodológicas nos campos da História, Literatura e Ciências Sociais.

ST 5 - História Econômica e História do Pensamento Econômico

Francisca Jaqueline de Souza Viração (Universidade Regional do Cariri - URCA)

Serão aceitos trabalhos que analisem o tema, da história da economia brasileira como da história econômica geral, assim como do pensamento econômico brasileiro, os grandes clássicos da economia política, a crítica marxista, da revolução marginalista e os neoclássicos, assim como o pensamento próprio de Keynes e Schumpeter. Também serão aceitos trabalhos que discutam as teorias do desenvolvimento econômico.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

ST 6 – Ensino de História, Gênero e práticas docentes.

Maria de Fátima Morais Pinho (Universidade Regional do Cariri - URCA),
Viviane Prado Bezerra (Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA).

O ST tem como objetivo promover reflexões sobre como as questões de gênero são abordadas no ensino de História, destacando suas representações, lutas e resistências em diferentes tempos e espaços. Buscando problematizar narrativas hegemônicas, visibilizar experiências de grupos historicamente silenciados – como mulheres, pessoas LGBTQIA+ e outras identidades de gênero – e analisar as formas como essas identidades são construídas, disputadas e transformadas. Nesse sentido, no espaço da sala de aula, podem e devem ser desconstruídos os diversos pré-conceitos de gênero e de toda natureza buscando uma educação democrática que promova a superação das desigualdades de gênero, de classe e étnico-raciais. Os Programas Institucionais de Iniciação à Docência, como PIBID e Residência Pedagógica, bem como, os Mestrados Profissionais em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) são campos abertos para reflexões e práticas docentes problematizadoras das questões de gênero. Portanto, pesquisas que abordem essas práticas, também, serão muito bem-vindas neste ST.

ST 7 – Experiências femininas no mundo pós-feminista do século XXI

Fatiana Carla Araújo (Universidade Regional do Cariri - URCA).

Há um esforço em investigar a atuação feminina a partir de diferentes campos: educação, direitos (VERGÈS, 2020) economia (PÉRIVIER, 2023), violência (VERGÈS, 2021), racismo (DAVIS, 2016), gênero, cultura, feminismos (ADICHIE, 2015) e muitos outros mais. Esse simpósio possibilita uma reflexão conceitual, teórica e metodológica sobre o como, o quê, o porquê as mulheres pensam sobre as mulheres. O simpósio propõe um ponto de encontro entre investigadores, mulheres e homens, das diferentes áreas de estudo.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

ST 8 – História, imagens e a Cultura Visual

Túlio Henrique Pereira (Universidade Regional do Cariri - URCA), Débora de Lima Santana (Universidade Regional do Cariri - URCA), Joyce Luanna Feitosa Felizardo (Universidade Regional do Cariri - URCA)

A proposta propõe reunir comunicações de várias áreas do conhecimento, cuja temática ou orientação teórico-metodológica se volte para a promoção da reflexão crítica e interseccional entre cultura visual e os usos das imagens na produção do conhecimento científico ou artístico. A partir da concepção de historiadores como Paulo Knauss, Ana Maria Mauad, Fernando Hernández, Peter Burke, Jacques Le Goff, Carlo Ginzburg, Aby Warburg, Georges Didi-Huberman e Joan Schwartz, compreende-se que o desafio de fazer história com imagens possibilitou conceitos e métodos capazes de utilizar a imagem como fonte de produção de saberes, e, tornou possível o desenvolvimento de metodologias capazes de protagonizar a pluralidade de imagens e a criticidade de seus usos pela perspectiva da cultura visual. Pretende-se, portanto, promover reflexões críticas capazes de evidenciar o modo como as imagens constroem representações e significados; a representação mnemônica e identitária das experiências individuais e coletivas ao longo do processo histórico, a partir de diferentes suportes, tais como: jornais, revistas, manuais didáticos, desenho, pintura, fotografia, gravura, litografia, xilogravura, cliché, cinema, escultura, televisão e mídias indoor e outdoor.

Mesa Redonda

Mesa-redonda: "As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo"

Prof. Fábio José Cavalcanti de Queiroz (URCA)

Prof. Darlan de Oliveira Reis Junior (URCA)



IV

COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Textos completos



GEPHS
Grupo de Estudos e Pesquisas
em História e Subjetividade





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Ensino de História: Desafios e perspectivas na formação docente a partir da racionalidade neoliberal na Educação Básica

Daniela Feitosa Bernardo¹

Edson Victor Alves Machado²

Djalma Luiz do Nascimento Dantas³

Introdução

O Ensino de História mudou muito ao longo do tempo. Antes, ele se concentrou em narrativas lineares e dos então exaltados como heróis, além de narrar eventos políticos “grandiosos” para fortalecer ideologias nacionais e interesses políticos. Com o passar dos anos, especialmente no século XX, novas ideias, como as trazidas pela Escola dos Annales, proporcionaram um olhar mais amplo para a História. Um desses conceitos é destacado por Thompson (2002), o qual se consiste na história vista “de baixo para cima”.

Assim, a ampliação das fontes de análises históricas abrangeu não só as “grandes figuras”, mas também os povos que foram subalternizados por essas figuras e pelos eventos históricos. De acordo com Silva e Angelina Duarte, “a partir do início da década de 1990 há uma convergência de interesses internos e externos que fazem com que as

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campus de Cajazeiras. Bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. Email: daniela.feitosa@estudante.ufcg.edu.br

² Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campus de Cajazeiras. Bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. Email: edson.victor@estudante.ufcg.edu.br

³ Doutorando em Ensino de História ProfHistória -URCA; Mestre em Ensino de História pelo mesmo programa; Professor da História efetivo da Educação Básica no Município de Cachoeira dos Índios-PB e do Estado da Paraíba e sSupervisor do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus de Cajazeiras-PB, Email: djalma.dantas@urca.br



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

políticas afirmativas sejam encampadas pelo Estado brasileiro” (2018, p.125). Ao longo dos anos, leis como a 10.639/03 (2008), que valida a História Indígena e Afro-Brasileira, foram incluídas como obrigatórias dentro do ensino de História. Vejamos o que fala os autores supracitados:

a aprovação da Lei 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura africana e afro brasileira nas escolas públicas e privadas; o estabelecimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana (Silva et al. 2018, p.130)

A ampliação das fontes e perspectivas no Ensino de História não apenas diversificou os conteúdos, mas também trouxe à tona a necessidade de pensar em como esse conhecimento é produzido e ensinado. A inclusão de narrativas subalternas e a obrigatoriedade de conteúdos que antes não faziam parte do escopo conteudista do Ensino de História nas escolas, mostra os avanços e a importância de uma abordagem crítica, que permite aos estudantes não apenas conhecerem o passado, mas questionarem as condições em que a História foi registrada e as razões pelas quais algumas vozes foram silenciadas, e por estas razões não problematizadas em espaço escolar.

O Ensino de História tem sofrido profundas transformações ao longo dos anos, principalmente a partir das mudanças da Lei nº 13.415/2007 conhecida como a Reforma do Ensino Médio, e que no final do ano de 2016 e início 2017 tramitou com urgência no Congresso Nacional durante a presidência de Michel Temer (Oliveira, 2021). Desde então, o sistema educacional vem sofrendo com a influência do neoliberalismo que se configura veementemente nas práticas pedagógicas das escolas. Desse modo, ancorados nos escritos de Vítor Lins Oliveira (2021), podemos observar que a formação dos professores de História enfrenta desafios relacionados à adaptação a um modelo de

13





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

ensino que prioriza habilidades técnicas e competências específicas em detrimento de uma formação crítica.

Diante disso, o Ensino de História tem responsabilidade direta na construção do pensamento crítico dos estudantes. Parafraseando Bittencourt (2008) não é pretendido tornar os estudantes pequenos historiadores, e sim seres pensantes e críticos das mazelas sociais. Para que o Ensino de História cumpra seu papel na formação crítica dos estudantes é essencial considerar a escola como um espaço de diálogo e construção coletiva, onde o conhecimento histórico se conecta diretamente às vivências e realidades dos jovens.

Deste modo, entra em debate a preocupação pela formação docente. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), tem como objetivo inserir o graduando na realidade da educação pública mais cedo, para o preparar e ajudar a entender todas essas demandas. Segundo Libâneo (2006) é a união entre teoria e prática no processo de ensino, que estabelece um contato direto entre a formação acadêmica do professor e a prática escolar.

Portanto, este trabalho divide-se em duas partes: na primeira, tentamos compreender como a racionalidade neoliberal tem impactado o Ensino de História e suas implicações na formação docente; na segunda parte, buscamos analisar a importância do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na formação inicial de professores, visto que o programa proporciona aos licenciandos a oportunidade de vivenciarem a prática docente nas escolas públicas.

Educação e mercado: o impacto do neoliberalismo na formação histórica



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Michel de Certeau em *A Escrita da História*⁴ (1982) nos permite uma maior compreensão da produção do conhecimento histórico trazendo utilidade ao/a professor/a de História no que diz respeito ao entendimento de como essa é escrita e como pode tornar o Ensino de História, enquanto disciplina escolar no Novo Ensino Médio, mais crítico, de forma que possa auxiliar na compreensão do mundo dos alunos. O Ensino de História permite que os alunos desenvolvam habilidades fundamentais para compreender o presente e construirmos um futuro democrático, e não o contrário, pois como pontua Rubens Casara (2018, p. 55) “Os alunos são ensinados a analisar documentos, mas não estimulados a ler; encorajados, por vezes, a sentir empatia pelas vítimas do holocausto, mas não a refletir sobre as razões e as condições em que se deu a barbárie”.

Por conseguinte, esse contexto evidencia a necessidade de um ensino mais reflexivo e crítico, capaz de questionar as origens e as implicações dos acontecimentos históricos, ao invés de apenas transmitir informações sem levar à reflexão e à criticidade. Ademais, seguindo o pensamento de Rubens Casara, a respeito da influência que a racionalidade neoliberal exerce no âmbito escolar, temos que “[...] a escola tornou-se escancaradamente um espaço destinado à construção de indivíduos adequados à sociedade de mercado” (Casara, 2018, p. 54). Conseqüentemente, esse modelo levou muitos a questionarem o papel da escola e o ensino, julgando-os como uma prisão.

Diante desses problemas que surgem, e com a ideia do estudante ser treinado para esse mercado de trabalho, levanta-se o debate sobre a Lei nº 14.945/24, aprovada no dia 31 de julho de 2024. Essa é uma reformulação da Lei 13.415/17, que prevê

⁴ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

alterações nas cargas horárias de 1,8 mil para 2,4 mil horas aulas. Além disso, da aplicação de disciplinas eletivas e de ensino técnico, componentes curriculares esses que treinam os estudantes de escolas públicas a serem meras ferramentas de trabalho.

Nesse sentido, observamos que as escolas públicas estão passando por transformações que buscam seguir a racionalidade neoliberal que estabelece normas para a educação (Ferreira, *et al*, 2017). Consequentemente, “[...] escolas e universidades não ajudam a construir uma cultura democrática, com os alunos formados a partir da ideia de uma educação neoliberal, sem preocupação com disciplinas “humanas”, em especial sem a essência do conhecimento histórico” (Casara, 2018, p. 55). Fator esse que torna o ensino complexo à medida que o sistema educacional das escolas e universidades se alinham aos interesses neoliberais, os quais negligenciam as disciplinas de humanas, como a de História. Outrossim, essa prática educacional é uma negativa para a construção de uma cultura democrática, no tocante em que a formação dos alunos está centrada nos moldes de uma educação tecnicista, ao invés de serem estimulados a pensar criticamente com embasamento histórico a respeito do passado, presente e futuro.

Essa carência que cerca o conhecimento histórico é uma barreira para o desenvolvimento dos discentes em compreenderem e atuarem com sabedoria em uma sociedade democrática. As instituições escolares, uma vez que desconsideram o ensino de História, contribuem para que seus alunos, principalmente os do ensino médio, inseridos no ensino tecnicista, tenham uma mentalidade incapaz de pensar, agir e questionar criticamente as camadas sociais e econômicas que seguem trilhando entre as raízes da desigualdade e da injustiça, por exemplo.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Portanto, o neoliberalismo está estabelecendo os rumos do sistema educacional do Brasil. De forma que os indivíduos recebem uma educação deficiente com pouca qualidade e que segue princípios mercadológicos. Enfim, os alunos da escola pública são apenas conduzidos a reproduzir ações sem conhecimentos profundos e sem fomento do pensamento crítico” (Ferreira *et al*, 2017).

Diante desse cenário, a marginalização das disciplinas humanas, especialmente da História, reflete um modelo educacional que desconsidera a formação integral do cidadão, priorizando aspectos técnicos e mercadológicos em detrimento da reflexão crítica e do entendimento das dinâmicas sociais. No entanto, a resistência a essa lógica é possível e necessária, destacando o papel do ensino de História como instrumento essencial para a construção de uma educação mais democrática, que dialogue com os desafios atuais e contribua para a formação de sujeitos conscientes e participativos.

Dermeval Saviani (1999), em sua obra “Escola e Democracia”, realiza uma análise crítica das teorias educacionais e da prática escolar, com o objetivo de desenvolver um saber pedagógico voltado para a transformação social e a democratização do conhecimento, entendendo a educação como um processo histórico e social.

Portanto, entender a importância do Ensino de História nas escolas é fundamental para a prática pedagógica, pois não devemos perpassar o conteúdo pelo conteúdo, e sim relacionar com as questões relevantes da nossa sociedade. Ao contextualizar o passado, a História permite que os estudantes compreendam as raízes das desigualdades, os desafios contemporâneos e as possibilidades de transformação social, formando indivíduos capazes de refletir sobre sua identidade e papel na sociedade. “O ensino de História ganha em vitalidade quando permite aos alunos a capacidade de analisar e comparar diversas realidades, percebendo as semelhanças, as diferenças no



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

interior de um grupo ou sociedade, nos seus respectivos tempos e espaços” (Justino, et al 2022, p. 339).

Diante disso, podemos afirmar que o Ensino de História deveria cumprir seu papel socializador, transformando o indivíduo, como afirma Luis Fernando Cerri

Nesse conjunto de tarefas, o ensino de história participa do trabalho socializador da escola, tirando o sujeito do egocentrismo e introduzindo-o na vida pública, com o que nos confrontamos com o individualismo e o esvaziamento do espaço público que vivenciamos (2010, p. 113).

Nesse aspecto, entendemos que o objetivo do profissional da educação, consiste em se atentar a maturar os estudantes a olhar para os processos históricos de forma crítica, introduzindo nas suas subjetividades o papel fundamental que o indivíduo tem na sociedade, o de pensar.

Analisando a atual Base Nacional Comum Curricular, em específico o Ensino Médio, percebemos que uma das ações do ensinar História, consiste em: “Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos” (BNCC, p. 564). Deste modo, podemos evidenciar o que afirma Justino et al (2022) e Cerri (2010), ao apontarem que o Ensino de História não se limita à transmissão de fatos, mas promove a formação de cidadãos conscientes, focados em moldar a sociedade respeitando as diferenças e as pluralidades.

O PIBID como ferramenta para a formação de professores de História



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Refletir sobre o Ensino de História é uma tarefa desafiadora, especialmente durante o processo de formação, quando ainda não temos contato direto com a sala de aula. As disciplinas de Didática e Metodologia do Ensino de História, nos primeiros anos da graduação, nos fazem direcionar o olhar para o Ensino Básico, estimulando nossa atuação futura como docentes, por meio dos debates em sala e dos textos teóricos sobre o Ensino de História, a realidade escolar e diversos outros aspectos da educação como os textos da professora Sandra Corazza (1997) “Planejamento de Ensino como Estratégia de Política Cultural”⁵, das professoras Selma Pimenta e Maria Lucena Lima (2006) “Estágio e docência: diferentes concepções”⁶ e da Circe Bittencourt “Ensino de História: fundamentos e métodos” (2008)⁷. Além disso, as atividades práticas, como elaboração de planos de aula, sequências didáticas e micro aulas, nos proporcionam uma aproximação com a prática docente.

Em seguida, surgem as disciplinas de Estágio Supervisionado (I, II, III, IV), observando como fiador o currículo do curso de Licenciatura Plena em História no Centro de Formação de Professores na Universidade Federal da Paraíba -UFPG/CFP (currículo de 2009) que envolvem tanto a observação quanto a regência no Ensino Fundamental e Médio. Apesar do tempo limitado dos estágios, conseguimos aproveitar muito do que foi observado.

Nestes processos de formação foi possível perceber as sutilezas que envolvem o ambiente escolar: desde o comportamento dos alunos, o que desperta sua atenção, até as metodologias adotadas pelos professores, os recursos didáticos utilizados, o

⁵ CORAZZA, Sandra Mara. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. *Currículo: questões atuais*. Campinas: Papirus, p. 103-143, 1997.

⁶ LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. *Poesis pedagógica*, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

⁷ Bittencourt, Circe Maria Fernandes. “Ensino de História: fundamentos e métodos.” (2008).



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

espaço escolar e o corpo docente, especialmente no estágio supervisionado I e II, que correspondem a observação. Nesse contexto, nosso olhar sobre a escola e todos os seus elementos passa a ser o de quem está observando não como aluno, mas como futuro docente. Assim, nossa percepção sobre a escola, os alunos e os professores é moldada pela perspectiva de que, futuramente, ocuparemos aquele espaço como professores.

As disciplinas voltadas para o ensino na graduação são fundamentais para termos uma noção e uma preparação inicial para quem deseja seguir a carreira docente, e sua importância não deve ser subestimada. No entanto, acreditamos que, por si só, elas não são suficientes para preparar adequadamente um estudante que está em formação para atuar como professor na Educação Básica.

A esse respeito é importante destacar o que pontuou a professora Helenice Rocha sobre as certezas e incertezas dos discentes do curso de História ao entrarem em contato com as disciplinas específicas de sua formação docente. Ela afirma que os licenciados “Consideram que já sabem o que é a história a ser ensinada a seus futuros alunos, mas, na maioria das vezes, esperam que a disciplina de Didática do ensino de história lhes ensine como fazer” (Rocha, 2015, p. 84). Porém, se decepcionam ao ver que a diversidade de turmas e escolas públicas no ensino básico carecem de uma pluralidade de possibilidades didático pedagógicas.

Nesse contexto, vê-se a importância do planejamento como guia para as aulas. Ainda segundo Helenice Rocha, os professores afirmam que o planejamento não é uma questão apenas técnica, mas que mobiliza necessariamente toda a sua formação para que seja realizada de forma adequada “[...] o professor da disciplina de Didática ou



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Metodologia do Ensino de História precisa trabalhar com o planejamento de aulas como conteúdo específico de sua disciplina” (2015, p. 84).

Nessa perspectiva, ainda ancorados no pensamento da autora é pertinente nos atermos ao que ela afirma a respeito do planejamento da aula de História

Planejar aulas de História é concatenar aspectos diversos. Há a considerar as finalidades educacionais que estão no horizonte da disciplina, características do conteúdo a ser ministrado, do alunado e sua trajetória de aprendizagens, da escola e suas condições para a realização da aula, dos materiais disponíveis para viabilizar certas formas de ensino e aprendizagem e do próprio professor, com sua experiência de administração de cada um desses fatores (Rocha, 2015, p. 87-88).

Diante disso é importante ressaltar que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) permite aos professores em formação uma maior proximidade com o ambiente escolar, fazendo com que entendam as nuances que permeiam o ensino básico e busquem incentivos no que diz respeito à qualidade do ensino nas escolas públicas. Na portaria nº 90, de 25 de março de 2024, atribui ao PIBID, no que concerne às suas definições

Art. 2º O PIBID é um programa executado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o fortalecimento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira.

[...]

Art. 4º Para fins desta Portaria, considera-se:

I - Iniciação à Docência: a inserção orientada e supervisionada dos estudantes de cursos de licenciatura em escolas públicas de educação básica, para que realizem atividades com níveis crescentes de complexidade e autonomia docente, de acordo com a fase do curso em que se encontra cada licenciando, contribuindo com o conhecimento e a vivência do seu futuro campo de atuação profissional durante toda a graduação. (CAPES, 2024, p. 33).



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Nesse sentido, o PIBID é um programa que tem como finalidade aproximar as instituições de Ensino Superior e as escolas da rede básica de maneira a abranger todas as licenciaturas. Seu compromisso é inteiramente direcionado à escola e à formação pública (Silveira, 2015, p. 358). Isto é, caminha na direção de “garantir que os estudantes dos cursos de licenciatura se aproximem da escola e, nela, conheçam algumas práticas do campo profissional e sejam capazes de construir reflexões sobre essas práticas e os saberes que as fundamentam” (Silveira, 2025, p 363), de modo a adquirir familiaridade com o espaço escolar e também com as mudanças que ocorrem simultaneamente nesse meio, principalmente no contexto que está inserido o Ensino Médio.

Analisando o que afirma João Diego da Silva *et al* (2008), percebemos que o Ensino de História no nível médio deve ir além da mera transmissão de fatos e cronologias, e reforça sobre a relevância nos processos educativos:

No campo de estudo do ensino de história, a discussão sobre o ensino médio deve propiciar meios e possibilidades para que os alunos e alunas enquanto sujeitos históricos, compreendam seu papel social e a relevância de sua intervenção nos processos educativos. Um ensino de história que se quer crítico deve nortear a importância destes aspectos, que são considerados primordiais tanto para educadores/educadoras como para seus educandos, fator que permite uma maior compreensão da realidade social em que todos e todas estão inseridas). (Silva *et al.*, 2008, p. 03)

No Ensino Médio, os estudantes já estão submetidos a realidades sociais, e nesse momento o papel do educador/educadora é capacitá-los para interpretar esses contextos de maneira crítica, fazendo-os identificar como os processos históricos moldam as condições atuais. Assim, através da iniciação à docência, ainda que cada escola tenha suas particularidades, os estudantes de licenciatura obterão experiências do



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

funcionamento do sistema educacional, que os guiarão em seus primeiros passos quando estiverem assumindo sua própria sala de aula.

Desse modo, é perceptível que o programa tem seu trabalho focado nessa construção do conhecimento e da prática docente. Além de inserir o graduando na realidade da educação brasileira, incentiva a enfrentar as barreiras e construir sua metodologia de ensino para ampliar e inserir as novas perspectivas e diversidades na educação pública.

Destarte, o PIBID cumpre a sua função social e profissional, mas sabemos as diversas dificuldades que encontramos no caminho. Como mencionado anteriormente, as disciplinas de estágio, nos levam a perceber que há muito o que se aprender, até porque o saber é uma construção que está sempre em processo, e nunca se sabe tudo. Existe um conceito importante, denominado como “cultura escolar” que de acordo com a Julia Dominique significa:

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos: normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas, as finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização. Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional, os agentes que são obrigados a obedecer a essas normas e, portanto, a pôr em obra os dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar a sua aplicação, a saber, os professores. (Julia, 2001, p. 10)

Essa ideia deve ser levada em conta diante da realidade de cada instituição. Somos preparados durante toda a graduação a entender como o ensino deve ser aplicado, mas não é só isso, ensinar não é somente saber o conteúdo por completo, e sim saber aplicar



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

a percepção crítica dos fatos históricos diante das questões contemporâneas. Esse termo implica que as questões “religiosas, sociopolíticas e a própria socialização”, são elementos fulcrais para entendermos todas essas demandas.

Em vista disso, o papel da escola enquanto epicentro da formação do indivíduo deve ser estabelecido entre as nuances sociais. O autor Michael Young (2007), vem trazer um questionamento importante: “Para que serve a escola?”. Partindo dessa indagação, ele propõe a seguinte reflexão:

Papel das escolas - situa as escolas como instituição o propósito de promover a aquisição do conhecimento" implica ainda em "argumentar que não há contradição entre ideias de democracia e justiça social e a ideia de que as escolas devem promover a aquisição do conhecimento (Young, 2007, p. 1289).

Como menciona Michael Young, a aquisição do conhecimento na escola não é incompatível com os ideais de democracia e justiça social. Pelo contrário, a escola cumpre um papel crucial na democratização do saber ao garantir que os alunos tenham acesso a conhecimentos poderosos e formadores, capazes de transformar sua relação com o mundo e fomentar a inclusão social e a igualdade de oportunidades. Deste modo, podemos ressaltar que o Programa de Iniciação à Docência tem como objetivo integrar teoria e prática na formação de professores, com o papel central da escola como instituição voltada para a promoção do conhecimento.

Deste modo, podemos concluir que o PIBID tem sua extrema importância para a formação do indivíduo: na Universidade, a teoria que pode ser aplicada; e na iniciação à docência, a prática. Os problemas que circulam o ensino são barreiras a qual temos que quebrar, a educação é a ferramenta libertadora para uma sociedade que apresenta



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

diversos problemas sociais que devem ser enfrentados. O papel do professor não está somente em passar o conteúdo, e sim moldar indivíduos que olhem com outros olhos para as mazelas sociais.

Considerações finais

Esta pesquisa evidencia os desafios enfrentados pelos futuros professores, especialmente no contexto do Ensino Médio, na medida em que o neoliberalismo tem moldado as práticas educacionais, priorizando a educação e formação dos alunos para o mercado de trabalho, além de marginalizar as disciplinas de humanas como a de História, que são fundamentais para a formação e para o desenvolvimento de uma consciência cidadã que permita a reflexão sobre as desigualdades e injustiças sociais. Essa marginalização impacta diretamente a capacidade dos jovens de compreenderem o passado e sua relação com o presente, limitando o potencial de questionamento e transformação social.

Nesse sentido, o Ensino de História desempenha um papel de fundamental importância na formação de cidadãos críticos e conscientes. E o PIBID, ao proporcionar aos futuros professores a oportunidade de vivenciar a prática docente em escolas públicas, contribui significativamente para a melhoria da qualidade do ensino da História (disciplina escolar). Vale ressaltar que o programa servirá de norte em nossa trajetória acadêmica em meio a nossa formação como futuros professores nos preparando em meio às realidades que permeiam o Ensino Básico, e assim, ao assumirmos, futuramente, nossa própria sala de aula já estarmos cientes dos problemas que cercam as instituições de ensino e o sistema educacional.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

No entanto, é preciso reconhecer que ainda há desafios a serem superados, como a resistência a mudanças na rede básica de ensino e a falta de recursos. Nesse sentido, a formação de professores deve ser contínua e acompanhada de políticas públicas que valorizem a educação e o ensino de História.

Referências bibliográficas

- BARUFFI, Pedro Paulo. O Novo Ensino Médio Empresariado e O Ensino De História: Desafios Da Atualidade: Business Community, New High School And The Teaching Of History: Modern Challenges. **Professare**, P. E 3075 E 3075, 2023.
- Bittencourt, Circe Maria Fernandes. “**Ensino de História: fundamentos e métodos.**” 2. ed. São Paulo: CORTEZ EDITORA, 2008.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 1, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 23 abr. 2025.
- CAPES - **Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal De Nível Superior**. Regulamento do Programa Institucional de bolsa de iniciação à Docência. Portaria nº 90, de 25 de março de 2024.
- CASARA, Rubens R R. **Sociedade sem lei: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie** / Rubens R R Casara. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Editora FGV, 2010.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes, revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DA SILVEIRA, Helder Eterno. Mas, afinal: O que é iniciação à docência? **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 10, n. 2, p. 354-368, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 41a.ed.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 20002.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

- JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 01, p. 09-44, 2001.
- Justino de Faria, Ronair, Vasni de Almeida, and Cícero da Silva. "Cultura Escolar E Ensino De História: Concepções E Reflexões." **História: Questões & Debates** 70.1 (2022).
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortez editora, 2017.
- OLIVEIRA, Vítor Lins. O ensino de História no contexto do novo ensino médio. In: **VII Congresso Nacional De Educação**. 2021.
- ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. Aula de história: evento, ideia e escrita. **História & Ensino**, v. 21, n. 2, p. 83-103, 2015, p. 84
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 32.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.5).
- Silva, Ricardo Tadeu Caires, and Angelina Duarte. "Um longo caminho: a aprovação da lei 10.639/03 como fruto da luta do movimento social negro pelo direito à educação (1889-2003)." **Ensino & Pesquisa** 16.3 (2018).
- SILVA, João Diego da; SANTOS, Rayner Souza dos e SANTOS; Raynice Souza dos. Os Efeitos do Neoliberalismo na Escola Pública no Brasil. **VII jornada Nacional: Políticas Públicas**, 2017.
- SILVA, Wagner Tavares da, Ramon Alcântara ALEIXO, and Patrícia Cristina de Aragão ARAÚJO. "Aspectos da construção da cidadania no ensino de história: um olhar sobre o ensino médio." **XIII Encontro Estadual de História**. ANPUH-PB, Guarabira (2008).
- Thompson, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – Unidade Acadêmica de Ciências Sociais. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História (PPC) CFP. Cajazeiras. 2008. PPC_HISTÓRIA (ufcg.edu.br). Acesso em 25 abril de 2024.
- TREVISOL, Marcio Giusti; DE ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto. *A incorporação da racionalidade neoliberal na educação e a organização escolar a partir da cultura empresarial*. 2019. v.12, n.3, **Dossiê Temático**, set./dez.2019.
- YOUNG, Michael. "Para que servem as escolas?." *Educação & Sociedade* 28 (2007): 1287-1302.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

História do Ensino de História: uma breve análise da sua estrutura didática no Brasil e as contribuições do PIBID-História na formação de futuros historiadores

Willismar da Silva Freires⁸

Joaquim Costa Neto⁹

Djalma Luiz do Nascimento Dantas¹⁰

Introdução

Este trabalho se propõe, de forma breve, a analisar a História do Ensino de História, sob a ótica da estruturação didática no Brasil. Busca-se compreender e refletir sobre as características das mudanças ocorridas ao longo dos tempos, usadas como base para interesses políticos de formação de uma identidade nacional, que unificasse os ideais de um projeto de Estado.

Nesse sentido, tem-se como foco historizar desde a aplicação da História como disciplina curricular em períodos da Monarquia a República, com o advento da tecnologia incorporada no meio social (Schmidt, 2012). Portanto, novas aptidões metodológicas e teóricas do ensino e da disciplina História foram sendo transformadas diante da

⁸ Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus de Cajazeiras-PB. Bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Email: willismar.silva@estudante.ufcg.edu.br

⁹ Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus de Cajazeiras-PB. Bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Email: joaquim.costa@estudante.ufcg.edu.br

¹⁰ Doutorando em Ensino de História Prof. História - URCA; Mestre em Ensino de História pelo mesmo programa; Professor de História efetivo da Educação Básica no Município de Cachoeira dos Índios-PB e do Estado da Paraíba e Supervisor do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus de Cajazeiras-PB, Email: djalma.dantas@urca.br



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

conjuntura do espaço/tempo, para assim, quebrar os paradigmas historiográficos. Como também, a implementação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que fora redesenhada no ano de 2007 e vem se desenvolvendo com novas propostas em sua estrutura didática e metodológica (Brasil, 2007).

Este artigo tem como plano de fundo a nossa aprovação no programa PIBID com regência em 2024 a 2026, como bolsistas licenciandos e supervisor do núcleo de ação. Assim, pontua-se que o programa inicia no mês de novembro de 2024, quando está encerrando o período letivo das instituições de Ensino Básico. No nosso caso, fomos direcionados a atuar no núcleo do PIBID-História na E. E. E. F. M. Monsenhor Constantino Vieira, em Cajazeiras, na Paraíba. Com isso, a nossa atuação no programa começou ainda ausente deste espaço escolar, mas, com a indicação de leituras e suportes teóricos, para atuação na regência do programa, com a produção de texto acadêmico em que fomos instigados a refletir e problematizar nossas perspectivas do Ensino de História e do programa PIBID como formador de novos profissionais para a área de História.

Pensando a partir disso, buscamos revisitar na História como se desenvolveu e foi realizado o Ensino de História no Brasil, formulando um processo de historicidade dos fatos, compreendendo as nuances do Ensino de História desde a sua implementação como disciplina em períodos monárquicos até a criação do PIBID, com os autores que irão nos nortear, como Maria Auxiliadora M. S. Schmidt (2012), fundamentando a partir do conceito de “código disciplinar”¹¹ de Fernandez Cuesta (1998), traçando uma

¹¹ O conceito de “código disciplinar” (FERNÁNDEZ CUESTA, 1998) enfatiza a importância dos manuais como elementos fundamentais na construção das disciplinas escolares e permite apreendê-los em relação com os modos de educar da sociedade em que foram produzidos. Em Maria Auxiliadora M. S. Schmidt. *Estado e construção do código disciplinar da Didática da História*. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 709, jul./dez. 2006.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

periodização da História do Ensino de História e Rebeca Gontijo (2010), propondo um olhar sobre o Ensino de História na Primeira República (1889-1930).

Dando ênfase a nossa iniciação no PIBID, nesta vivência do Ensino no chão da escola, destacamos que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência é um projeto que tem como foco “(...) fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o fortalecimento da formação de docentes em nível superior e para melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira (CAPES, 2024, Art. 5º, nº I)”. Esse projeto parte da busca para qualificar o futuro educador, unindo a academia com a comunidade. É por esse direcionamento que vinculamos nossa metodologia, refletindo sobre a bibliografia e produzindo intervenções para nossas ações futuras na instituição de Ensino Básico.

Logo, a construção desse texto tem como base os conceitos teóricos de Didática da História (Cerri, 2010), Ensino de História, Consciência Histórica e Cultura Histórica, exploradas por Luiz Fernando Cerri (2011), que vão ser de suma importância para pensarmos a História do Ensino de História e como qualificaremos essas teorias enquanto profissionais do ensino em formação.

História do Ensino de História e sua estruturação didática no Brasil

O Ensino de História no Brasil foi constituído de diferentes fases ao longo dos tempos, em que o jogo de interesses políticos e as esferas de conservação dos modelos curriculares do ensino europeu se padronizaram nos ambientes educacionais. Dessa forma, o que direcionava o ensino e a aprendizagem era a formação de uma sociedade que vinculasse um ideal comum, em consonância com um projeto político nacionalista. Como também, a história dos “principais” indivíduos que fizeram parte da estrutura e História do Brasil, uma História com pensamento positivista europeia.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Portanto, a disciplina História se vincula ao Ensino de História, como formadora de uma Identidade Nacional. O que aponta Maria Auxiliadora M. S. Schmidt (2012), utilizando-se do conceito de “código disciplinar” de Fernandez Cuesta (1998) para uma periodização do Ensino de História no Brasil ao longo dos tempos: “Pode-se afirmar que a construção do código disciplinar da História no Brasil tem como marco institucional fundador o Regulamento de 1838 do Colégio D. Pedro II, que determinou a inserção da História como conteúdo no currículo (SCHMIDT, 2012, p.78)”.

A partir das ideias de Maria Auxiliadora M. S. Schmidt é possível analisar a História do Ensino de História no Brasil e se deparar com as diversas complicações históricas ocorridas ao longo dos tempos. Complicações essas que caracterizaram uma sociedade e espaço, que foram explorados em detrimento de um desenvolvimento natural. Luiz Fernando Cerri, em seu texto “*Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática*” (2010), discorre sobre “O fenômeno social do Ensino de História surge no contexto da construção deliberada de identidade nacional, durante o processo de construção da soberania popular, em detrimento da soberania real (2010, p. 264)”.

Com isso, o Ensino de História vai ganhando força em seus discursos a partir da movimentação popular contra um regime monárquico, e em apoio à República. Tornando-se assim a busca por uma construção dialética de uma identidade que vai se afluando em apoio aos militares que estavam a frente dessa luta, por interesses políticos e sociais.

No Brasil, o surgimento em uma sociedade escravista e aristocrática criará uma espécie de “código genético” dificilmente combatido ao longo de tantos anos: esse código – que poderíamos chamar, junto com Cuesta Fernandez – de código disciplinar, é caracterizado, no Brasil das transições “pacíficas” e pelo alto, pela busca de uma identidade assimiladora, unificadora, colaboracionista, ao contrário de identidades mobilizadoras, por exemplo, para a guerra (CERRI, 2010, p. 264).



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Esse surgimento do Ensino de História apresentado pelo autor repercute em uma sociedade de estrutura desigual, caracterizada pela hegemonia do poder centrado nas mãos de um soberano sobre o outro ou conjunto, o que ficou caracterizado nos períodos monárquicos, arraigado pelas raízes da nossa história, uma história de exploração.

É sob essa perspectiva, elaborada pelo olhar da sociedade republicana, que há a intensificação por um “código genético”, ou seja, uma identidade de um povo, que viabilizasse um ideal coletivo, discursos e práticas em união do “bem comum”. Luiz Fernando Cerri aponta que “O ensino de História participa, portanto, como instrumento, da construção de identidades, que são ao mesmo tempo de solidariedade e de assassino (2010, p. 265)”. Essa dualidade acontece como suposta preocupação com a qualidade social e, ao mesmo tempo, com projetos ativos que defendam o ideal e o espaço da pátria sobre quaisquer ameaças ou conflitos guerrilheiros. Haja vista que o Ensino de História é gerado por determinadas características de um espaço e tempo, com suas especificidades que envolve cada estrutura social em seu contexto. Com a República, quando o direcionamento do ensino buscava despertar no indivíduo o interesse de atuar no meio social, se identificando com o projeto de nação desenvolvido e pensado pelos agentes republicanos (Gontijo, 2006).

Neste sentido, o ensino da disciplina História é apresentado como um tipo de História homogênea, em que a valorização da imagem e legado das “grandes” figuras, foram conservadas como heróis, passando como ensinamento para as novas gerações – o que pode ser visto ainda no tempo presente, como heranças em nomeações de ruas, hinos/canções, esculturas, memórias, que foram conservando a história desses personagens –, como também, a luta e defesa frente ao território nacional.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Outro fator importante a se destacar durante a República é que havia uma escassez de fontes de documentos para pesquisa e referência da História Nacional, o que também dificultava o desenvolvimento de novas aptidões teóricas e metodológicas para a escrita e o Ensino da História Nacional (Gontijo, 2006). Com isso, é válido salientar que quem ocupava os cargos para da escrita e do Ensino de História no Brasil não eram historiadores formados, mas sim profissionais de áreas diversas, como médicos, bacharéis em direito, engenheiros, literatos, que dominavam a arte da escrita e do saber da História Nacional, que tinha em comum o ideário do projeto de nação articulada pelos republicanos (Gontijo, 2006). Esses indivíduos se dedicavam à História da nação, buscando o entendimento a partir das narrativas estudadas e disseminadas como ensino (Gontijo, 2006).

Durante a Primeira República (1889-1930) o Ensino de História era voltado para a preservação de “grandes” figuras e da defesa da pátria como projeto civilizatório, como também de problemas voltados para definição de quem era o povo brasileiro, a busca por uma identidade. Para isso, a principal fonte para produção historiográfica era o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

Nas primeiras décadas republicanas a principal referência organizacional para os estudos históricos era o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838. Ao longo do século XIX, sua tarefa havia sido estabelecer uma história da nação brasileira capaz de lhe garantir uma identidade própria em relação ao conjunto das Nações civilizadas. Identidade capaz de se impor tanto externa quanto internamente (GONTIJO, 2006, p. 5).

Com a Proclamação da República (1889), passa a ser difundido um novo meio de pensar a História. Buscou-se denunciar os atrasos na escola e no ensino durante o período monárquico, que com a República passou a ser o novo agente para regenerar os indivíduos e a nação, com seu projeto civilizatório de construção do Estado Nação (Gontijo, 2006).



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

As três primeiras décadas do século XX são constituídas por uma historiografia com visão negativa, positivista e de ideário nacionalista. Assim, como discorre Rebeca Gontijo: “a escrita da História nas primeiras décadas republicanas também era vista como algo indissociável da ação política (2006, p. 6). Ou seja, o interesse político em manobrar as massas populacionais, vinculando a uma forma nacionalista e civilizatória, por meio da educação escolar que se formava um projeto de nação, é o que vai ser caracterizado posteriormente.

Após a revolução de 1930, houve a necessidade da busca por reformas no ensino e nas escolas. Com o fim do regime federativo e o poder político centralizado agora no Governo Federal, Getúlio Vargas direciona a política nacional para um processo de modernização, que incluía o ensino dentro dos ideários de sua política (Schmidt, 2012).

Esse movimento consolida-se com a Revolução de 1930, no bojo do movimento de defesa da importância da educação para a formação do cidadão e o desenvolvimento do país. Entre as bandeiras de luta dos educadores brasileiros deste período, estavam a necessidade da difusão da escola, principalmente a escola pública; a formação profissional dos novos mestres e a renovação pedagógica (SCHMIDT, 2012, p. 79).

Com o período de consolidação do código disciplinar da História no Brasil, a disciplina História foi colocada de forma obrigatória em todas as escolas, o que durou da revolução de 1930 até 1971. Esse período é marcado por renovações metodológicas para o professor, nos procedimentos de motivação ao alunado, como também, a relação dos conteúdos trabalhados com o tempo presente (Schmidt, 2012).

Durante as décadas de 1960 e 1970, quando o ensino de História passou novamente por modificações, foi quando os militares, com a Lei 5.692/71 (Brasil, 1971) – Nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que forneceu as diretrizes de bases do ensino



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

de 1º e 2º graus no Brasil, assinada em 11 de agosto de 1971 e publicada no dia 12 de agosto de 1971 –, unificaram a disciplina História e Geografia, passando agora a figurar como Estudos Sociais, limitando-se a características reflexivas sobre o atual cenário do Brasil e seus conteúdos.

O período entre 1964 e 1984 foi o momento em que perdurou os Estudos Sociais, que veio a ser rompido com “(...) um grande movimento de resistência e luta pela volta do ensino de História nas escolas brasileiras, configurando um novo momento na construção do código disciplinar da História (SCHMIDT, 2012, p, 86)”.

Por outro lado, o período citado anteriormente, segundo Luiz Fernando Cerri (2010), foi marcado pela força militar na política brasileira e com a estratégia política da Doutrina de Segurança Nacional¹² que controlava diversos setores do ensino e do Ensino de História. Tinha como projeto idealizador um patriotismo controlador, direcionando a produção de mentalidades nacionalistas nas escolas, o que gerava uma identidade nacional fragmentada, com padrões de ideias, comportamentos robóticos coletivos, voltados ao domínio do controle militar.

Já na década de 1980 é incluída a democracia no Ensino de História, com debates e problemáticas referentes ao âmbito político e educacional. O Ensino de História passa a ser refletido em sua estruturação, abordagens, conteúdos, metodologias, organizando o conhecimento histórico como ferramenta para debates democráticos (Schmidt, 2012). Sobre o processo de redemocratização, Schmidt (2012) discorre:

A fase de reconstrução do código disciplinar da história pode ser contextualizada a partir de dois acontecimentos principais. O primeiro refere-se ao movimento de saída do país do período da ditadura militar e o segundo,

¹² A Doutrina de Segurança Nacional (DSN) foi uma estratégia política e ideológica que influenciou o Brasil durante a ditadura militar (1964-1985).



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

ao movimento de crítica aos Estudos Sociais, proposta que vigorava oficialmente na escola fundamental, desde 1971. Esse movimento contou com a participação de educadores e professores de História, sendo especialmente liderado pela Associação Nacional de Professores de História – Anpuh (2012, p.86).

Com a redemocratização, a Lei de Diretrizes e bases da Educação, nº 9.394 de 1996, proporcionou uma mudança nos currículos dos demais estados do Brasil. Com isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), na perspectiva estrutural curricular, passaram a ser pensados de forma mais ampla, rompendo com a forma tradicional, cronológica e linear, para a incorporação de eixos temáticos, com metodologias orientadas para o trabalho com imagens, músicas, fotografias, documentos escritos e aportes (Schmidt; Cainelli, 2009). Em contrapartida das ideias positivistas, o Ensino de História passa a ser desenvolvido com as teorias e metodologias da Escola dos Annales¹³, buscando tematizar e valorizar as visões plurais e críticas, com novas produções da História voltadas para o cotidiano dos alunos.

Assim, durante o período de 1980 ao fim de 1990 houve debates referidos às problemáticas de novas propostas ao Ensino de História, em que perspectivas teóricas e metodológicas- envolvendo a História dos movimentos sociais e do trabalho- como também a introdução da História temática é caracterizada pela Nova História. Sendo assim, o Ensino de História passa a ser vinculado a uma nova perspectiva, referenciando uma nova forma de ensino e aprendizagem que desenvolvesse interação do alunado com a realidade posta.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência como instrumento de formação de futuros profissionais do Ensino de História

¹³ A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico que surgiu na França, durante a primeira metade do século XX. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/escola-dos-annaes/>





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Com as mudanças ocorridas no ensino e a busca pela reflexão sobre a melhoria na estruturação do magistério, foi criado o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) desenhado no Brasil em 2007 pelo Ministério da Educação, sob a gestão da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (Brasil, 2007). Inspirado no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), o PIBID teve sua missão redefinida pela Lei 11.502/2007 para incluir ações de fomento à formação inicial e continuada de profissionais da Educação Básica e Superior, com o objetivo de incentivar e melhorar a formação de professores, ocasionando uma melhor qualidade na formação educacional (Silveira, 2017).

Partindo da problemática da formação de professores no Brasil, o PIBID é contextualizado, destacando-se a necessidade de políticas públicas mais eficazes para superar os desafios da docência e melhorar a qualidade do ensino. Nesse sentido, passa-se a analisar a formação inicial, a qual se concentrava em áreas específicas de licenciatura, sendo estas, ciências da natureza e exatas, destinadas às instituições públicas federais, buscando suprir a carência de professores nessas áreas e combater a evasão nos cursos (Silveira, 2017).

Desde então, o PIBID tem desempenhado um papel fundamental na formação inicial de licenciandos, promovendo a articulação entre teoria e prática no campo da educação. Por este viés, podemos visualizar como perspectiva o melhoramento no desempenho acadêmico – aplicando nossos conhecimentos teóricos na prática –, profissional e social.

Deste modo, aperfeiçoando o desenvolver das habilidades pedagógicas e práticas no ambiente educacional. Assim, buscamos refletir e analisar as formas para correlacionar a base teórica aprendida na universidade com a prática em sala de aula,



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

almejando contribuir, significativamente, com o aprimoramento coletivo com a comunidade escolar. Portanto, como é destituída na portaria da CAPES nº 90/24:

Art. 3º Os projetos fomentados pela CAPES no âmbito do PIBID são propostos por Instituições de Ensino Superior (IES), em articulação com as Secretarias de Educação, e desenvolvidos por grupos de licenciandos sob a supervisão de professores da Educação Básica e a orientação de docentes das IES (2024, p. 33).

Nós, bolsistas, que compomos o programa PIBID-História: licenciandos em História, tendo como supervisor do núcleo o professor Djalma Luiz e a coordenação, que faz parte do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) campus de Cajazeiras-PB, para mediar nossas ações no núcleo escolar E. E. E. F. M. Monsenhor Constantino Vieira (Comercial), em Cajazeiras-PB, levamos para a sala de aula ideias e abordagens inovadoras e tecnológicas, que podem vir a beneficiar o coletivo como um todo.

Pretendemos, enquanto bolsistas deste programa, alavancar nossa carreira profissional, oportunizando com essas experiências bagagem intelectual e laborativa, para melhor enfrentar os desafios do mercado de trabalho, que se apresenta como futuro próximo, assim que concluída a formação em Licenciatura Plena em História. Outro fator a se destacar é nossa disposição em contribuir com a aprendizagem da História escolar. Em suma, o programa é uma oportunidade para toda comunidade acadêmica/estudantil, mesmo limitada de vagas, apresenta-se como uma ferramenta impulsionadora do melhoramento nas bases do saber e nas condições do futuro educador.

Considerações finais

38





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Deste modo, nosso trabalho tem como fundamentação principal compreender a história do Ensino de História e o PIBID, como ferramenta de formação de futuros historiadores. Buscando refletir as nuances em que o espaço e tempo são percorridos com os aportes teóricos e metodológicos se moldando, com o advento das mudanças sociais, políticas e tecnológicas transformando o contexto atual.

Buscamos entender e refletir junto aos estudos de Luiz Fernando Cerri (2010), como o ensino é transpassado e transformado durante o tempo. Caracterizando o domínio do Estado, frente ao educador e o ensino escolar, para o qual um projeto de nação é sempre pensado e desenvolvido.

Logo, nosso estudo se caracterizou como porta de entrada para podermos entender como se desenvolveu o Ensino de História, como antecedente para aplicações de nossas ações ao programa do PIBID, na instituição de ensino básico. Pensamos em revisitar a História, por meio de bibliografias, para uma melhor compreensão das mudanças ocorridas com a estruturação pedagógica do Ensino de História no Brasil.

Referências

ABUD, Kátia Maria. Processos de construção do saber histórico escolar. *História & Ensino*, Londrina, v. 11, p. 25-34, jul. 2005.

BRASIL, 2007. **Lei nº 11.502, de 11 de julho de 2007**. Modifica as competências e a estrutura organizacional da fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

BRASIL, 1971. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm Acesso em: 26 de abril de 2025.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

BRASIL, **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 26 de abril de 2025.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 174 p.

CAPES - Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal De Nível Superior. Regulamento do Programa Institucional de bolsa de iniciação à Docência. Portaria nº 90, de 25 de março de 2024.

CERRI, Luis Fernando. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. **Revista de História Regional**, p. 264-278, 2010.

_____. **Ensino de história e consciência histórica** / Luís Fernando Cerri. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 47-55. (Coleção FGV de bolso. Série História).

FARIA, Ronair Justino de; ALMEIDA, Vasni de; SILVA, Cícero da. Cultura Escolar e Ensino de História: Concepções e Reflexões. **História: Questões & Debates**, [S.l.], v. 70, n. 1, p. 331-356, fev. 2022. ISSN 2447-8261.

GONTIJO, Rebeca. *Historiografia e ensino da História na primeira república*: algumas observações. In. **XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ**, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. S. História do Ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista de História da Educação**, Porto Alegre, v.16, n. 37, p.73-91, mai./ago. 2012.

_____. CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2009. 199p.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

SILVEIRA, H. E. da. (2017). Memórias sobre o Pibid: concepções, criação e dinâmica de funcionamento (Memories about Pibid: conceptions, creation and dynamics of operation). *Crítica Educativa*, 3(2), 50-62.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

História social da propriedade: os conflitos por terras no Ceará no século XIX

Verônica Araújo Vieira Ferreira¹⁴

Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez Reis (Orientadora)¹⁵

Introdução

A pesquisa trata sobre disputas por terra, mais especificamente no Ceará e no decorrer do século XIX, por se tratar de um período em que são percebidas mudanças nas relações sociais que dizem respeito o estabelecimento da propriedade privada, e que representou para muitos um choque social que acabou provocando alterações no desenvolvimento e na formação de novas propriedades, além de intervir fortemente nas estruturas de poder e nas relações sociais da região. Momento este, que a terra deixou de ser somente um bem material, e se transformou em sinônimo de prestígio e poder. Em uma sociedade ainda com resquícios da época colonial, a terra se tornou símbolo de autonomia.

Nesse contexto, a imprensa(jornais) do século XIX em específico no Ceará, exerceu um papel de fundamental importância na mediação desses conflitos. Os jornais exerciam o papel de “Grande júri”¹⁶ onde as pessoas envolvidas nesses conflitos vinham a público através dos jornais, se defender, e proferir acusações. Através de uma vasta pesquisa feita na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, no Jornal Pedro II¹⁷, várias ocorrências

¹⁴ Universidade Regional do Cariri, email: veronica.ferreira@urca.br

¹⁵ Universidade Regional do Cariri, email: anaisabel.reis@urca.br

¹⁶ Expressão utilizada por historiadores para designar a função informal dos jornais como instâncias de julgamento moral e político na esfera pública.

¹⁷ “Jornal fundado em 1840, vinculado ao Partido Conservador. Circulou em Fortaleza com forte atuação política durante o século XIX. Fonte disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.gov.br>.”





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

que evidenciam diversos conflitos motivados, em sua maioria, por questões envolvendo terras. Ao todo, foram encontradas mais de 3 mil ocorrências, que destas foram transcritas aproximadamente 127 ocorrências.

Dentre essas, as temáticas que mais se destacavam Venda e/ou compra de terra, e principalmente disputas por terras. E é nesse ambiente que surge a imagem do Padre Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa, conhecido popularmente como Padre Verdeixa, personagem principal dessa pesquisa. Este que era envolvido em disputas motivadas por questões envolvendo terras e embates políticos, Verdeixa foi bastante citado na imprensa local, tanto como alvo de acusações, quanto também fundador de jornais e Pasquins que defendiam seu posicionamento político e denunciava seus adversários.

Em meio a essas ocorrências, foram selecionadas algumas, em específico, relacionadas a um conflito por terra entre uma viúva chamada Isabel Maria da Conceição e um sacerdote Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa, mais conhecido popularmente como “Padre Verdeixa” em uma localidade chamada Guaiúba, na época, distrito de Pacatuba. Onde estes entraram em conflito por conta de uma dita propriedade que de acordo com as notícias era da então viúva Isabel Maria(Pedro II), que estaria sendo invadida pelo padre Verdeixa e ele estaria ameaçando a ela e a seus filhos.

O caso, que foi amplamente divulgado pela imprensa, motivou o aprofundamento da análise a respeito do papel exercido pelos jornais na construção da imagem do Padre Verdeixa, que além de aparecer como alvo de críticas e acusações em diversos jornais, também escrevia os seus- A Liberdade e O Juiz do Povo- os quais eram usados como meio de defesa própria, para combater seus adversários, essa principalmente políticos, levando em consideração que o Padre Verdeixa fazia parte do Partido Liberal, e era totalmente contra os ideais do Partido Conservador e quem o compunha. Revelando



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

assim, a relação que existia entre religião, imprensa e política no Ceará, em um contexto de grande rivalidade entre esses partidos.

Além dos jornais citados, foram consultados fontes de cunho literário e bibliográficas que contribuíram para a construção da imagem multifacetada do sacerdote Alexandre. Como a exemplo: O Ceará: lado cômico (João Brígido), Adagiário Brasileiro (Leonardo Mota), Canoa doida (Airton de Faria) e Padre Verdeixa; profeta dos sinistros ou anarquista indomável? (Erigutemberg Meneses) que ajudam a perceber como ele era visto e descrito pela historiografia e também na cultura popular.

A terra como símbolo de poder no século XIX.

Questões envolvendo terras no Ceará do século XIX acabam revelando aspectos importantes no que diz respeito a formação da propriedade privada e das disputas que surgem a partir da consolidação do modelo liberal de organização social. A terra, até então estava mais ligada ao sustento, era de onde as famílias tiravam os seus mantimentos, construíam suas casas. Mas, nesse período a terra além dessa função, passou a representar poder político, status social e acesso a espaços de decisão. Quanto mais terras um indivíduo tivesse mais rico ele era, mais poder ele tinha e mais ascensão na sociedade ele teria. Dentro desse contexto, os conflitos motivados por questões envolvendo terras tornaram-se frequentes e, acabavam ganhando visibilidade através da imprensa local, que funcionava como local de exposição pública e disputas de narrativas.

A imprensa oitocentista como fonte histórica



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

O que evidencia a importância e o reconhecimento da imprensa(jornal) como fonte de análise e estudo de alguns historiadores, que até a década de 1979¹⁸ era pouco explorada, ou nem chegava a ser considerada como fonte, por ser considerada por muitos historiadores uma fonte sem objetividade, neutralidade, autenticidade, credibilidade, e por estar próxima a seu tempo. Os jornais não se enquadravam naquilo que se esperava das fontes e que o historiador deveria encontrar em uma fonte. A própria Escola dos Annales criticava a imprensa como mecanismo de produção do saber histórico.

Essa crítica advém da complexidade do uso dos jornais como fonte a ser trabalhada, ao usar os jornais em específico como fonte, o historiador deve levar em conta o contexto em que foi escrito, quem o escreveu, entender o que motivou a escrita daquele periódico, dentre outros fatores. Vale lembrar, que anteriormente a imprensa era tomada como instância subordinada a classes dominantes, mera caixa de ressonância de valores, interesses e discursos ideológicos. Esses fatores, contribuíram para aumentar o desprezo que os profissionais da área sentiam pela imprensa.

Pode servir de exemplo o próprio jornal Pedro II, que surgiu em 12 de setembro de 1840, utilizado como uma das principais fontes desse trabalho era um veículo de informação da política conservadora, disseminava ideias ligadas a ordem, constituição, monarquia e os direitos dos cearenses. Os redatores do Pedro II, julgavam-se no direito de expor apreciações moderadas, prezando a apresentação previa dos programas dos partidos.

O caso Verdeixa e Isabel Maria: disputa e repercussão na imprensa

¹⁸ A crítica vinha sobretudo da Escola dos Annales, que valorizava documentos considerados mais objetivos e menos opinativos do que a imprensa periódica.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

O conflito por terra envolvendo o Sacerdote Verdeixa e a viúva Isabel Maria da Conceição, é só um dos muitos exemplos encontrados através desta pesquisa. Este caso que ocorreu na povoação de Guaiúba, na época distrito de Pacatuba, foi como na maioria dos casos levado à justiça que era a responsável por manter a ordem e assegurar os direitos de propriedade das pessoas, e teve grande parte de seu desfecho divulgado no jornal (Pedro II). Onde tanto a viúva Isabel Maria deu sua versão dos fatos, acusando o sacerdote de ter invadido sua propriedade e de ameaçá-la e a seus filhos.

CÓPIAS DE CÓPIAS. -Ilm. Sr. Dr. Chefe de polícia¹⁹. -Isabel Maria da Conceição, viúva, residente na povoação da Guaiúba, districto da Pacatuba, vem perante V. S. Pedir protecção legal a sua segurança individual e direito de propriedade contra os quaes tem attentado o famigerado padre Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa, que ao mesmo tempo que invade e estrada a propriedade da supplicante, ameaça de açoutal-a com uma pêa, assim como aos filhos da supplicante, de quem se fez elle inimigo gratuito. -Para melhormente informar a V. S. Sobre a série de actos de provocação e de perseguição praticadas pelo padre Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa contra a supplicante, á ponto de levá-la á um estado de desesperação, ella remontar sua exposição às primeiras questões que tiveram lugar no anno passado. (Pedro II, 12 de agosto de 1870)

Quando o Padre Verdeixa também se pronunciou, defendendo-se das acusações proferidas pela viúva, afirmando ter sido ele o alvo das ameaças e perturbação de sossego.

No dia acima dito teve lugar com algum apparato a execução da ordem attentatoria dos direitos de propriedade do supplicante, executada pelo inspector da Guaiúba, que erguido pelo subdelegado á altura do magistrado, tirou-me grande parte d'ella, cedendo-a á seu arbitrio á uma mulher de nome Isabel Maria da Conceição, a qual, sendo minha vizinha, constantemente procura invadir a minha propriedade arguindo-me de estar de posse de

¹⁹ Transcrição literal do Jornal Pedro II, edição de 12 de agosto de 1870. A grafia da época foi parcialmente mantida para preservar o caráter documental.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

terrenos, que lhe pertencem por arrendamento. -Vindo á presença de V. S. Reclamarem se lhe garanta o exercício livre de seus direitos de propriedade, como prescreve a Constituição do Império, espera o supplicante que V. S. O socorra com a benéfica protecção que deve o poder aos governados. -O supplicante, além da violência e injusta privação de sua propriedade, supporta vexames e a falta de tranquilidade; e portanto, requer á V. S. O mais prompto desagravo,ordenando que sejam retiradas as cêrcas, ficando a sua propriedade sem a menor perturbação. (Pedro II, 12 de agosto de 1870)

A construção da imagem pública de Padre Verdeixa.

Esse conflito descortinava questões de terra, mas também deixava evidente a própria construção de versões para o caso e a produção de verdades ou mentiras nas páginas dos jornais, além de indicar muitos aspectos da constituição de reputações no século XIX. Por esta razão, a presente pesquisa também aborda a temática da imprensa e, em particular, os jornais, voltado à imagem de Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa, o “Padre Verdeixa”. Isso no Ceará, ao longo do século XIX, com foco na análise de como o jornalismo pode construir a imagem de uma pessoa, até mesmo interferir nesse processo e, em muitos casos, destruir reputações. Como é o que acontece em alguns casos encontrados nos jornais a respeito do sacerdote Verdeixa.

A partir disso, houve a curiosidade de pesquisar nos demais jornais pelo nome do Padre Verdeixa e analisar se apareciam mais ocorrências sobre ele e de que as tratavam. Nesta busca foi percebido o nome deste padre envolvido em diversos outros conflitos e não só por questões envolvendo terras. E, em meio a essas pesquisas foi revelado que o padre, além de ser muito mencionado em diversos jornais do Ceará no século XIX, também possuía os jornais “A liberdade” e o “Juiz do povo”²⁰, e redigiu diversos Pasquins como “O Monitor”, “O diabinho”, “O Condor” e “A onda”.

²⁰ Esses periódicos eram usados para se defender de ataques políticos e promover ideias do Partido Liberal, do qual o padre fazia parte.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

E que este além de sacerdote, chegou a se envolver no âmbito político atuando como Deputado provincial nas legislaturas de 1848 e 1868²¹, e como Juiz de paz na cidade de Baturité. Assim, iniciou-se mais uma fase de análise, para observar o que padre Verdeixa abordava em seus escritos e entender porque ele era uma figura tão falada, odiado por alguns e idolatrado por outros. Um exemplo dessa descrição pode ser visto no seguinte trecho:

Um terremoto. Ele foi um terremoto. Vindo das terras caririenses, o padre, jornalista e político Francisco Verdeixa, sacudiu o século XIX cearense.[...] Com sarcasmo, ironia e humor, o celebre Canoa doida- esta era a sua alcunha- expôs como poucos, as incoerências da sociedade local[...] Bateu duro na hipocrisia e no cinismo, sem meios-termos ou metáforas, sofrendo por isso varias ameaças, prisões e ate tentativas de assassinato.⁹

Disputas de narrativas: os jornais como campo de batalha política

Outra questão interessante que esta pesquisa considera é as disputas de discursos. Tendo em vista, que o Padre Verdeixa além de ter escritos a seu respeito, também possui jornais escritos por ele mesmo. Dessa forma, enquanto o Padre Verdeixa utiliza os periódicos “A liberdade” e “O juiz do povo” para escrever sobre si, e defender-se das acusações proferidas pelos demais jornais, outros jornais o atacam e difamam, sujando, de certa forma, a sua reputação, como é o caso dos jornais “O Ceará”, “O cearense”, “Pedro II”, “A república”, e “Correio da Assembleia provincial”.

²¹ A atuação política de religiosos era comum no Império, sobretudo em províncias com forte influência do clero na formação das elites locais.

⁹ A alcunha “Canoa doida”, atribuída ao padre Francisco Verdeixa, reflete seu estilo polemico e incisivo como jornalista e político no Ceará do século XIX. Sua atuação, marcada por críticas contundentes à hipocrisia social, rendeu-lhe tanto admiração quanto repúdio, culminando em perseguições e atentados. Para análises detalhadas sobre sua influência e conflitos, ver: Airton de Faria. Canoa doida.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

O viés político da época, era marcado pela rivalidade entre os partidos Liberal e Conservador, que também é pertinente, já que o Padre Verdeixa fazia parte do Partido liberal e deixava claro em seus escritos o seu posicionamento e a sua repulsa aos demais partidos e quem o compunha. Por isso, o objetivo deste artigo é analisar os jornais escritos por outros redatores como *O cearense*, *Pedro II*, *A república*, *O Ceará*, *Correio da Assembleia Provincial* buscando observar como eles descrevem a imagem do Padre Verdeixa de acordo com o que abordaram no decorrer de suas páginas. Pretende-se compreender qual era o ‘retrato’ do Padre Verdeixa segundo o que esses jornais apontam ao longo de suas páginas. Além disso, para analisar essa disputa de discursos os jornais do sacerdote Verdeixa serão fundamentais, como *A Liberdade* e *O juiz do povo* que mostram como este escrevia sobre si mesmo e as temáticas que abordava em seus jornais, principalmente questões políticas, revelando seu posicionamento.

Além disso, compreender tal atuação numa narrativa de cunho literário (livros) *O Ceará-Lado cômico*¹⁰ (João Brígido.1900.pg 1-36), *Adagiário Brasileiro* (Leonardo Mota.1987), *Canoa Doida* (Airton de Faria.2006), *Padre Verdeixa-Profeta dos sinistros ou anarquista indomável?* (Erigutemberg Meneses.2021).

O homem era todo desengonçado. Os não poucos desafetos diziam que se assemelhava ao tihoso chupando manga azeda num aperto intestinal. Ostentava uma cara “ossuda”, de queixo pontudo e olhos rasgados, embora com pupilas reduzidíssimas. As orelhas, agigantadas, pareciam querer alçar vôo. Alto, magro, pele morena, “musculatura esquelética”. Tinha as pernas finas, mãos e pés grandes. Movia-se atabalhoadamente, a cabeça sempre baixa, oscilava de um lado para outro; curvado, envergando uma sobrecasaca de

¹⁰ Obras utilizadas como apoio á análise da construção simbólica do Padre Verdeixa na memória cultural e histórica do Ceará.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

brim pardo, andava a passos curtos, porém rápidos, o que lhe valeu o célebre apelido de “Canoa doída.”¹¹

É analisado como o Pe. Verdeixa era retratado, e descrito nessa literatura mais ampla, observando como os autores de tais textos abordam a imagem, atuação e os conflitos que o sacerdote estava envolvido. Para assim, entender porque o Padre Verdeixa é considerado uma figura tão emblemática, conflituosa e multifacetada. E fazer, de certa forma, um paralelo entre os jornais e os livros.

Analisar a trajetória do Padre Verdeixa através dos livros e jornais, permite entender como estava a dinâmica do poder no Ceará, especialmente as disputas entre o Partido Liberal, que o Padre fazia parte e atuava ativamente de seus movimentos, e o partido Conservador a que este era rival, e ia contra seus ideais, o que o Padre deixava claro em seus escritos e discursos.

O Jornal A liberdade, citado como um de seus periódicos, publicou uma sentença que envolvia o Padre Verdeixa¹² como possível mandante de um homicídio, embora o juiz não tenha encontrado indícios suficientes para sua pronuncia.

Revogo o despacho[...] por quanto dos depoimentos das testemunhas [...] não resultão indícios vehementes[...] que o juízo tenha da existência do delicto, e de quem seja o seu autor, ou delinquente[...] sendo de ouvida vaga[...] que outros, e não o recorrente, e João Espingardinha, são os autores da morte de Vicente Felipe Sobral Macahiba (A liberdade, 1864).

¹¹ O trecho destaca a representação caricatural e crítica feita por seus desafetos, reforçando a imagem excêntrica e controversa do padre no imaginário cearense do século XIX. Ver: Airton de Faria. Canoa doída.

¹² Apesar de não ter o valor jurídico oficial, a publicação de sentenças em jornais buscava legitimar posições políticas diante da opinião pública.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Dessa forma, foi feita a análise da trajetória do Padre Verdeixa através dos livros e jornais, permitindo entender como funcionava a dinâmica do poder no Ceará, especialmente as disputas entre o Partido Liberal, e o partido Conservador .

Além disso, foi observado através desta pesquisa o papel que a imprensa atuava na época, como esta serve de mecanismo de defesa própria como é o caso do jornal do Padre Verdeixa, e também como meio de construir e destruir reputações. Enquanto alguns redatores usavam de seus jornais para destruir a reputação de Verdeixa, este usava o seu como meio de disseminar o “lado sombrio” do partido Conservador, denunciando os descasos visto por ele dos órgãos públicos da época, e também ideais religiosos de como devia ser a sociedade a seus olhos.

Considerações finais

Os resultados desta pesquisa ainda estão sendo estabelecidos, tendo em vista que esta está apenas no começo e se trata de um estudo minucioso e demasiadamente longo, onde além da literatura já mencionada aqui e os jornais citados deverão ser lidos outros meios e outros textos. Mas, já é nítido que a relevância deste trabalho reside na necessidade de discutir a importância de figuras religiosas que marcaram a história do Ceará, muitas vezes esquecidas, como é o caso do Padre Verdeixa, que desempenhou um papel importante não só no âmbito religioso de fato, tendo em vista que este era envolvido na política e na imprensa. Âmbitos estes que eram marcantes nessa época, e tinha grande influência no cenário local. Além disso, é importante observar o papel que os jornais desempenharam na época de forma crítica.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Referências

- BRÍGIDO, João. *O Ceará lado cômico*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1900. p.1-36.
- FARIA, Airton de. *Canoa doída*. Fortaleza: Expressão gráfica, 2006.
- MENESES, Erigutemberg. *Padre Verdeixa-Profeta dos sinistros ou anarquista indomável?* Fortaleza: Premium, 2021.
- MOTA, Leonardo. *Adagiário brasileiro*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1987
- MOTTA, Márcia Maria Menendes. *Direito à terra no Brasil: a gestação do conflito 1795-1824*. 2 ed. São Paulo: Alameda, 2012.
- A LIBERDADE. Fortaleza, 1864. Sentença publicada em matéria sobre Vicente Sobral Macahiba. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.gov.br> . Acesso em: 06 de maio 2025.
- O JUIZ DO POVO. Fortaleza, s.d. Periódico editado por Padre Verdeixa. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.gov.br> . Acesso em: 06 de maio 2025.
- PEDRO II. Fortaleza, 12 ago. 1870. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.gov.br> . Acesso em: 06 de maio 2025.
- O CEARÁ. Fortaleza, s.d. Jornal opositor ao Padre Verdeixa. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.gov.br> . Acesso em: 06 de maio 2025.
- O CEARENSE. Fortaleza, s.d. Jornal crítico á atuação política do Padre Verdeixa. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.gov.br> . Acesso em: 06 de maio 2025.
- A REPÚBLICA. Fortaleza, s.d. Periódico mencionado em disputas políticas. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.gov.br> . Acesso em 06 de maio 2025.
- CORREIO DA ASSEMBLEIA PROVINCIAL. Fortaleza, s.d. Jornal vinculado ao partido Conservador. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.gov.br> . Acesso em: 06 de maio 2025.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Ditadura e luta camponesa no Ceará (1964- 1985)

Lucas do Nascimento Alves ²²

Orientador(a) – Fábio José Cavalcanti de Queiroz²³

Introdução

Este trabalho aborda a luta camponesa, nomeadamente no Ceará, durante o período da ditadura empresarial-militar (1964-1985). Essa quadra histórica foi marcada pela repressão sistemática e pela violência estatal contra os movimentos sociais, com destaque para os camponeses, que se tornaram alvos importantes devido à sua organização, os seus métodos de luta e a sua reivindicação de direitos básicos, como o acesso à terra, à água, e, por fim, a melhores condições de trabalho.

A ditadura empresarial-militar – categoria histórica trabalhada por alguns autores para caracterizar o período, a exemplo de Queiroz (2015) - representou um momento de intensificação do controle político e social, gerando um cenário de silenciamento, desaparecimentos forçados e violência física e psicológica, o que, em parte, explica a invisibilidade da resistência camponesa.

Estudos mais recentes – como o de Rubens Valente (2024) - mostram que cerca de 1654 camponeses foram mortos ou desapareceram durante esse período, um número que ultrapassa as estimativas previamente divulgadas pela Comissão Nacional da Verdade (CNV). Esse dado por si expõe de forma nítida a gravidade da situação e a

²² Aluno universitário, graduando, Grupo de estudos marxistas, lucas.nascimento@urca.br.

²³ Fábio José Cavalcanti de Queiroz, E-mail: fabio.queiroz@urca.br





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

necessidade urgente de revisão histórica. A professora Goldfarb Yamila (2020) contribuiu para esse debate ao defender que a reconstrução da memória camponesa é fundamental para romper com essa invisibilidade política. Para ela, é essencial visitar e reescrever a história sob a perspectiva dos camponeses, destacando as suas estratégias de resistência, a sua organização.

A pesquisa intitulada “DITADURA E LUTA CAMPONESA NO CEARÁ (1964-1985), de feito, se propõe a investigar essa complexa relação entre a ditadura burguesa-militar e a luta camponesa no Ceará. Esse Estado, sendo historicamente marcado pela concentração fundiária e pelas desigualdades sociais no campo, se tornou um cenário de resistência camponesa em meio à repressão política do regime discricionário.

Aqui, o centro da investigação passa por examinar as trajetórias de dois líderes camponeses cearenses, vítimas do regime de exceção. Com o apoio em materiais da Comissão Especial de Anistia Wanda Rita Othon Sidou, trata-se de examinar os itinerários de Vicente Pompeu da Silva e José Rodrigues Araújo, lideranças sindicais camponesas, que à sombra das fardas, foram capturados e encarcerados pelos órgãos de repressão do Estado.

Objetivo

Este trabalho tem como objetivo central explorar e aprofundar o estudo da luta camponesa no Ceará durante o período da ditadura empresarial-militar (1964-1985), com um enfoque especial nas trajetórias de dois líderes camponeses, personagens relevantes para compreensão do processo de resistência camponesa: Vicente Pompeu da Silva e José Rodrigues Araújo. Essas figuras são representativas da resistência camponesa contra as estruturas de opressão impostas pelo regime burguês-militar, e as suas



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

histórias ajudam a iluminar um capítulo fundamental da história social e política do Brasil, especialmente no que se refere às tensões entre o poder estatal e os movimentos de base que lutavam por direitos essenciais, como a reforma agrária e/ou o acesso à legislação social e trabalhista.

Os objetivos da pesquisa estão nitidamente delineados, com o intuito de fornecer uma compreensão das dinâmicas de repressão e de luta de resistência no campo cearense durante um dos períodos mais brutais da história republicana brasileira. O primeiro e mais amplo objetivo é estudar essa luta camponesa a partir das trajetórias de líderes como Vicente Pompeu e José Rodrigues. Esses dois líderes simbolizam a coragem e a determinação dos camponeses em um contexto de graves violações de direitos humanos, sendo suas histórias fundamentais para a reconstrução desse período.

Posto isso, o trabalho tem como primeiro objetivo reconstruir os conflitos no campo cearense durante a ditadura patronal-militar, por meio da análise de documentos históricos, como relatórios oficiais, arquivos de jornais e, principalmente, relatos arquivados de líderes camponeses. Esta abordagem busca esclarecer eventos muitas vezes silenciados pela narrativa oficial, além de dar voz às experiências de luta camponesa, essenciais para uma compreensão mais justa desse período. A reconstituição desses acontecimentos é fundamental não apenas para documentar a história, mas também para valorizar as memórias das vítimas e de suas comunidades.

Além disso, a pesquisa investigará a atuação da ditadura empresarial-militar contra o movimento camponês, analisando documentos oficiais do regime, relatórios de órgãos de repressão, depoimentos recolhidos pela comissão de anistia no Ceará e jornais da época. Por fim, e não menos relevante, busca-se contribuir para a memória e justiça



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

social, trazendo à tona as vozes marginalizadas dos camponeses, traduzidas em Vicente Pompeu e José Rodrigues.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando levantamento bibliográfico e análise documental. O levantamento bibliográfico envolve a consulta a livros, e artigos acadêmicos que dizem respeito ao poder burguês-militar e à luta camponesa. A análise documental inclui a análise de relatos dos líderes sindicais, documentos oficiais, e materiais de organizações camponesas. Esses documentos, no essencial, compõem o trabalho da Comissão Especial de Anistia Wanda Rita Othon Sidou, e estão sob a guarda do Arquivo Público do Ceará, e foram devidamente acessados e digitalizados.

Isso expresso, a pesquisa está mediatizada tanto pelo uso de materiais de arquivos públicos como privados. Essa metodologia canaliza para uma maior possibilidade de compreensão da interiorização da ditadura pelo Ceará profundo, bem como das experiências vividas pelos camponeses e de suas dinâmicas de resistência. Por fim, o uso de fontes primárias e secundárias enriquece o horizonte da análise e proporciona uma visão mais abrangente do contexto histórico.

Este é um estudo de classe. Da classe camponesa. Sabemos o quanto ela é heterogênea. Mas topamos o desafio. Para esse tipo de estudo, como advertiu Ciro Flamarion Cardoso (1997), surgem conceitos fundamentais como modo de produção, formação econômico-social e classes sociais. Com base nesse escopo, buscamos as mediações necessárias para reconstituir a história.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Como sabemos, não há apenas um só caminho para entrarmos na casa da história. Neste texto, indicamos uma das formas possíveis. Partimos de processos na comissão de anistia, no Ceará, para tentar reconstituir a luta camponesa, inclusive sua resistência ao poder militar. Dito de outro modo, partindo da trajetória de Vicente Pompeu da Silva e José Rodrigues Araújo, pretendemos examinar as perseguições políticas sofridas pelos camponeses no estado do Ceará, tomando como referência histórica o período de dominação empresarial-militar (1964-1985).

Para tanto, partimos não apenas de uma exposição geral das violências praticadas pelo sistema de poder militar-burguês, mas de como ela se evidenciou em lugares mais longínquos dos principais centros econômicos do país, focando na reconstituição dos conflitos no campo no interior cearense, bem como na ação do sistema coercitivo no sentido de sufocar qualquer nível de prática reivindicatória, ressaltando as particularidades da repressão e das formas políticas de resistência nessa parte do país.

Para alcançar esses objetivos analisaremos os processos referentes aos pleitos de Vicente Pompeu da Silva e de José Rodrigues Araújo junto à Comissão de Anistia, material disponibilizado pela Associação 64/68 Anistia-Fortaleza ao Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC). Posto isso, almejamos não só recobrar essa história pouco conhecida, mas dialogar com os esforços de se constituir uma ampla justiça de transição no Brasil, considerando que os seus limites comprometem o próprio escopo do processo democrático no país.

Resultados

De plano, constata-se que a quebra da legalidade constitucional, associada ao golpe de Estado de 1964, alcançou o Ceará, como não podia ser diferente, e culminou na





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

repressão brutal aos movimentos sociais, sobretudo ao sindical, chegando à zona rural e atingindo as lideranças camponesas.

Outro resultado importante constatado pela pesquisa em curso é que a ideologia antidemocrática inerente ao sistema de poder ditatorial enfronhou-se nos órgãos de segurança pública do Ceará, que não se furtaram a atuar com arrogância e violência contra líderes sindicais que vinham organizando a luta camponesa ainda no período que precedeu ao golpe de 1964.

Constatou-se, igualmente, que a formação-desenvolvimento de sindicatos camponeses, que vinha se desenhando desde o começo da década de 1960, sofreu um corte feroz com o advento da ditadura empresarial-militar, que não só limitou o funcionamento dessas entidades, mas reprimiu, de modo devastador, a ação dos líderes sindicais, que, dentre outras coisas, sofreram com o monitoramento, as prisões e a tortura.

Concluído o longo período de 21 anos do regime de exceção, criadas as comissões para investigar os crimes da ditadura e, em muitos casos, para reparar historicamente as perdas dos que sofreram os efeitos danosos dos “anos de chumbo”, o que se nota é que a reparação reclamada, por exemplo, por líderes camponeses, que sofreram com as diatribes do poder no período compreendido entre 1964 e 1985, tem enfrentado muitas dificuldades em espaços que deveriam fazer o devido restauro de direitos violados. Assim, enquanto Vicente Pompeu da Silva foi formalmente beneficiado com a reparação financeira, José Rodrigues Araújo não teve esse mesmo direito devidamente contemplado



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Conclusão

Ao analisarmos a trajetória da luta camponesa no Ceará durante a ditadura empresarial-militar (1964-1985), torna-se evidente que a repressão contra os trabalhadores rurais não foi um fato isolado ou periférico, mas parte estruturante do projeto político-militar instaurado no país. A ditadura, ao se aliar diretamente às elites agrárias e aos interesses do capital, promoveu uma verdadeira política de extermínio simbólico, político e físico contra aqueles que ousaram questionar as estruturas de poder vigentes no campo brasileiro.

Durante décadas, o silêncio imposto sobre a violência sofrida pelos camponeses cearenses foi construído tanto pela repressão direta quanto pela omissão da própria historiografia nacional. As primeiras iniciativas de investigação sobre as violações de direitos humanos na ditadura priorizaram, quase que exclusivamente, as experiências de perseguição urbana, principalmente contra estudantes, militantes partidários, jornalistas, intelectuais e setores médios. Por muito tempo, a dor e a resistência no campo foram relegadas a uma condição de invisibilidade histórica.

Nesse sentido, como bem afirma Yamila Goldfarb (2020), a reconstrução da memória camponesa é um ato político fundamental, pois rompe com a lógica de apagamento que recaiu sobre os trabalhadores e trabalhadoras rurais durante o regime autoritário. E mais: ao trazer à tona essas histórias, também desafiamos as narrativas oficiais que, muitas vezes, tentaram pintar a ditadura como um período de “ordem” e “progresso”, ocultando deliberadamente os mecanismos de violência empregados para garantir os interesses das elites econômicas.

O Ceará, estado marcado por uma longa tradição de luta camponesa, também foi palco dessa repressão. As histórias de Vicente Pompeu da Silva e José Rodrigues de



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Araújo são provas contundentes de como o Estado brasileiro, em conluio com o latifúndio, moveu seus aparelhos repressivos contra qualquer forma de organização popular no campo. Suas prisões, perseguições e torturas não foram eventos isolados, mas peças de uma engrenagem que visava desmontar as redes de solidariedade, mobilização e resistência dos trabalhadores rurais.

O caso de Vicente Pompeu da Silva é emblemático. Sua trajetória revela não apenas a coragem de um homem que, mesmo sob risco constante, decidiu se engajar na luta sindical, mas também o quanto essa escolha foi tratada como subversiva pelo regime militar. Sua prisão em 1964, seu retorno aos porões da repressão na década de 1970 e os relatos estarrecedores de tortura a que foi submetido revelam a face mais cruel de um Estado que não hesitava em utilizar métodos desumanos para conter a organização camponesa. A carta que Vicente escreveu à Comissão de Anistia não é apenas um documento burocrático; é, sobretudo, um testemunho de dignidade, resistência e fé na possibilidade de transformar o mundo.

Da mesma forma, a história de José Rodrigues de Araújo escancara outro elemento recorrente nesse processo: o caráter seletivo e excludente da chamada justiça de transição no Brasil. Seu relato de prisão, feita sob condições desumanas, e seu posterior adoecimento físico, com sequelas que carregou por toda a vida, mostram que a violência da ditadura ultrapassou os muros dos quartéis, produzindo marcas permanentes nos corpos e nas memórias dos sujeitos atingidos. Contudo, apesar da gravidade dos fatos, o processo de José foi encerrado sem que o Estado reconhecesse oficialmente sua condição de vítima, o que reforça a tese de que a transição democrática brasileira foi profundamente limitada e, em muitos aspectos, omissa em relação às populações rurais.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Esses dois casos, analisados detidamente, são representativos de uma realidade muito mais ampla e cruel. No Ceará e em outros estados do Nordeste, milhares de camponeses foram alvo da grilagem, das ameaças, dos despejos forçados, das perseguições e até do assassinato, tudo com a anuência ou a participação direta das forças repressivas do Estado. A ditadura civil-militar não apenas aprofundou as desigualdades no campo, como também consolidou um modelo de desenvolvimento excludente, baseado na concentração fundiária, na exploração dos trabalhadores e na violência estrutural.

Apesar disso, a resistência nunca deixou de existir. Assim como Vicente e José, inúmeros trabalhadores e trabalhadoras rurais enfrentaram a repressão com coragem, teimosia e esperança. Organizaram sindicatos, ocuparam terras, formaram associações e mantiveram viva a chama da luta por direitos, mesmo sob a constante ameaça das armas e dos porões da ditadura. Suas histórias são testemunhos de que, mesmo nos períodos mais sombrios da história, a força coletiva e a solidariedade são capazes de construir frestas por onde passa a luz da esperança.

Ao refletir sobre esses processos, também somos obrigados a reconhecer que as marcas da ditadura permanecem visíveis no presente. O modelo de concentração de terras, as práticas de violência no campo e a criminalização dos movimentos sociais são heranças diretas daquele período. A persistência de conflitos agrários, de assassinatos de lideranças camponesas e de um sistema judiciário muitas vezes insensível às demandas dos pobres do campo, mostram que a transição brasileira foi, em larga medida, incompleta.

Por isso, resgatar e dar centralidade às memórias dos camponeses perseguidos não é apenas um dever de justiça histórica, mas também um instrumento fundamental



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

para compreender o Brasil contemporâneo. Mais do que olhar para o passado, é uma maneira de iluminar os desafios do presente e de fortalecer as lutas que ainda se fazem necessárias na construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, justa e inclusiva.

Que as trajetórias de Vicente Pompeu da Silva e José Rodrigues de Araújo sirvam como faróis para as gerações que seguem na luta. Que suas memórias não sejam apenas lembradas como relatos de dor, mas principalmente como exemplos de resistência, dignidade e esperança. Afinal, como bem sintetizou Vicente, “não se deve deixar as chances de melhorar o mundo se perderem por medo”. É com esse espírito que encerramos este trabalho, certos de que a memória, quando mobilizada a serviço da justiça e da transformação social, se converte em uma poderosa arma de resistência.

Agradecimentos

Os agradecimentos se destinam ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-FUNCAP-URCA), que permitiu o desenvolvimento desta pesquisa. Expresso minha sincera gratidão ao professor Fábio José Cavalcanti de Queiroz, meu orientador, por sua dedicação, orientação cuidadosa e constante incentivo ao longo deste processo. Seu conhecimento e apoio foram fundamentais para a realização deste estudo.

Referências

GOLDFARB, Yamila. As violações de direitos humanos das populações camponesas: entre passado, presente e futuro, in: Edson Teles e Enan Quinalha (orgs.): **Espectros da ditadura**: da comissão da verdade ao bolsonarismo – São Paulo: Autonomia Literária, 2020.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

QUEIROZ, Fábio José de. **1964: O dezoito de brumário da burguesia**

brasileira, São Paulo: Sundermann, 2015.

VALENTE, Rubens. **60 anos do golpe militar**: estudo aponta 1654 camponeses mortos na ditadura. Entrevista com Gilney Viana, disponível em:

<https://apublica.org/2024/03>. Acesso em 27 set. 2024.

STEDILE, João Pedro (org.). A questão agrária no Brasil – interpretações sobre o camponês e o campesinato, São Paulo: Expressão Popular, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: história do regime militar brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

GONÇALVES, Danyelle Nilin. O preço do passado – anista e reparação de perseguições políticas no Brasil, São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LINHARES, Maria Yedda; TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Terra prometida – uma história da questão agrária no Brasil, São Paulo: Expressão Popular, 2021.

STEIN, Stanley J.; STEIN, Barbara H. A herança colonial da América Latina: ensaios de dependência econômica, tradução de José Fernandes Dias, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez. Os métodos da história, 6.ed., tradução de João Maia, Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

A Carnaúba - símbolo natural paisagístico e cultural no contexto histórico de Campo Maior – PI.

Francivaldo Pereira da Silva

Considerada no Nordeste como a árvore ‘da providência’, ou, ‘da vida’, pela possibilidade de aproveitar todas as partes desta planta, a carnaúba é um elemento presente no cotidiano da população e na história campo-maiorense. A gestão pública de Campo Maior destaca a importância dessa planta através do epíteto escolhido de “Terra dos carnaubais”. No século XX, o Piauí passou a inserir-se na dinâmica do capitalismo internacional através das atividades extrativistas da maniçoba, no centro-sul do estado, do babaçu, no vale do rio Parnaíba e da carnaúba, na região norte do Estado. Campo Maior, por conta dos seus vastos carnaubais, destacou-se com um dos mais importantes centros de cultivo (OLIVEIRA. 2015). A exploração local da carnaúba, promoveu o que era considerado o progresso econômico local, sobretudo por volta da década de 1930, e ainda por volta de 1940 – 1970– com menos impacto até hoje.

Apesar de não gerar mais lucros como nos tempos áureos, a atividade provinda do extrativismo vegetal e industrial da carnaúba continua a ser representativa para o comércio local. Entre outros, vende-se atualmente o produto básico da carnaúba, o ‘pó da palha’, em pontos do comércio como Armazém do Pó, na Praça da Bandeira, Armazém Pacífico e Armazém Brasil na Praça Gentil Alves. Encontra-se uma indústria de produção e exportação de cera de carnaúba, a Ceras Brasil, no povoado Alto do Meio, cerca de 6 km a distância do centro da cidade.

A relevância da carnaúba não se limita apenas a aspectos econômicos. Culturalmente, é um dos elementos presentes na paisagem urbana e rural de Campo



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Maior, bem como nas tradições, entre as quais já foram citados o mastro da festa de Santo Antônio, como também a cobertura das barraquinhas tradicionais. Consta que a utilização de um tronco de carnaúba como mastro começou na década de 1940, período que coincidiu com o progresso econômico local baseado nas atividades ligadas a esta planta.

O trabalho de extração da palha de carnaúba é realizado ainda de forma manual. A ferramenta usada é uma vara comprida com uma foice afixada em sua ponta. A palha retirada do tronco é levada em carroças até um campo destinado a sua secagem ao sol por alguns dias. Feito isto, a palha é levada a uma sala onde é batida para a retirada do chamado 'pó' ou como alguns dizem 'olho do pó'. O trabalho emprega pessoas de todas as idades, que costumam receber por produção. Apesar de ser proibido, há denúncias de casos de trabalho infantil e de exploração do trabalho, e as difíceis condições de trabalho são pouco abordados – nem nas mídias nem no ambiente escolar.

A atividade econômica e cultural relacionada à carnaúba não é recente e remonta provavelmente a tempos anteriores à colonização européia. Arraijada nas atividades econômicas do Piauí, a carnaúba é utilizada amplamente, segundo o texto do memorialista Renato Castelo Branco, escrito em 1942, intitulado 'A civilização do Couro':

A CARNAÚBA

Quem fala em carnaúba, hoje, pensa imediatamente na cera, produto de possibilidades incalculáveis, que figura como um dos principais esteios da exportação de vários Estados nordestinos, inclusive e, sobretudo o Piauí. Este aproveitamento, porém, só veio posteriormente com o advento da indústria extrativa. Para os primeiros colonizadores, ela significava muito mais: era a estaca abundante e maravilhosamente adequada para a construção de currais, nas chapadas de flora raquítica, onde, além da carnaúba, muitas vezes só se encontravam talos e cipós. Da carnaúba ainda, fizeram seus ranchos e suas casas, aproveitando desde o tronco para vigas, esteios e paredes, até a palha, para cobertura do teto e divisões interiores. Da carnaúba, ainda, fizeram



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

esteiras, chapéus de palha, cofos, velas, peneiras, corda e uma infinidade de outros objetos de preciosa utilidade. (CASTELO BRANCO, 1942.p. 187)

Uma expressão artesanal dentro do universo da diversidade produtiva da carnaúba pode ser verificada na prática, nas atividades desenvolvidas na oficina pertencente ao sr. Genésio Romão da Silva, localizada no bairro de Lourdes, em Campo Maior. Há quase trinta anos o mestre trabalha na fabricação de vassouras, feitas de madeira, palha de carnaúba e barbante. Para o seu ofício, o artesão adquire a matéria-prima, a palha, nos carnaubais do Alto do Meio (povoado próximo a sede municipal) e o barbante para amarrar a palha, numa viagem que ele costuma fazer regularmente ao Maranhão. Atualmente, Seu Genésio trabalha sozinho - vez por outra algum rapaz o auxilia, recebendo diárias. Em conversa sobre a sua profissão, ele afirma que antigamente empregava um maior número de pessoas, ofertando a chance do primeiro emprego para muitos rapazes dessa área da cidade (Bairro de Lourdes). Ele vende seu produto para comerciantes locais que o costumam revender em outros municípios vizinhos e mesmo em outros Estados.

Figura 1: Confeção artesanal de vassouras, Campo Maior-PI.



Fonte: Silva, 2021.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

O progresso proporcionado pela carnaúba alterou a estrutura urbana e social de Campo Maior, contribuindo para o crescimento de seu núcleo urbano, bem como também para a diversificação das atividades comerciais locais, pois a movimentação econômica em torno da extração e exportação da carnaúba fez com que diversas casas comerciais fossem instaladas em Campo Maior.

O rápido e passageiro progresso econômico da cidade influenciou no surgimento, na expansão e na decadência da prostituição na Rua Santo Antônio. Do começo de 1940 até o fim de 1960, foram anos de prosperidade para a economia do município, graças principalmente a cera de carnaúba e a pecuária. A criação do Frigorífico do Piauí S/A (FRIPISA), a instalação do Segundo Batalhão de Engenharia e Construção (2º BEC), realização dos governos Estadual e Federal, que geraram vários empregos, sem falar nos investimentos de caráter privado que foram muitos. O comércio cresceu consideravelmente nesse período, tendo, pois, importantes casas comerciais, como a “Casa Marc Jacob S/A”, “Casa Inglesa S/A”, “Casa Morais S/A” entre outras casas, desenvolvendo até mesmo outro tipo de comércio: *como do sexo*, que se fazia presente na rua dos planetas”. (CHAVES, p. 27)

Outros aspectos do cotidiano da cidade de Campo Maior se desenvolveram relacionados ao ciclo da carnaúba, como escreve o historiador Celso Chaves em seu livro “A urbanização em Campo Maior 1930 a 1970”. Como já mencionado, a prosperidade pela exploração da carnaúba, estimulou entre outras atividades, a prostituição.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Figura 2: Aspecto da Rua Santo Antônio, Campo Maior-PI.



Fonte: Silva, 2021.

Estruturalmente, a cidade de Campo Maior passou por mudanças em seu aspecto urbano, experimentando diversas melhorias, como o calçamento de ruas, construção e arborização de praças, serviços de água e luz, ainda que de forma precária, além da construção e modificação de prédios, e novos espaços para o lazer (cinema, passeio públicos pela Praça Rui Barbosa).

Essas modificações econômicas e sociais advindas da comercialização da cera no Estado, também trouxeram muitas melhorias urbanas para Campo Maior que tiveram início a partir de 1930 associadas às transformações que ocorriam no Brasil e no mundo que iam chegando aos poucos na pequena cidade que em muitos de seus aspectos predominavam traços e características ruralistas, haja vista que a política era dominada pelas elites locais, ricos fazendeiros e coronéis que interferiam na administração da cidade. (JESUS, p.34)



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

O discurso do 'progresso' associa-se ao momento da extração, transformação e comercialização da carnaúba e sua cera, mas, ressalta as permanências das tradicionais estruturas sociais e políticas da cidade. O texto destaca o surgimento da nova elite local, alicerçada na carnaúba, em embate com o antigo grupo dos fazendeiros de gado, como evidencia, entre outros, Heitor Castelo Branco em seu livro Paz e Guerra na Terra dos Carnaubais (1992).

O presente artigo advém do produto educativo incluído na dissertação "Um Campo (Maior) de possibilidades: Por outras narrativas no ensino de História Local em Campo Maior – Piauí, e traz a proposta de aplicabilidade de atividades em sala de aula relacionadas ao conteúdo exposto, a respeito de temáticas históricas e culturais locais. Seguem as atividades propostas:

ATIVIDADE PROPOSTA

Na explanação da relação histórica, econômica e cultural de Campo Maior e a carnaúba, é trabalhada como unidade temática - O trabalho e a sustentabilidade na comunidade. As habilidades a serem desenvolvidas: Identificar diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive, seus significados, suas especificidades e importância (histórias de vida e trabalho de vaqueiros, artesãos do couro, comerciantes de carne de sol). O objeto de conhecimento em evidência é a sobrevivência e a relação com a natureza.

Para o desenvolvimento da habilidade proposta, sugere-se atividades como:

* Apresentar a relação do ciclo econômico da carnaúba com o desenvolvimento comercial local



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

* Fomentar um debate sobre a presença da carnaúba, ressaltando sua função dentro da simbologia cultural (utilidades, eventos, ofícios)

* Escuta de narrativas da história de vida de artesãos e comerciantes da carnaúba e seus derivados.

*Elabore um texto que discuta a estrutura política em vigor no Brasil durante a República velha, e que reflita sobre o poder dos coronéis da carnaúba e seus embates com os capitães do gado. Para auxiliar o debate, sugestão de leitura: “Paz e Guerra na terra dos carnaubais”, de Heitor Castelo Branco.

*Relacione a atividade econômica da carnaúba com outros aspectos da sociedade de Campo Maior no período das décadas de 1930 a 1970. Identifique atividades relacionadas à carnaúba que ainda são presentes na atualidade. Pode-se ainda nessa atividade, realizar pesquisa evidenciando quais os produtos comercializados e suas respectivas propagandas/anúncios nesse período.

Considerações finais

A exploração da temática a respeito da carnaúba no cenário histórico e cultural da cidade de campo maior busca evidenciar a interdisciplinaridade e aspectos interculturais, haja vista que a exploração da carnaúba e seu simbolismo cultural agregam aspectos variados, no âmbito econômico e social. o trabalho infantil, exploração de trabalhadores e até prostituição gerados por essa atividade econômica desmistificam o glamour tão festejado por escritores que viam nessa atividade econômica um sinônimo de progresso. a temática interdisciplinar ainda alia estudos históricos com estudos sobre a paisagem natural dos carnaubais e os impactos socioambientais relacionados a essa atividade.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Referências

CASTELO BRANCO FILHO, Heitor. **Paz e guerra na terra dos carnaubais**. Teresina. Edições UFPI, 1992.

CASTELO BRANCO, Renato. **Teodoro Bicanca e A Civilização do Couro**. Teresina: Academia piauiense de Letras, 2016.

JESUS, Pauliana Maria. **A cidade dos desejos: reflexões sobre a modernização de Campo Maior v- PI (1930 – 1970)**. Teresina. Cancioneiro. 2020. 194 p.

NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**. v.1. Teresina: FUNDAPI; Fundação Monsenhor Chaves, 2007

OLIVEIRA, Natália. **Da matriz vejo a cidade: a igreja de santo Antônio em Campo Maior**. Teresina: Halley, 2015.

SILVA, Francivaldo Pereira da. **Um campo (maior) de possibilidades: por outras narrativas no ensino de História local em Campo Maior – PI**. Crato-CE, 2021.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Disputas pelo controle da mão de obra indígena no Ceará Colonial: conflitos entre religiosos e capitães-mores no século XVIII

Maria Aparecida de Sousa ²⁴

Orientador(a) – Darlan de Oliveira Reis Junior²⁵

Introdução

A colonização caracterizou-se por inúmeros conflitos, disputas e confrontos. As relações entre os colonizadores não eram homogêneas, foram marcadas por divergências quanto à administração colonial e ao uso da mão de obra indígena. Durante esse período, registraram-se constantes embates entre os colonos e os religiosos no que se refere ao controle da força de trabalho nativa (Pinheiro, 2000, p.54).

Para cada agente (Coroa, missionários, indígenas e colonos) se atribuía um significado distinto para a função dos aldeamentos. Para os colonos, as aldeias funcionavam como espaços de reserva de mão de obra, às quais recorriam sempre que necessitavam de trabalhadores para suas empreitadas. Além disso, envolviam-se com as mulheres indígenas. Para os religiosos, contudo, os aldeamentos possuíam a finalidade de conversão e a invasão do espaço realizada pelos colonos para a retirada forçada dos nativos para fins diversos, provocava um forte incômodo, pois interferia diretamente no seu domínio administrativo e espiritual (Almeida, 2010, p.73-76).

²⁴ Graduanda do curso de Licenciatura plena em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Membro do Núcleo de estudos em História Social e Ambiente (NEHSA). E-mail: aparecida.sousa@urca.br. A pesquisa trata-se de um projeto intitulado “Aldeamentos indígenas no Ceará Colonial (século XVIII)” do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

²⁵ Professor Dr. Darlan de Oliveira Reis Junior. E-mail: darlan.reis@urca.br



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Segundo Xavier (2010, p.57), as tensões entre missionários e outras autoridades civis se intensificaram ao longo do século XVIII. Contudo, tais desavenças já se manifestavam em períodos anteriores, como demonstra uma carta enviada em 26 de junho 1698 pelo frei Bispo de Pernambuco. Nessa correspondência, o bispo relatou aspectos da capitania do Ceará, entre eles a formação dos aldeamentos e ressaltou os conflitos persistentes entre os padres e os capitães-mores com seus soldados. Os missionários alegavam que esses agentes dificultavam o processo de aldeamento e catequese, uma vez que desejavam utilizar os indígenas para seus trabalhos e abusar sexualmente das mulheres nativas, ações que o autor da carta reprovou, classificando-as como “torpezas”.

Situaram-se algumas aldeias pelos religiosos da companhia, que ainda hoje se conservam, posto que não com aquele aumento, que puderam ter, se os padres as não largaram obrigados do mau tratamento dos capitães-mores e dos soldados, que experimentavam não só nas suas pessoas, mas também nas dos índios, e índias usando destas para as suas torpezas, e daqueles para as suas granjeiras, sem lhes satisfazerem o seu trabalho (Memória Colonial do Ceará, volume I (1618-1720), tomo II (1699-1720), p. 22).

Outro aspecto relevante naquele período dizia respeito às nomeações dos capitães-mores, considerando que a maioria das queixas se referiam a eles. Os registros da época demonstram os argumentos utilizados para obter o cargo. De acordo com Silva (2021, p.2), analisar o perfil exposto por esses atores é imprescindível para compreender o processo de conquista territorial, assim como as ingerências realizadas nos aldeamentos. Ademais, ao examinar tais documentos, torna-se nítido o perfil dos candidatos nomeados para ocupar o cargo articulava-se com a expansão territorial e as guerras travadas contra os povos originários.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Conforme Oliveira (2015, p.222-223), para ser nomeado como capitão-mor, era necessário cumprir determinadas etapas, na maioria dos casos. Quando o posto se encontrava vago, era lançado um edital convocando interessados, os quais enviavam cartas nas quais relatavam seus serviços prestados à Coroa. Esses documentos permitem identificar como os candidatos interpretavam suas próprias ações e como procuravam apresentá-las de maneira estratégica afim de convencer o Conselho. Ao final da consulta constava o resultado, em que os concorrentes eram ordenados por sua adequação ao cargo, considerando o primeiro da lista o escolhido para ocupar o posto.

É importante, antes de começar a análise, explicar a estrutura do documento em si e os aspectos gerais que o compõe. Toda consulta é formada pelo conjunto de serviços que os candidatos atestam terem realizado. Nessas folhas de serviços os suplicantes descrevem os postos que ocuparam, os seus anos de serviço, os lugares onde atuaram, suas titulações caso a tenham e outros aspectos mais particulares. (...) Após as folhas corridas dos suplicantes serem descritas, no final constava o parecer do Conselho Ultramarino, no qual os conselheiros colocavam em ordem crescente os suplicantes que se mostraram mais adequados a ocuparem o posto pretendido. Algumas vezes, o Conselho justificava o porquê de suas escolhas, outras, infelizmente não. Nem sempre o parecer do Conselho era unânime. Nessas ocasiões era colocada a lista dos suplicantes de acordo com a avaliação de cada conselheiro. Mostrando nesse caso que dentro do Conselho existiam divergências quanto à escolha de pessoas mais adequada a ocupar o cargo (oliveira, 2015, p.222-223).

Essa pesquisa tem como objetivo analisar as disputas entre colonos e religiosos pelo controle da mão de obra indígena no Ceará Colonial, durante o século XVIII. Para tanto, os documentos utilizados para fundamentar este estudo estão presentes no acervo do Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC), laboratório vinculado ao Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA). As fontes consistem em um conjunto de cartas reunidas na *Coleção Memória Colonial do Ceará*,



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

provenientes do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) e do Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC), disponíveis em formato textual.

Desenvolvimento do texto

Ao analisar tais candidaturas, percebe-se que os concorrentes frequentemente destacavam elementos específicos de sua trajetória e experiências para exaltar a própria imagem. É importante frisar que a prestação desses serviços não ocorria de forma unilateral: os interessados não os prestavam apenas por lealdade à Coroa, como se fossem meros cumpridores de ordens, eles também buscavam obter benefícios pessoais. Por essa razão, é possível observar nos registros os discursos revestidos de falsa modéstia, utilizados intencionalmente para angariar vantagens (Oliveira, 2015, p. 216-217).

Ao se colocar à disposição do rei, o sujeito tinha em mente que seus serviços iriam servir como moeda de troca para negociações futuras e que com isso poderia alcançar com mais facilidade mercês régias. (...) Assim, existiam, entre o vassalo e seu rei, laços de reciprocidade, que enquanto o primeiro se submetia ao serviço real na expectativa que seus feitos poderiam ser recompensados e com isso ter muito a ganhar; o segundo poderia permanecer como um centro de poder capaz de movimentar sujeitos que estavam em busca de ganhos materiais e simbólicos e colocá-los a seu serviço, e com isso, ampliar o seu poder também simbolicamente e economicamente. Por isso pode-se afirmar que se tratava de uma relação de reciprocidade, já que as duas partes se beneficiavam (Oliveira, 2015, p.216).

A partir do século XVIII, os vassalos passaram a adotar uma nova estratégia, redigiam em suas cartas com foco em seus serviços militares, com o intuito de alcançar seus favores reais. As descrições submetidas ao edital eram marcadas por um repertório de argumentos, cujo propósito era conquistar a “feição” da Coroa. Nelas, os suplicantes relatavam suas trajetórias pessoais, enumeravam os serviços prestados ao longo das suas



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

vidas e, ressaltavam os gastos financeiros particulares para a expansão do domínio português. Desse modo, traçavam um autorretrato de humildade, dedicação e fidelidade ao rei, por meio de uma construção textual bem elaborada, que não se restringia apenas a enumeração dos feitos (Oliveira, 2015, p.217-218).

Outro aspecto relevante, destacado por Silva (2021, p.29), refere-se às diferentes origens dos candidatos ao posto de capitão-mor do Ceará e como a partir disso exibiam na exposição dos seus feitos dois tipos de perspectivas de ações. Havia, de um lado, os que nasceram em Portugal, com serviços prestados na metrópole e nos reinos instalados na África e na Ásia; e do outro lado os nascidos na América portuguesa, que destacavam suas ações prestadas no Brasil.

Nesse sentido, outro aspecto que foi identificado nas cartas de nomeação era a ênfase em como eles relatavam lidar com os povos originários, apresentado como uma demonstração do seu serviço ao rei. Essa “habilidade” narrada indicava o envolvimento direto dos candidatos com a dominação dos povos indígenas, fosse ao travar guerras ou pelos investimentos que alegavam ter feito para a construção de aldeamentos. Conforme Oliveira (2015, p.220), após ser analisada pelo Conselho Ultramarino, a documentação se encontrava escrita em terceira pessoa, constando os serviços que os candidatos afirmavam ter realizado. Além disso, cabe destacar que a escolha de quem ocuparia o cargo variava conforme a importância hierárquica das capitanias: principais, secundárias ou anexas. Logo, a depender do lugar na hierarquia os critérios de escolha se tornavam mais rigorosos (Oliveira, 2015, p.221).

Na consulta referente à nomeação de Fernão Carrilho para ocupar o posto de capitão-mor do Ceará, em 06 de maio de 1699, candidataram-se também ao cargo Antônio Pinto Pereira e Manuel Rodrigues de Sá. Na exposição dos feitos do candidato



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Fernão Carrilho encontra-se o que (Silva, 2021, p.5) havia destacado como elementos que são presentes nesse “currículo”. Foram apresentadas ações realizadas em nome de Sua Majestade, bem como os custos arcados com recursos pessoais de sua própria fazenda. Tudo isso foi exposto de maneira elaborada, com o fito de construir um perfil de um homem não só qualificado, como também obediente. Assim, inicialmente percebe-se que ele se encaixava no perfil dos que já prestaram serviços no Brasil, destacando as capitanias vizinhas ao Ceará. Desse modo, pontuou ter ocupado o posto de capitão de infantaria da ordenança, atuado na capitania de Sergipe d’El Rei, e ter participado da dispersão de um mocambo com duzentos negros, tendo destruído essa povoação e aprisionado vinte deles. Essa ação foi exposta como uma ajuda prestada aos moradores daquela região, que após isso estariam livres dos roubos, com ênfase que ele foi o único que resolveu esse problema que assolava aquele lugar. Além disso, faz uso de uma descrição penosa dos empecilhos que enfrentou ao longo de suas campanhas, fortalecendo o perfil criado de si mesmo, de um fiel, humilde e dedicado.

(...) no ano de 670 com o posto de capitão de infantaria da ordenança e cabo das tropas da gente dos mocambos da capitania de Sergipe d’El Rei ir àquela conquista e desbaratar um mocambo com 200 negros fazendo-os pôr em fugida, cativando vinte deixando a povoação destruída e fazendo 2a. com um só companheiro ao rio de Sergipe, desbaratar, e aprisionar muitos negros deixando aqueles moradores livres com roubos que lhes faziam sendo a única pessoa que se resolveu aquelas entradas, rompendo as campanhas mais remotas e padecendo grandes fomes e trabalhos pagando à sua custa aos que o acompanhavam, reduzindo com o rigor dos anos todos os negros levantados e franqueando as estradas em utilidade da fazenda real (...) (Memória Colonial do Ceará, volume I (1618-1720), tomo II (1699-1720), p. 31).

Ademais, expõe que auxiliou no descobrimento das minas de Tabaina, o envolvimento em múltiplas guerras, além dos gastos provenientes de suas fazendas. Além



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

disso, enfatizou seu papel em ajudar a ocupar lugares que eram de difícil acesso por serem ocupados pelo “gentio bárbaro indômito”. Todos esses detalhes elencados como uma forma de expressar seu serviço ao rei.

(...) e o mais que havia feito nas ditas guerras, assistir na averiguação delas com sua pessoa, escravos e fazenda e da mesma maneira acompanhar a Jorge Soares às serras de Picuraça sendo a jornada de mais de 200 léguas, sendo causa de se facilitarem as dificuldades daqueles desertos que pareciam impossíveis a respeito de gentio bárbaro indômito e com sua atividade fazer descer uma aldeia com o seu principal e muitos arcos situando-os três léguas da cidade a sua custa, provendo-os de todo o necessário e sendo-os obedientes para as ocasiões que se oferecessem de qualquer inimigo (...) (Memória Colonial do Ceará, volume I (1618-1720), tomo II (1699-1720), p. 32).

Em seguida evidencia a participação em uma guerra em que declara ter assassinado os indígenas que “infestavam” as terras de Açu e a ribeira do Jaguaribe e ter aprisionado cento e sessenta e dois nativos. Afirmou, ainda ter feito guerreado e contra os tapuias Icó e a nação Careríú.

Com o gentio de corso chamado pacá que infestavam as terras de Açu e ribeira de Jaguaribe com mortes e roubos daqueles moradores, para cujo efeito pediu facultar ao governador Caetano de Melo e Castro para lhes fazer guerra e por se lhe conceder, o fazer com tão bom sucesso, que alcançou vitória contra aqueles bárbaros em que lhe matou muitos e aprisionou 162, não tomando para si escravo algum daquela presa (...) (Memória Colonial do Ceará, volume I (1618-1720), tomo II (1699-1720), p. 36).

Ao divulgar-se o resultado, verificou-se qual foi a motivação para a escolha do candidato eleito, Fernão Carrilho, que, segundo a documentação, deveria ocupar o cargo pelo decorrer de três anos. As razões apontadas por sua escolha foram a sua longa



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

experiência como capitão de infantaria, e outro ponto destacado foi que ele possuía conhecimento sobre como lidar com os nativos, tendo em vista que a documentação aponta que ele guerreava com eles, algo que era considerado uma aptidão favorável.

Pareceu ao conselho votar em primeiro lugar para o posto de capitão da capitania do Ceará para que o sirva por tempo de três anos em Fernão Carrilho na consideração de ser capitão de infantaria muito mais antigo, como ter por si haver servido este mesmo posto e escolhendo-se já a sua pessoa para ele pela sua capacidade e grande conhecimento e trato dos índios (Memória Colonial do Ceará, volume I (1618-1720), tomo II (1699-1720), p. 48).

Na consulta referente à nomeação de Jorge de Barros Leite para ocupar o posto de capitão-mor do Ceará, em 18 de novembro de 1699, candidatou-se também Manuel Carvalho Fialho. Jorge de Barros Leite se encaixa com o perfil dos candidatos que teriam nascido em Portugal e prestado serviços não só na metrópole, como nos reinos da África e Ásia, além de trabalhos no Brasil. Candidatou-se para o posto de capitão-mor e foi eleito. Dentre os feitos exibidos, foi destacado sua participação na batalha de Ameixal; além disso havia servido no reino de Angola, foi capitão de guarnição em uma nação da Índia, tendo atuado no sertão da Bahia, entre outras funções militares que executou. Enfatizou ter corrido risco de vida para trazer paz por meio da prisão de criminosos, além de arcado com despesas a partir das suas próprias riquezas. Um fator de destaque foi como ele descreveu o trato com nativos, a partir da necessidade de reduzir os índios “com todo cuidado”, ao convocar um a um, todos os índios infiéis que andavam pelos sertões.

(,,,) e para a redução dos índios acudir com todo o cuidado, compensando, fez particularmente em convocar e, um a um, aldeia todos os índios infiéis que andavam espalhados pelos sertões, assim para se reduzirem a nossa santa fé,



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

como para os ter prontos para o serviço real e com efeito os ocupar em impedirem os furtos e invasões dos negros dos mocambos, de que resultava grande detrimento aqueles moradores; (Memória Colonial do Ceará, volume I (1618-1720), tomo II (1699-1720), p.92-93).

Em 1723, sobre nomeação de pessoas para o posto de Capitão-mor do Ceará, foi eleito João Batista Furtado. Alguns dos candidatos são João de Barros Braga e Patrício de Nóbrega Vasconcelos. Silva (2021, p.19) apontou que apesar de João de Barros Braga ter tido indicação de alguns conselheiros em vista do seu longo tempo serviço e experiência no sertão, esse não foi o único critério usado. Dessa forma, perdeu a eleição para João Batista Furtado, que, naquele momento não tinha interesses pessoais locais. A candidatura de João de Barros Braga, mesmo não tendo sido eleito, revela os envolvimento de figuras militares com os povos nativos, e como utilizavam disso como tentativa de autopromoção.

Nas características expostas do candidato João de Barros Braga, ele desataca que havia pacificado e socorrido um arraial em uma ocasião que o “gentio bárbaro” teria se levantado. Além disso, o candidato ajudou financeiramente na missão do padre João da Costa para aldear o “gentio”, a construir casas, igreja, financiando as ditas missões com sua fazenda e escravos, usando sua munição e mantimentos. Ademais, a suas custas, mandou reformar os quartéis e para isso pagou cinquenta indígenas para tal obra, além de declarar que aquietou tapuias que ameaçavam entrar em guerra.

E na ocasião em que se alterou o gentio bárbaro, o compor e sossegar e por sua inteligência e respeito se conseguiu a paz e socorreu o dito arraial com os seus gados, e deu carros para a condução das munições dele. E quando foi o padre missionário João da Costa para a missão daquela capitania lhe deu todo o adjutório para poder aldear o gentio fazendo-lhe casas, igreja sustentando-o e acompanhando-o nas ditas missões com grande trabalho,



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

zelo e despesa de sua fazenda (...) (Memória Colonial do Ceará, volume II (1720-1730), tomo I (1720-1726), p.74).

Dando continuidade às ações dos colonos no que diz respeito aos nativos, também ocorreram guerras consideradas injustas e brutais pela própria Coroa portuguesa. Conforme Maia (2013, p.10), a disputa com pessoas instigava o aumento de conflito entre os indígenas, como também ia na via contrária das determinações já estabelecidas. Pode-se citar que em 1725, foi enviada uma carta do Governador de Pernambuco, Manuel Rolim de Moura, sobre uma guerra declarada aos índios tapuias Jenipuaçu, na vila do Jaguaribe, por Salvador Alvares, então capitão-mór. A guerra foi repreendida e considerada injusta, e o ouvidor-geral deveria tirar uma certa devassa por isso, além de libertar os indígenas presos durante o conflito, bem como o castigo dos agressores.

Faço saber a vós, dom Manuel Rolim de Moura governador capitão-general da capitania de Pernambuco, que se viu o que respondestes em carta de vinte e três de outubro do ano passado à ordem que vos foi sobre informardes com toda a exação da guerra injusta que se me fez presente, mandou fazer Salvador Álvares da Silva, sendo capitão-mor do Ceará aos tapuias Jenipapoaçu na vila de Jaguaribe. e achando que ela foi injusta e se executaram as violências de que fui informado, que não só fizésseis restituir à sua liberdade a todos os índios, que se tomaram nela, mas que ordenásseis, que se desse logo baixa aos cabos, que foram a esta expedição por executarem a impiedade de os tirarem do sagrado da igreja a que se recolheram esses índios protestando-lhe o padre missionário, não obrassem uma ação tão ímpia e irreverente ao respeito que devem ter a Deus nosso senhor todos os católicos, representando-me tínheis cometido recomendado ao novo ouvidor-geral que foi para a dita capitania tirasse uma exata devassa das injustas guerras, que no distrito dela se tem feito; tanto aos índios nela continentes como a estes mencionados; e tirada a dita devassa e achando que as ditas guerras se fizeram contra justiça faça restituir os presos à sua liberdade, e proceda a castigo contra os agressores, que as causaram e que vos desse conta de tudo para



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

que com o seu aviso me dareis conta sobre esta matéria (Memória Colonial do Ceará, volume II (1720-1730), tomo I (1720-1726), p.127).

De acordo com Xavier (2010, p.56-58), o controle da mão de obra indígena era objeto de disputa entre missionários e colonos. Os primeiros queriam manter essa força de trabalho aldeada, com a justificativa que a exploração fazia parte da conversão religiosa. Em contrapartida, os segundos desejavam explorar com o fito de construir riquezas, opondo-se diretamente a igreja. Dessa forma, as denúncias por parte dos padres que as aldeais se encontravam vazias eram comuns, cartas foram enviadas para reivindicar que ações fossem tomadas para pôr fim a tais ingerências.

Mesmo que a discurso do jesuíta seja uma denúncia contra a ação de colonos e governantes tendo por objetivo reter os índios e sua mão-de-obra no aldeamento, não se deve ignorar que ante a dúbia legislação colonial os indígenas eram alvos constantes das tentativas de escravização da parte dos brancos. À medida que fixavam suas fazendas nos sertões do Piauí, Ceará e Maranhão, tinham carência de braços para utilizar em seus trabalhos e guerrear contra o "gentio" tido por hostil na ótica eurocêntrica. Teoricamente, pela lógica jurídico-teológica da época, índios "convertidos" e súditos do rei não poderiam ser escravizados, tendo inclusive de serem pagos por seus serviços - eram "livres" (Xavier, 2010, p.56).

Conforme Xavier (2010, p. 57), o estado ora tomava medidas para mitigar esse problema, ora se fazia de cego para os casos que eram denunciados. Nogueira (2010, p.46) aponta que, como forma de impedir essas intromissões cometidas pelos capitães mores, a Coroa portuguesa tomou algumas medidas. Tendo em vista que até certo momento os capitães-mores possuíam muito poder, em 1699, foi autorizado a criação de uma vila, e criou-se uma câmara, como uma alternativa em relação ao poder concentrado dos capitães-mores. No entanto, a ordem régia que autorizou essa criação não deixava definido qual seria a localidade sede.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Para os religiosos, era considerado como uma interferência de modo injusto quando era direcionado a indígenas que já haviam traçado laços de convivência com colonizadores ou que não representavam algum tipo de ameaça a expansão colonial. Essas ingerências eram caracterizadas por violência, e denunciadas constantemente pelos religiosos, pois a sua brutalidade sem medidas colocava em risco os esforços realizados pela missão evangelizadora (Xavier, 2010, p.58). Desse modo, encontram-se reclamações sobre os capitães-mores que andam causando interferências diretamente nos aldeamentos.

Oliveira (2025, p. 1235-1236), ao tratar sobre a administração na colônia, afirma que é notável a falta de ordem nas relações administrativas, e aponta como um exemplo as cartas enviadas, em 1720, pelo padre Domingos Ferreira Chaves, missionário geral e visitador-geral das missões do sertão da parte do norte no Ceará e a exposição do padre Antônio de Sousa Leal, missionário e clérigo do hábito de São Pedro. Esse registro consiste em uma denúncia sobre as violências cometidas contra os indígenas aldeados e a ausência de atitudes tomadas por parte do governo para resolver esses problemas, tendo em vista que os próprios infratores são membros da administração. Destaca-se como os padres sentiam-se ignorados e como as atitudes dos capitães-mores permaneciam impunes: “e as vozes de alguns missionários ficam sendo clamores vãos em deserto” (Memória Colonial do Ceará, volume II (1720-1730), tomo I (1720-1726), p.10). Nesse sentido, foram expostos os excessos cometidos por esses colonos, sendo eles apontados como principais culpados pelos males causados nos aldeamentos:

“(…) porque é certo que os capitães-mores são culpados na maior parte das desordens que ali se cometem contra os índios, ou por comissão, ou por omissão, por que como só vão com os olhos no seu interesse, eles são os que oprimem mais os índios, e os deixam oprimir também por conveniências (...)”

83





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

(Memória Colonial do Ceará, volume II (1720-1730), tomo I (1720-1726), p.13).

Desse modo, relatava-se que mesmo os indígenas aldeados, e que tinham clérigos, e por esse motivo deveriam estar “protegidos”, também sofriam com interferência da parte desses capitães, com violências e injustiças. Estes eram retirados dos aldeamentos e forçados a trabalhar para eles, além de se apropriarem de suas mulheres e filhas:

(...) e ainda os que estão aldeados e têm clérigos por seus missionários, são vexados pelos capitães-mores com grande violências e injustiças por que os obrigam eles a trabalharem em pescas, em lavrar mandioca, cortar e reduzir madeiras, e as índias em lhe fiar algodão e o mesmo fazem também em parte dos parte dos soldados dos presídios e os moradores, e roubando as mulheres e filhas, e como tal devassidão e soltura como se tudo isto foram atos muito lícitos, e não merecessem, nem castigo, nem repressão; e como naquelas capitânias não ministro algum de justiça que tome conhecimento destas violências e das mortes assaltos e assuadas que se dão os portugueses uns aos outros, matando-se e despojando-se mutuamente cresce cada vez mais aquele caos (...)” (Memória Colonial do Ceará, volume II (1720-1730), tomo I (1720-1726), p.10).

Além disso, ressalta que as guerras travadas contra os indígenas do Piauí, Ceará e Rio Grande foram promovidas pelos capitães-mores e moradores, motivados pelos interesses na escravização desses povos, pois “todos são interessados em ter cativo dos pobres índios;” (Memória Colonial do Ceará, volume II (1720-1730), tomo I (1720-1726), p.10). As guerras eram descritas como aleivasas (isto é, traiçoeiras) e resultavam em muitas mortes e cativos. Diante desse cenário, a carta solicitava a criação de uma ouvidoria no Ceará, sob a liderança de um ministro justo, rigoroso e ágil, com o argumento de que tal medida contribuiria para evitar a desordem e evitar os excessos



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

praticados. Essa ouvidoria deveria ser responsável por investigar e punir os capitães-mores e demais envolvidos, com destaque para que nos delitos cometidos deveria constar também “as mortes feitas aos índios e roubos de suas mulheres e filhas” (Memória Colonial do Ceará, volume II (1720-1730), tomo I (1720-1726), p.11). Assim, reconheciam no seu pedido que a lista de culpados seria extensa e sugeriram prender ao menos dez responsáveis. Conforme Oliveira (2025, p.1236), em 1723, a criação da ouvidoria se concretizou três anos após essa carta, no entanto, apesar disso não houve mudanças significativas, já que os registros dessas desordens continuaram.

Na solicitação de 1720 feita pelos padres, foram apresentados critérios detalhados sobre como deveria ser a escolha do ministro e suas funções. O referido ministro “deve tirar devassa dos que retêm os índios em injusta escravidão e julgar as liberdades breve a sumariamente sem apelação nem agravo” (Memória Colonial do Ceará, volume II (1720-1730), tomo I (1720-1726), p.12). Argumentava-se que, a sentença para esses indígenas devia ser a favor da liberdade, visto a impossibilidade dos próprios indígenas de ir solicitar justiça na Relação da Bahia. Justificavam esse pedido com base no problema que eles enfrentavam: os capitães-mores e os particulares se sentiam no direito e liberdade de guerrear contra os indígenas, independentemente estarem incluídos em grupos pacíficos ou hostis, motivados por ambição. Logo, os missionários pediam que medidas fossem tomadas para castigar essas ações, consideradas por eles como: “depravação tão contrária e oposta às leis da humanidade, principalmente fazendo-se muitas destas guerras com aleivosias e debaixo da paz e amizade, e matando-se nelas a sangue frio os homens capazes de tomar armas;” (Memória Colonial do Ceará, volume II (1720-1730), tomo I (1720-1726), p.14).



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Nessa perspectiva, eles requereram que fosse ordenado que ninguém pudesse declarar guerra aos indígenas, a não ser que seja por defesa. Mesmo nesses casos, o capitão-mor não podia efetuar nenhum tipo de vingança após o fim do conflito. Ademais, para iniciar um conflito as causas dele deveriam ser previamente examinadas pelo governador de Pernambuco, as missões, o bispo e ouvidor, para avaliar a sua legitimidade. Caso fosse considerada justa, a guerra deveria acontecer com moderação: “que se faça como homens a outros homens, e não como homens e feras que o que muitas vezes praticamos nas guerras que fazemos aos índios” (Memória Colonial do Ceará, volume II (1720-1730), tomo I (1720-1726), p.15) reconhecendo que cada nação indígena se governa independente das outras, logo, uma não deve sofrer danos por algo que aconteceu com outra nação.

Segundo os clérigos Antônio de Sousa Leal e o padre João Guedes da Companhia de Jesus, as interferências não se restringiam apenas aos capitães-mores, havia também mamelucos, mulatos e português que viviam desocupados e prejudicavam não só os indígenas como os brancos. No relato consta que alguns homens insolentes teriam ocupado as aldeias que abandonadas pelos padres no Ceará e assumiram a administração, passaram a manter relações com as indígenas, com as quais tiveram muitos filhos. Essas ações, conforme os missionários, serviram de exemplo nocivo, disseminado e seguido pelos outros moradores. A queixa não se restringia apenas a esses aspectos, também afirmava que esses indivíduos tiranizaram tanto os indígenas quanto os brancos, o que, segundo os autores da carta, justificava a urgência de uma ouvidoria para tomar medidas e punir tais abusos com severidade.

E porque é muitos homens portugueses não há mulheres brancas com quem casem, e daqui nascem grandes desordens e ofensas de Deus, como são os



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

concubinatos com as índias, de cuja prole como infecta mal criada e pior disciplinada senão pode esperar ação boa, nem para o serviço de Deus, nem para o do príncipe e da república como mostra a experiência em toda a parte, e principalmente naquele país; (...) parece que seria conveniente e acertado que Vossa Majestade mandasse fundar ali uma colônia ordenando que fossem das ilhas cem casais, e procurando-se que estes fossem os que tivessem filhas para poderem aqueles habitadores do Ceará ter mulheres portuguesas com quem casar; (Memória Colonial do Ceará, volume II (1720-1730), tomo I (1720-1726), p.18).

Diante desse cenário Pinheiro (2008, p.41) observou que tais práticas no período em questão - os abusos cometidos contra os indígenas aldeados, as denúncias do concubinado com mulheres indígenas roubadas, além da exploração dos filhos – tornou-se algo comum entre os colonos. Nesse contexto, a carta enfocou o problema do concubinato, apontava-se como possível solução que fossem enviados cem casais, com filhas, para que estas pudessem se casar com os colonos solteiros, a fim de evitar mau hábito de se relacionar com indígenas.

Considerações finais

Assim, percebe-se como o processo de ocupação foi atravessado por divergências entre os atores sociais, sendo os nativos os mais afetados, mesmo os que estavam convertidos ao cristianismo continuaram a ser alvos de guerras e constantes explorações. Ressalta-se que a indignação expressa por parte dos missionários estava longe de ser motivada por pura bondade, deve ser compreendida dentro do regime dos aldeamentos que também impunha trabalho forçado aos aldeados. Desse modo, procurou-se expor como a mãe de obra indígena era objeto de constante disputa e, por meio das nomeações para o cargo de capitão-mor, que se entrelaçava no processo



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

violento da conquista e nos discursos que tentavam legitimar os atos cometidos durante o projeto de colonização.

Fontes:

06/03/1725: Carta do governador de Pernambuco, Manuel Rolim de Moura, ao Rei [D. João V] em resposta à provisão sobre a guerra declarada aos índios tapuias Jenipapuaçu na vila de Jaguaribe por Salvador Álvares da Silva quando foi capitão-mor do Ceará. Coleção Memória Colonial do Ceará, volume II, tomo I (1720-1726), p. 127-137.

06/05/1699. Lisboa. Consulta do Conselho Ultramarino ao rei [D. Pedro II], sobre nomeação de pessoas para ocupar o posto de capitão-mor do Ceará. Resolução régia a nomear Fernão Carrilho. Coleção Memória Colonial do Ceará, volume I (1618-1720), tomo II (1699-1720), p.30-48.

15/07/1723. Lisboa. Consulta do Conselho Ultramarino ao Rei [D. João V], sobre nomeação de pessoas para o posto de capitão-mor do Ceará. Resolução régia a nomear João Batista Furtado. Coleção Memória Colonial do Ceará, volume I (1618-1720), tomo II (1699-1720), p. 71-89.

18/11/1699. Lisboa. CONSULTA do Conselho Ultramarino ao rei (D. Pedro II), sobre nomeação de pessoas para o posto de capitão-mor do Ceará. Resolução régia a nomear Jorge de Barros Leite. Anexo: parecer e bilhete. Coleção Memória Colonial do Ceará, volume I (1618-1720), tomo II (1699-1720), p.88-103.

26/06/1698. Olinda. Carta do frei Bispo de Pernambuco, ao rei [D. Pedro II], a informar sobre o estado da capitania do Ceará em ordem ao regime espiritual. Coleção Memória Colonial do Ceará, volume I (1618-1720), tomo II (1699-1720), p.22-27.

29/10/1720: Consulta do Conselho Ultramarino ao Rei [D. João V], sobre a carta do padre Domingos Ferreira Chaves, missionário geral e visitador-geral das missões do sertão da parte do norte no Ceará e exposição do padre Antônio de Sousa Leal, missionário e clérigo do hábito de São Pedro, sobre as violências e injustas guerras com que são perseguidos e tiranizados os índios do Piauí, Ceará e Rio Grande. Coleção Memória Colonial do Ceará, volume II, tomo I (1720-1726), p. 09-19.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2010

MAIA, Lígio de Oliveira. Aldeias e missões nas capitanias do Ceará e Rio Grande: catequese, violência e rivalidades. **Tempo**, v. 19, p. 7-22, 2013.

NOGUEIRA, Gabriel Parente. Fazer-se nobre nas fimbrias do império: práticas de nobilitação e hierarquia social da elite camarária de Santa Cruz do Aracati (1748-1804). 2010. 358 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2010.

OLIVEIRA, Leonardo Paiva de. “SEMPRE MUITO OBEDIENTE E COM HONRADO PROCEDIMENTO”: O DISCURSO DO MÉRITO DOS CANDIDATOS AO GOVERNO DA CAPITANIA DO RIO GRANDE (1700-1739). **Revista de História Bilros: História (s), Sociedade (s) e Cultura (s)**, v. 3, n. 04, 2015.

PINHEIRO, Francisco José. Mundos em confronto: povos nativos e europeus na disputa pelo território. In: SOUZA, Simone (org.). Uma nova história do Ceará. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha, 2000. 448 p.

PINHEIRO, Francisco José. Notas sobre a formação social do Ceará (1680-1820). Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2008. 364 p.

SILVA, Rafael Ricarte. Homens de guerra e governança: o perfil e as trajetórias dos capitães-mores da capitania do Siará Grande (1679-1720). **Revista Ágora**, v. 32, n. 2, 2021.

XAVIER, Maico Oliveira. Índios e jesuítas na aldeia da Ibiapaba (1700-1759). **Revista Historiar**, v. 2, n. 2, 2010.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

“Bárbaros de corso que infestam as jurisdições desta capitania”: A desqualificação dos povos indígenas e do sertão do *Siará Grande* (1690-1730)

Thais Maria Bezerra Ferreira Silva²⁶

Orientador – Darlan de Oliveira Reis Junior²⁷

Considerações Iniciais

Com a ocupação das regiões litorâneas, por parte dos europeus, as terras localizadas no interior do território passaram a serem vistas como fortes candidatas no que diz respeito à conversão do espaço em ganhos econômicos. Se para a metrópole aquelas localidades eram suas possessões, era preciso então que essas perdessem seu caráter de desconhecidas e assumissem agora a posição de terras submetidas a administração lusa (Amado, 1995, p. 147). Para sustentar tal projeto, a conquista era vista como imprescindível e a base para isso era justificar a necessidade que havia em promover o povoamento do território pelos brancos²⁸, e o domínio sobre aqueles que ali estavam: os indígenas.

²⁶ Graduanda do curso de Licenciatura plena em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Membro do Núcleo de Estudo em História Social e Ambiental (NEHSA). E-mail: thaismaria.bezerrafs@urca.br. A pesquisa é parte de um projeto intitulado “Dominação e resistência: as lutas indígenas nos sertões cearenses (século XVIII)”, sob financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

²⁷ Professor Dr. Darlan de Oliveira Reis Junior. E-mail: darlan.reis@urca.br

²⁸ Os “brancos”, inseridos nesse processo de ocupação do território colonial, eram aqueles que tinham suas origens familiares conhecidas e aprovadas a partir dos ideais acerca da “pureza do sangue”. Tal distinção tem seu início no final do século XV, quando judeus, mouros, ciganos, negros e seus descendentes passaram a ser estigmatizados pela legislação portuguesa, como afirma Grayce Mayre Bonfim Souza, em seu artigo, *Uma trajetória racista: o ideal de pureza de sangue na sociedade Ibérica e na América portuguesa*. A partir do século XVI, na sociedade portuguesa, há a distinção entre aqueles considerados cristãos-velhos e os chamados cristãos-novos no que tange o ingresso em cargos públicos, o recebimento de títulos honoríficos, aceitação em colégios religiosos e em Ordens Sacras, a partir dos processos de avaliação de pureza, *genere* e *moribus* (Souza, 2008, p. 94). Como explica Maria Tucci Carneiro, em seu texto, *Preconceito racial em Portugal e no Brasil colônia: os*



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Desta forma, foi construída a dualidade entre o litoral conhecido e “civilizado” e o sertão, como sendo o oposto desse lugar, permeado pela ideia do “atraso”, à espera do europeu, que era visto como detentor do conhecimento necessário para o advento da civilização. O espaço nomeado “sertão”, no presente trabalho será compreendido não apenas como uma definição geográfica, mas sim social (Moraes, 2003, p. 02), como instrumento necessário para atribuir ao espaço e quem o habitava a definição de “bárbaro”, o que validava o ingresso do colonizador naquele território.

Nesse contexto, o serviço ou a defesa da civilização poderiam legitimar o recurso da violência, uma vez que tudo aquilo oposto ao civilizado, o bárbaro, deveria ser posto fora de condição de prejudicar, caso não pudessem ser educados ou convertidos (Starobinski, 2001, p. 33). Se os nativos se rebelavam e não sucumbiam à civilidade – que para Maria Elisa Mader (2006, p. 38), se encontrava relacionada à ideia de desenvolvimento material, seja no âmbito da técnica ou da vida econômica, como era o caso da produção agrícola – podendo prejudicar o processo de colonização, cabia então aos colonizadores colocar em prática a principal ferramenta de dominação, tanto de maneira velada e oculta, como também por meio de conflitos diretos.

As vigas de sustentação do projeto colonizador estavam pautadas na validação de discursos acerca do estabelecimento das diferenciações entre aqueles considerados civilizados e os submetidos a condição de colonização. A presente pesquisa, portanto, tem como objetivo analisar os conflitos que envolveram a ocupação da capitania do sertão do Ceará, a partir da atribuição da ideia de barbárie, aos indígenas e do espaço que ele habitava. Os documentos utilizados estão presentes em formato digital e textual,

cristãos-novos e o mito da pureza de sangue, a aristocracia portuguesa usou do conceito de “pureza do sangue” para manter a posição social privilegiada que ocupava (Carneiro, 2005, p. 46).



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

provenientes do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) e do Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC), volumes I e II da coletânea intitulada Memória Colonial do Ceará, as Datas de Sesmaria. Toda documentação está presente no Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC).

O sertão e o “tapuia”

A violência concretizava-se através de atos, mas também por meio da linguagem (Pinheiro, 2008), uma vez que, os termos utilizados pelos colonizadores para se referir aos indígenas é entendido como um dos primeiros artifícios para a formação das bases responsáveis por sustentar o projeto de colonização da capitania do Ceará, sendo uma forma de empregar aos nativos os atributos que os colocassem em condição de não-civilizados, pagãos e bárbaros. Maria Regina Celestino de Almeida, em seu texto *Os índios na História do Brasil*, pontua que ao chegar nas novas terras, os colonizadores se depararam com diferentes povos ocupando aquele espaço e precisaram definir a quem caberia a figura de oponente e aliado, visando o sucesso de seus objetivos, e utilizando de critérios diretamente ligados aos seus interesses (Almeida, 2010).

Era preciso separar os indígenas “aliados” dos “inimigos”, para tal eles usaram do binômio tupi-tapuia para fazer referência aos grupos com os quais iam se deparando. O termo tapuia, proveniente do idioma tupi, significa “bárbaro” e designa todos aqueles tidos como estrangeiros, e para os portugueses foi entendido como o termo que se refere aos indígenas não tupis (Almeida, 2010, p. 32). Ficou concebido pelos colonos que o tapuia seria então o estrangeiro, de língua estranha – para os colonizadores a “língua geral” era aquela pertencente a grupos tupis – e que habitava os sertões (Almeida, 2010).



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Se há a relação de oposição e complementação entre o tupi e o tapuia, há também uma relação construída com o espaço no qual os grupos designados a ocupar a posição de indígenas bárbaros estavam localizados. Eram atribuídos valores para os indígenas revoltos que despendiam ainda mais da administração colonial – em relação ao tupi já “domado” – sendo uma das questões que envolviam as justificativas para natureza “bárbara” desse tapuia, o local em que o mesmo se encontrava: o sertão. Janaína Amado apresenta, em seu artigo *Região, Sertão, Nação*, como o sertão é tido a partir do século XV, para os portugueses, como uma nomeação utilizada ao se referir a lugares longínquos, mais interioranos, situados em possessões recém conquistadas e não muito conhecidas pela Coroa (Amado, 1995, p. 147).

Faz-se necessário compreender o espaço entendido como “sertão” e o que ele representava, o significado que o mesmo carregava para aqueles grupos que buscavam por possuir as novas e distantes terras tidas como desocupadas, mas que se configuravam como fortes candidatas a produção agrícola e pecuária. Além da presença abundante de mão de obra barata, os indígenas que ali se encontravam. Nesse sentido, aqui não cabe perceber sertão apenas como uma definição geográfica, mas sim social, como apresenta Moraes.

Na verdade, o sertão não é um lugar, mas uma condição atribuída a variados e diferentes lugares. Trata-se de um símbolo imposto – em certos contextos históricos - a determinadas condições locais, que acaba por atuar como um qualitativo local básico no processo de sua valoração. Enfim, o sertão não é uma materialidade da superfície terrestre, mas uma realidade simbólica: uma ideologia geográfica. Trata-se de um discurso valorativo referente ao espaço, que qualifica os lugares segundo a mentalidade reinante e os interesses vigentes nesse processo. [...] Nesse sentido, a adjetivação sertaneja expressa uma forma preliminar de apropriação simbólica de um lugar. (Moraes, 2003, p. 2)



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Desta forma, era fundamental à Coroa que o sertão fosse percebido como um espaço que não estava submetido a uma atividade econômica regular e no qual seus habitantes não estavam inseridos no mundo do trabalho, nesse sentido, era um espaço ainda não percebido como dotado de civilidade. Assim, a entrada de súditos da Coroa portuguesa no interior da capitania cearense é então o meio pelo qual a civilidade se faria presente, entretanto, “tudo que lhe resiste, tudo que a ameaça, fará figura de monstro ou de mal absoluto” (Starobinski, 2001, p. 33).

Representações cartográficas do “desconhecido” e dos seus “bárbaros” habitantes

É construída a dualidade entre o litoral conhecido e “civilizado” e o sertão como sendo o oposto desse lugar, por sua vez sendo permeado pela ideia do “atraso”, sem leis, sem fé e sem rei (Monteiro, 2001), e que necessita da entrada daqueles que detém o conhecimento necessário para o advento da civilização, os europeus (Starobinski, 2001). Marina Monteiro Machado, em seu texto *Entre fronteiras: posses e terras indígenas nos sertões (rio de janeiro, 1790-1824)*, discute a concepção de sertão enquanto uma fronteira entre o espaço conhecido e o desconhecido (Machado, 2012, apud Mader, 2006). Sendo assim, havia uma linha divisória responsável por separar a civilização da barbárie, que para além disso, poderia ser utilizada na elaboração e execução do projeto de ocupação do território.

Tais linhas podem ser percebidas nos mapas do período colonial, no qual o interesse em sua elaboração possuía objetivos claros e específicos, voltados a conhecer o espaço em que se tinha interesse em conquistar. Segundo Yves Lacoste, os mapas eram um “meio de dominação indispensável, de domínio do espaço” (Lacoste, 2012, p.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

23). Os mapas eram “elaborados por oficiais e para oficiais”, e essas produções eram confeccionadas com o intuito de representar o poder e domínio sobre o espaço mapeado, servindo assim como uma ferramenta de controle sobre o território e as pessoas que o habitam (Lacoste, 2012, p. 23)

O mapa, intitulado *Brasilia*, produzido por John Ogilby, em 1671 (figura 1), buscava apresentar informações acerca das capitânicas do norte do Brasil, nesse período ocupadas pelos holandeses. No entanto, ao analisar a representação é notória a disparidade de informações e símbolos que preenchem o espaço do litoral e do sertão. Há a preocupação em apresentar informações acerca de rios e fortificações existentes ao longo da costa litorânea, os nomes indicando construções e rios presentes nas capitânicas, em especial a do Ceará, buscavam informar que já havia um conhecimento acerca do que estava presente ali, demonstrando ser um espaço ocupado pelo colonizador.

Em contrapartida, no espaço mais interiorano, é representada a ausência de informações, corroborando, assim, a compreender como o território ainda era desconhecido para aquele que buscava ocupa-lo, existindo uma delimitação entre aquilo já sob domínio europeu e o que ainda está para ser dominado. A inexistência de artifícios gráficos, longe de ser um mero acaso, objetivava representar o interior do território e destacava também o “vazio” que poderia ser preenchido pelo colonizador.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Figura 1 - Mapa das capitanias do Norte, o litoral delimitado



Fonte: John Ogilby

Para os colonizadores que chegavam às praias do Ceará, o litoral da capitania cearense tratava-se de um lugar desbravado, e habitado pelo indígena já conhecido e “domado” por aqueles que cruzaram mares e desembarcaram nas novas terras. Entretanto, no percorrer dos caminhos que levavam a adentrar o sertão, formado por suas desconhecidas matas afastadas da costa litorânea, o colonizador se deparava com um novo ser, oposto aquele com o qual estava acostumado, na sua perspectiva, um indivíduo selvagem, desconhecedor das leis dos homens e de Deus, um ‘bárbaro’ por sua natureza (Monteiro, 2001).

Nos mapas do período colonial, o “bárbaro” habitante do sertão era por vezes desconsiderado pelo colonizador, ao tratar do território como ocupado ou não, como



IV

COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

é o caso da representação dessa hinterlândia no mapa de John Ogilby (figura 1), no qual não aparecem referências à presença indígena. Entretanto, quando representado, recebia então esse contorno de um indivíduo selvagem, mais próximo dos animais do que dos homens, assim indicado no mapa *Novus Brasilia Typvs*, de autoria do cartógrafo Willem Janszoon Blaeu, produzido no ano de 1630.

Figura 2 - Mapa das capitânicas do Norte, com representações gráficas preenchendo o interior do território



Fonte: Willem Janszoon Blaeu

O que chama a atenção acerca dos elementos gráficos presentes no mapa, é a utilização de desenhos na busca por ocupar o interior do território que o cartógrafo pretende representar, que, segundo Júnia Furtado, fazem-se presentes nas representações cartográficas evidenciando esses locais como “áreas à espera de um processo civilizador”, mesmo que “ainda não compartilhem dos mesmos valores”



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

(Furtado, 2011, p. 174). Ao espaço mais interiorano, cabe somente o uso de artifícios para preencher localidades ainda não dominadas e ocupadas por europeus. Como era o caso dos relevos, que segundo Maria do Santos, “quando denotavam qualquer dimensão informativa, salvo exceções, era utilizado para evitar os vazios, sem denotar fisionômico da flora ou distribuição geográfico” (Santos, 2007, p. 39). Para além das árvores e montanhas compondo o mapa, há ainda elementos representando os indígenas que ocupavam o território.

Assim, no mapa de Blaeu, há a existência da representação de uma cerimônia antropofágica sendo praticada, onde a única presença de brancos está retratada nos desenhos de cabeças presas em lanças, que representariam, assim, a selvageria por parte dos nativos, um indicativo sobre os sujeitos que seriam encontrados no sertão da capitania, atribuindo a eles o sentido de “selvagens” e “bárbaros”. O indígena, presente no espaço de interesse da coroa, era por vezes anulado nas representações do território, e quando colocado era evidenciado como um ser distante do que se compreendia enquanto civilizado e, até mesmo, humano (figura 3).



IV

COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Figura 3 - Recorte dos mapas Novus Brasilia Typvs e Brasilia



Fonte: Willem Janszoon Blaeu e John Ogilby

As representações da presença direta de brancos colonizadores nos mapas apresentados, refletem questões relativas à ocupação e uso das porções de terra do interior da capitania. O mapa elaborado por Blaeu, produzido em 1630, traz como artifício gráfico cabeças empaladas, ao fazer referência aos colonizadores que entraram nas regiões sertanejas e depararam-se com os “selvagens” tapuias, buscando assim apresentar o possível perigo a ser encontrado naquela localidade. Entretanto, na produção de Ogilby, do ano de 1671, outros elementos são utilizados para representar o mesmo grupo, porém agora ocupando o posto de algozes e não mais de vítimas da



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

selvageria indígena, na perspectiva do colonizador. As evidentes mudanças na utilização de símbolos estão relacionadas com o período em que ambos os mapas foram produzidos.

A ocupação da região interiorana ocorreu tardiamente, em especial a do Ceará, com relação as demais capitanias (Jucá Neto, 2012, p. 149). Assim, mudar a representação acerca desse interior, ressaltando a presença de porções de terras “vazias” e a disposição de novos grupos populacionais que desejassem ocupa-las, era de grande valor à administração colonial. De tal modo, fazia-se igualmente necessário, representar como submisso aquele considerado pelos colonos como um forte obstáculo ao processo de povoamento, incentivando assim a ocupação da região sertaneja. Para além dos elementos que fazem referência direta aos colonizadores e os nativos no mapa de Ogilby, há a presença da figura de um anjo acompanhando os brancos, usado no mapa para dar contornos de divindade ao processo de “descobrir” esse novo mundo.

A violência posta em prática: conflitos na região sertaneja

Nesse sentido, era dever da administração colonial lidar com as situações adversas que poderiam ocorrer nas capitanias, em particular nessa região mais interiorana, onde ainda se encontravam os indígenas não-submetidos, denominados de tapuias e gentios de corso, que na perspectiva do colonizador eram “selvagens”. Sendo assim, eram necessárias regulares entradas de agentes administrativos no sertão, na busca por “levar a paz” aos povoamentos que estavam sendo formados. Esse foi o caso do capitão-mor Fernão Carrilho, que em 1694 ordenou a realização de entradas nas ribeiras do Jaguaribe e Banabuiú, buscando por “acquietar” os indígenas denominados de



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

bárbaros que, para ele, causavam transtornos atacando os povoadamentos que ali estavam sendo formados.

Porquanto os Paiacus, Janduins, Icós e outros bárbaros de corso que infestam as jurisdições desta capitania, fazem despovoar os limites e terras do Rio Jaguaribe e Banabuiú, com perda de muitas fazendas de gados e vidas dos moradores que lá assistem [...] teriam os ditos bárbaros ao mestre de campo, que vinha acompanhado com 180 homens, e lhe matado um filho e três ou quatro mais da companhia, e porque estão ousados e insolentes, resolvi, mediante Deus que é o senhor das victorias, mandar fazer guerra aos ditos bárbaros (Patente de nomeação, no posto de capitão de infantaria, de Francisco Dias de Carvalho, para fazer guerra ao gentio, 26 de junho de 1696, Revista Instituto do Ceará) [Grifo meu]

No trecho acima, retirado de uma carta enviada ao Conselho Ultramarino, Carrilho relata à administração colonial a presença de indígenas “bárbaros” em uma determinada localidade, e aponta tal situação como sendo um empecilho no processo de dominação do espaço. Para o colonizador, a presença de grupos “selvagens”, distantes da tutela de agentes administrativos, era um fator responsável por “atrapalhar” o processo de povoamento daquelas terras, possibilitando assim a permanência delas em uma situação de não-civilizadas. Se faz presente a relação entre o espaço e o indivíduo que nele está inserido, no relato do capitão foi usado inclusive o termo “infestam”, ao se referir aos indígenas que ocuparam a localidade, o que reforça o discurso colonizador da figura do nativo como sendo um inimigo a ser combatido, um problema a ser enfrentado e superado.

Ao combater tal “infestação”, aprisionando-os, convertendo-os ou dizimando-os, os colonizadores retiravam a principal figura que dava ao espaço seu caráter de “selvagem”, e que representava o oposto da civilidade que buscavam alcançar. Deste modo, a narrativa elaborada por aqueles a quem se faz necessária a ascensão de um projeto de colonização, que possibilite dominar a terra e os homens que nela viviam, o

101





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

sertão era tido como o lugar onde habitava o desconhecido, um território coberto pelo véu da ignorância, onde a civilidade ainda não se fazia presente (Amado, 1995, 147).

A partir da instauração do que era concebido como civilizado ou não, os europeus adotaram um sentido de superioridade em relação aos grupos colonizados e a crença de ocuparem o papel dos responsáveis por levar a civilidade aqueles que a desconheciam (Starobinski, 2001). De acordo com esses, o sertão ainda estava “desocupado” e para ser dominado e civilizado isso precisava mudar o quanto antes.

Moradores na Capitania do Pernambuco e na do Rio Grande que eles tem suas criasões enão tem donde as acomodar edeorezente tem descuberto com risco desua vida edespendio de sua fazenda no certão donde actualmente assistem os Tapuiyas barbaroz chamados Payacus **terras devalutas edesaproveitadas que nunca foram povoadas porestarem distantes demoradores brancos ehabitadas deGentio brabo** onde eles /suplicantes sepodem e querem acomodar com as criasõins de seus gados fazendo nisto serviso a S. Alteza empovoarem terras desertas edos frutos dellas ter o dito Senhor crescimento em seus direitos de sua fazenda Real (Data de Sesmaria do vigário Paulo da Costa Barros e seus companheiros, 15 de janeiro de 1681. Arquivo Público do Estado do Ceará) [Grifo meu]

O trecho acima se trata de uma carta de sesmaria em nome do vigário do Rio Grande, chamado Paulo da Costa Barros, junto de seus companheiros²⁹, todos moradores das capitanias de Pernambuco e Rio Grande. No pedido realizado ao capitão – mor do Ceará naquele ano de 1681, Sebastião de Sá, todos pedem que lhes sejam concedidas três léguas de terra para cada um deles, numa parte do Ceará que, segundo eles, ainda não foi habitada, já que essa possuía apenas a presença de “tapuias bárbaros”, e dessa forma não gerava riquezas à Coroa, sendo assim uma terra desaproveitada.

²⁹ Capitão Theodosio da Rocha, João Leite de Oliveira, dona Margarida da Rocha Damazia de Moraes Calistro Lopes, Maria de Lemos e Manoel Goez



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

É possível analisar, no fragmento aqui apresentado, que existem pessoas ocupando aquele espaço, entretanto, a existência de indígenas é desconsiderada. O lugar onde esses indivíduos habitam é tido como vazio, segundo os colonos, pois ali não se fazia presente a civilidade, que somente os “brancos” eram capazes de proporcionar. Nas palavras do colonizador, a presença dos povos nativos nas terras que são de interesse econômico da Coroa não era considerada. Se naqueles locais não havia a presença de súditos da Coroa que seguissem as leis dos homens e de Deus, e que traziam consigo criações de animais e plantações que posteriormente eram convertidos em lucro para a metrópole, então aquelas zonas eram desaproveitadas e necessitavam, o quanto antes, de serem conquistadas.

Considerações finais

Além da relação com o indivíduo que está presente naquele espaço, tido como um problema a ser resolvido, é possível observar, nos relatos e documentações, menções acerca do território que estava sendo explorado. Foram por vezes utilizados argumentos baseados na ideia de alcançar a civilidade, por aqueles que buscavam terras para ocupar e estabelecer relações naquela hinterlândia. Por meio de pomposos discursos salvacionistas – pautados na ideia de civilizado e bárbaro, utilizando-se de questões morais – os colonizadores validavam sua presença, uma vez que acreditavam que cabia a eles a missão de educar os “bárbaros” a partir dos ideais religiosos e sua moral lusa (Dias, 2001, p. 6).

Atrelado aos discursos sobre a barbárie, entre o tupi e o tapuia para desqualificar esse segundo, os colonos buscaram fortalecer a ideia de oposição entre o litoral e o



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

sertão, como sendo esse um lugar perigoso, desconhecido e cercado de inimigos que precisavam ser combatidos, apesar das dificuldades impostas pelo espaço. É posto pelos colonos que para haver o controle das populações nativas do sertão, era preciso que se fizesse presente a colonização, fosse por intermédio da administração colonial, e autoridades religiosas, ou através dos conflitos com os povoadores lusos.

Desse modo, assim como o espaço, que poderia ser civilizado a partir do domínio do colonizador, os povos indígenas também poderiam ser convertidos em súditos, doravante a “abdição das suas formas culturais e de aceitarem a conversão que lhes foi imposta” (Cardim, 2019, p. 40). Assim, as diferentes formas de organização social dos grupos indígenas e sua cultura diversa, foram por vezes demonizadas e tidas como um conjunto de atributos animais (Dias, 2001, p. 6), utilizando-se de tais definições para fortalecer o projeto de dominação, a partir da desqualificação dos objetos de interesse no processo de ocupação da capitania do Ceará.

Fontes

Datas de Sesmaria Volumes: 1 e 2 – Arquivo Público do Estado do Ceará. Datas de Sesmaria, Coleção Digital – encontrada no Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC)

Arquivo Público do Estado do Ceará. Data e Sesmaria Vol. I; n. 17; ano 1681. Data de Sesmaria do Ceará da Coleção Digital – CEDOCC

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU): Memória Colonial do Ceará (volume I, II e III) – presente em formato físico no Centro de Documentação do Cariri

STUDART, Barão de (ed.). Documentos para a História do Brasil, especialmente a do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Collecção Studart, N. 423, 1923, p. 30.

Mapas *Brasilia*, produzido por John Ogilby, em 1671; *Novus Brasilia Typvs*, produzido por Willem Janszoon Blaeu, 1630. Encontrados em David Rumsey Map Collection



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Referências bibliográficas

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1995, p. 145-151.

CARDIM, Pedro. Os povos indígenas, a dominação colonial e as instâncias de justiça na América Portuguesa e colonial, in: DOMINGUES, Ângela; RESENDE, Maria Leônia C.; CARDIM, Pedro. **Os Indígenas e as Justiças no Mundo Ibero-Americano (Sécs. XVI-XIX)**. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa CHAM - Centro de Humanidades (NOVA FCSH-UAç), 2019, p. 29-84

CARNEIRO, M. L. T. **Preconceito racial em Portugal e no Brasil colônia: os cristãos-novos e o mito da pureza de sangue**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

DE ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Os Índios na História: avanços e desafios das abordagens Interdisciplinares—a contribuição de John Monteiro. **História Social**, v. 17, n. 25, p. 19-42, 2013.

DIAS, Leonardo Guimarães Vaz. A Guerra dos Bárbaros: manifestações das forças colonizadoras e da resistência nativa na América Portuguesa. **Revista Eletrônica de História do Brasil**. Juiz de Fora: UFJF, v. 5, n. 1, p. 05-15, 2001.

JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense: algumas notas. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 20, p. 133-163, 2012

LACOSTE, Yves. **Geografia - isso serve, em primeiro para fazer a guerra**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

MACHADO, Marina Monteiro. **Entre fronteiras: terras indígenas nos sertões fluminenses (1790-1824)**. Tese (doutorado), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2010.

MADER, Maria Elisa, N. de S. **Civilização e barbárie: a representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde de Uruguai**. Tese (doutorado), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas 2006.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Sertão: o “outro” geográfico. Terra Brasilis (Nova Série). **Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica** 4-5 (2003).

PINHEIRO, Francisco José. **Notas sobre a formação social do Ceará, 1680-1820**. Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2008.

SANTOS, Maria D. Técnicas e elementos da cartografia da América Portuguesa e do Brasil Império. In COSTA, Antônio Gilberto (org.) **Roteiro Prático da cartografia: da América portuguesa ao Brasil império**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2007.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. Uma trajetória racista: o ideal de pureza de sangue na sociedade ibérica e na América portuguesa. **Politeia-História e Sociedade**, v. 8, n. 1, 2008.

STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização: ensaios**. Editora Companhia das Letras, 2001.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Trabalho e gênero: livres, libertas e escravizadas na sociedade brasileira do século XIX.

Maria Clara Silva Gomes³⁰
Darlan de Oliveira Reis Junior³¹

Introdução

As mulheres no século XIX partilhavam de violências e restrições, mas já eram divididas em categorias como da alta, média e baixa sociedade. As mulheres eram restritas das escolhas políticas e das decisões que assistiam a sua própria vida. Isso gerava situações complexas, com pouca educação ou nenhuma. Na historiografia eram vistas por meio de escritos, principalmente dos viajantes.

Este artigo objetiva compreender as relações de gênero e classe presentes no século XIX, século de intensas transformações na sociedade brasileira, principalmente na história das mulheres, assim também como as dessemelhanças entre as próprias mulheres advindas da classe, raça e trabalho. Visto que o trabalho era um fator necessário e obrigatório para as pessoas pobres sejam elas vendeiras, lavadeiras domésticas ou até mesmo proletárias em fábricas a partir do final do XIX.

As mulheres livres especificamente as da alta sociedade brasileira eram infantilizadas, submissas, com direitos, mas sem poder político. O que fazia com que elas fossem restritas de muitas das ações que as envolviam na sociedade, mesmo sendo de classes abastadas. Entretanto, as mulheres libertas enfrentavam uma vivência precária e tinham que vender a sua força de trabalho para sobreviver e sustentar seus filhos,

³⁰ Universidade Regional Do Cariri (URCA), Graduanda em História, membra do Núcleo de Estudo em História Social e Ambiente (NEHSA) E-mail: mariaclara.silvagomes@urca.br ..

³¹ Professor efetivo do curso de História da Universidade Regional do Cariri. E-mail: darlan.reis@urca.br



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

passando ainda por ameaças de ter a sua liberdade retirada. Eram vistas com inferioridade perante as mulheres da alta sociedade, visto que durante o XIX o trabalho ainda era visto como um tipo de castigo. As escravizadas eram tidas como propriedades dos seus senhores e mão de obra especializada para o trabalho doméstico, dado que as mulheres livres e de maiores status não eram adequadas para esse trabalho.

O trabalho imposto a essas mulheres pobres era uma das formas de diferenciar as mulheres consideradas importantes e adequadas. A partir desse ponto da diferenciação e semelhanças de opressões que esse artigo irá partir, desse modo tendo como base fontes de periódicos como O Araripe e o sexo feminino chegamos a conclusões precisas para esta pesquisa como em que ponto as mulheres livres, libertas e escravizadas se diferenciam e se assemelham e como referencial teórico abordado temos a Emília Viotti: Da Monarquia à república: Momentos Decisivos (2010).

Desenvolvimento

Ao pesquisar a respeito das mulheres livres, libertas e escravizadas concluímos que a forma de tratamento, local, social e finalidade religiosa era algo que agregava para a segregação atuante durante o oitocentos. O patriarcalismo era o sistema que organizava a sociedade e prezava a superioridade do homem perante a mulher e o patriarcado era mais relacionado a figura do patriarca do lar, ou seja do homem responsável por a manutenção daquela família.

Difícilmente se enquadrariam nesse retrato patriarcal as escravas, mulheres que trabalhavam como empregadas e amas-de-leite na casa dos ricos, as trabalhadoras da indústria, as prostitutas e vendeiras nas ruas das cidades, assim como as que, na zona rural, trabalhavam de sol a sol ao lado dos homens. (Costa, 2010, p.497.)



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

As dessemelhanças femininas partem da ideia de classe e raça construída no século XIX. A partir da fala de Viotti temos a percepção que a realidade das mulheres pobres e escravizadas era a submissão ao trabalho enquanto a reprodução da imagem do ser mulher do sistema patriarcalista fazia com que elas fossem retiradas da história oficial de mulheres de boa reputação, principalmente para o casamento.

O trabalho era uma categoria que diferenciava as mulheres e o trabalho compulsório, esse que se estendia além do que era estabelecido legalmente e ao entrar era quase impossível sair daquele ambiente, era recorrente na vida das mulheres pobres de cor. Um dos maiores exemplos dele é o trabalho na lavoura, que em muitas ocasiões era um trabalho forçado e imposto as mulheres escravizadas e libertas, para ter onde habitar e se alimentar juntamente com seus filhos. Esse trabalho compulsório excedia o tempo considerado adequado judicialmente e gerava condições de vida precária.

As mulheres africanas escravizadas eram objetificadas, em larga escala, pelo seu corpo e reconhecidas pelo acatamento das vontades dos seus senhores, que não respeitavam os limites e eram movidos pela ideia patriarcal, essa ideia patriarcal reforçava a violência com os corpos femininos.

As mulheres se diferenciavam em muitos aspectos e isso provava que não existia uma homogeneidade entre as mesmas, pois em muitos momentos as mulheres africanas e descendentes de africanos pobres não eram vistas como humanas e sustentava a cadeia estruturada sociedade, pois eram as responsáveis pela reprodução do cativo enquanto as mulheres brancas e burguesas eram responsáveis dar uma educação virtuosa e gerar novas gerações que seriam motivos de perpetuação do poder.

As mulheres da alta sociedade eram tidas como recatadas e do lar sendo exemplo ideal para uma sociedade harmônica e para a manutenção da honra da família.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Em 1875, um ilustre representante da igreja, Dom Antônio Macedo Costa, aconselhava a mulher casada a “ amar seu marido, respeitá-lo como a cabeça do casal, obedecê-lo com afetuosa solicitude, admoesta-lo com descrição e prudência, responder-lhe com gentileza e servi-lo com devoção, calando quando ele estivesse irritado, tolerando os seus defeitos com paciência, não tendo olhos nem coração para outros.”. Esquecia-se o bom bispo de fazer idênticas recomendações aos maridos. (Costa, 2010 p.495)

Assim abordado por Emília Viotti conseguimos compreender de forma mais precisa a respeito da subordinação sentida pelas mulheres, principalmente como se forma a ideia da inferioridade e seus estereótipos sociais. Esses rótulos em muitos momentos como observado pela autora mencionada acima eram reforçados pela doutrina católica e conseqüentemente os seus impactos sociais e patriarcais eram imensos.

Para melhor compreensão trago uma máxima do jornal O Araripe do ano de 1855 que reforçava a idealização da mulher adequada: “A mulher diligente é a coroa do marido, e a que pratica cousas indigna, fas-lhe aprodecer os ossos.” (Araripe 1855 p 2)

Tendo como referência essa máxima pode ter uma percepção que a mulher idealizada pela sociedade era aquela que seguia os bons costumes, sendo preferencialmente servil e que não provocasse vergonha aos seus maridos e conseguinte a sua honra e isso em determinados momentos poderiam ser motivos de violências contra as mulheres.

E as mulheres libertas onde se encontravam e o que as diferenciavam? As libertas se encontravam no meio social entre as experiências das mulheres livres e escravizadas. Partilhavam das violências sofridas e de uma liberdade precária, influenciada pelo meio social, econômico e climático. A venda da força de trabalho era um fator considerado



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

preciso para as mulheres libertas, visto que era onde conseguiam seu sustento e das suas crianças. Como ocorreriam as violências contra as mulheres?

As violências eram praticadas no cotidiano de forma física, psicológica, e também de forma verbal por meio de palavras assim como aparece na máxima do jornal O Araripe apresentada. A partir de uma notícia do jornal O Araripe identificamos uma notícia de violência contra uma mulher forra acusada de concubinato

Naõ foi preciso muito tempo para que este carrasco surrasse de palmatoria a uma mulher forra pelo crime de ser concubina de um escravo do sogro, conservando a vir valer-se de min, que a mandei guiar o Assaré. (O Araripe. 1856 p. 04)

Nota-se que a violência física não era presente apenas na vida das escravizadas, mas das libertas, forras e todas aquelas que procuravam realizar desvios das regras do sistema. As mulheres do século XIX não eram consideradas cidadãos como os homens e juntamente com elas estavam os indígenas e negros, a sociabilidade dos espaços era algo restrito às mulheres.

A sociabilidade era reduzida e em geral restrita ao núcleo familiar. A rua continuava a ser domínio de escravos, vendedores ambulantes, rameiras, artífices e vagabundos. As mulheres de alta classe não eram vistas nas ruas ou em outros lugares públicos com exceção da igreja. (Costa, 2010, p. 244)

A partir da citação apresentada entende-se que as mulheres da alta sociedade eram mulheres consideradas ilustres e sua forma de relação social se limitava ao lar e ao âmbito religioso. De acordo com a afirmação de Viotti compreende que a formação religiosa das mulheres era essencial para manter a harmonia social. “Nós somos tudo ou nada, Cle-mente XIV, segundo a educação que recebemos; a primeira e a melhor educação possível é a religião.” (O Sexo feminino, 1873, p.4)



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

De acordo com o jornal O Sexo feminino, observamos que a prática da virtude feminina era algo recorrente e necessário, apoiado pela própria igreja católica e seus líderes como o Papa Clemente XIV, citado nessa passagem do jornal. Agora é cabível cogitar se a moral religiosa tinha a mesma finalidade para com as mulheres escravizadas e libertas?

Paciência, resignação e obediência eram o catecismo que os padres ensinavam ao escravo. Alguns chegavam mesmo a dizer que os negros eram filhos “do maldito” e constituíam uma raça de condenados cuja salvação estava em servir ao branco, com paciência e devoção. Outros representavam o papel de mediadores entre a Casa Grande e a Senzala. Pregavam obediência a uns e moderação e benevolência a outros. Dizia-se nessa época que a confissão era o melhor antídoto das insurreições. (Costa, 2010, p.293.)

Analisando o argumento de Viotti observa-se que o tratamento para as mulheres escravizadas era com a finalidade de manter a obediência e conformação perante ao sistema escravista e não de proporcionar uma educação virtuosa aos seus filhos, assim como era designado as da alta e média sociedade. Visto que a educação era um direito masculino que proporcionava poder político, restrito aos homens brancos e da alta sociedade.

As mulheres tinham direitos, mas ainda eram restritas do poder político e isso interferia diretamente nas suas participações nas decisões tomadas para organizar a sociedade. As mulheres da alta e média sociedade quando órfãs e chegando a maioridade podiam solicitar a sua emancipação de bens assim como segue no processo abaixo.

Diz Anna Benedicta do Espirito Santo , fi-lha de Manoel Francisco da Cruz , e Be-nedicta Eugenia da Cruz , de quem é or-phã (documento nº 1), que tendo a idade de 20 annoz (documento nº 2) e achando- se suficiente mente habilitada para administrar seus bens, vem requerer a VSa suprimto de idade em virtude da ord . L3 T 42. Portanto P.ra VSa que desgne dia e hora para justificar a alle-gado . Crato 21 de Dessembro de 1873.

112





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

FHP,BR,CEDOCC,AE,p.5.Caixa1,pasta03,1873. (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO CARIRI – CEDOCC)

Essa fonte nos leva a cogitar que mais uma vez a classe segrega, pois enquanto as da alta e média sociedade conseguiam se manter com uma quantia e com os bens herdados, as mulheres pobres tinham que labutar para sobreviver e residir em casas de terceiros ou em locais bem precários e as escravizadas nem se quer dignidade tinham, sendo vistas como objetos de trabalhos.

Diante das diferenças analisadas entre as mulheres do XIX era algo que levava a uma segregação de espaço, cultura e perspectiva de vida, pois a vida de uma liberta e de uma escravizada que vendiam suas forças de trabalho nas ruas, nas casas, nas fazendas jamais se igualaria a compreensão de mundo de uma livre da alta sociedade, visto que o trabalho não a dignificava. Os fatos de compreender as mulheres como um todo sem subjetividades acaba por gerar um desajuste na história e nas concepções de entendimento da vida.

Conclusão

Em conclusão essa pesquisa apontou resultados em que as dessemelhanças femininas partem da categoria de classe, trabalho e raça. O mundo do trabalho era um mundo onde as mulheres pobres estavam inseridas para sobreviver e as mulheres da alta e média sociedade consumiam desses serviços para manter seus status. Eram do mesmo modo também diferenciadas por o meio familiar e social que frequentavam, pois as mulheres da alta e média sociedade deveriam ser castas, dóceis e submissas aos seus maridos e as mulheres libertas e escravizadas eram vista como aparelhos do trabalho e da reprodução, mas algo também observado é que elas independente da classe ou raça eram violentadas cotidianamente por seus esposos, senhores, filhos entre outros. O espaço no qual estavam inseridas falavam muito a respeito da classe e meio familiar.

113





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Afirmar que a cozinha era lugar de todas as mulheres chega a ser um erro, pois a partir da análise aqui realizada, as mulheres que estavam na cozinha eram as pobres e escravizadas e as mulheres que tinham prestígio social ficavam no lugar considerado adequado. Por fim é preciso analisar as realidades e o contexto histórico vivido, porque é por meio desses aspectos que podemos chegar a uma determinada conclusão sobre as práticas femininas cotidianas.

Fontes

Acervo do Centro de Documentação do Cariri – CEDOCC
FHP, BR, CEDOCC, Auto de Emancipação, Caixa I, Pasta 03, 1873.

Disponíveis na Hemeroteca Digital em:

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

○ Araripe, 1855

○ Araripe, 1856

○ sexo feminino, 1853

Referência

Costa, Emília Viotti da Da Monarquia á Republica: momentos decisivos. – 9. Ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2010.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Paisagens do sertão nordestino na novela *No rancho fundo* (2024)

Kaline Adriano Pereira da Silva³²

Johnnys Jorge Gomes Alencar³³

Considerações iniciais

Este trabalho discorre acerca da representação do sertão nordestino a partir do contato com telenovela *No rancho fundo*, na qual tem como foco principal uma família que vive no Cariri paraibano, que tenta mudar as condições de vida, enquanto a trama mostra o cotidiano dos membros dessa família baseada em romances, amizades, fraternidade, por meio de forma descontraída. A novela escrita por Mario Teixeira teve sua estreia em meados de 2024 pela emissora *Rede Globo* e se encontra disponível no aplicativo de *Stream Globo Play*.

Para iniciar uma reflexão da novela, devemos levar em consideração que essa novela é vista como a continuação de outra novela do mesmo autor, *Mar do Sertão*³⁴. Tal afirmativa fica ainda mais evidente quando destacamos que alguns personagens³⁵ dessa novela voltam em *No Rancho Fundo*. Então, é possível afirmar que há uma linearidade/continuidade entre uma e outra novela, sobretudo pela escolha de continuar

³² Universidade Regional do Cariri- URCA, Graduanda em História, e-mail: kaline.adriano@urca.br.

³³ Doutor em História pela UFBA e Professor substituto do Departamento de História da URCA. E-mail: johnnys.alencar@urca.br.

³⁴ *Mar do Sertão* é uma novela do Mário Texeira, produzida pela Rede Globo e estreada na TV em meados de 2022. Contava a História de um triângulo amoroso de forma cômica e romântica, levando os mocinhos a enfrentamento de empecilhos. A novela se passa no Nordeste e também foi criticada por representar o Nordeste estereotipado, entretanto, tentou reparar alguns de seus erros.

³⁵ Personagens que retornam na trama de 2024: Timbó (Enrique Diaz) e Xaviera (Giovana Cordeiro), Deodora (Débora Bloch), Vespertino (Thardelly Lima), Sabá Bodó (Welder Rodrigues), Nivalda (Titina Medeiros), Padre Zezo (Nanego Lira), Floro Borrromeu (Leandro Daniel), Quintilha (Ju Colombo) e Fubá Mimoso (Marco França).



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

dando vida ao sertão na televisão. As duas dramaturgias têm como cenário o sertão nordestino, no entanto, a novela de 2022 tentava mostrar um Nordeste diferente do que costumamos ver na TV. Mesmo não se libertando de todas as amarras dos estereótipos, a novela ofuscava boa parte desses com uma trama cativadora. Na novela de 2024, não foi isso que aconteceu.

Em *No rancho fundo* tudo remete a um padrão caricato das representações do sertão nordestino no audiovisual, fazendo com que a linearidade entre as duas novelas não seja relevante para os telespectadores. Na narrativa de 2024 foi reaproveitado o que deu certo em 2022, mas ao invés de melhorar os pontos positivos foi afundado em erros, de forma ainda mais significativa. Assim, houveram (e ainda há) reclamações da forma que a *Rede Globo* vende uma imagem do nordeste em suas novelas.

Um dos elementos que chama atenção nessas novelas são as paisagens. É inegável a forma como a região nordestina é imaginada, visualizada e exposta de *uma* forma muito específica: especialmente com as paisagens que retratam uma natureza perversa. Assim, quando nos remetemos ao Nordeste brasileiro, é comum vir à cabeça um lugar distante, com matos secos, terra rachada por falta de água, sol escaldante a qualquer momento do dia, cactos, escassez de água total, nenhum lugar de sombra, casas pequenas de taipa ou muito destruída no meio do nada, algum animal preso, geralmente burro ou cachorro. Um lugar de extrema pobreza sem perspectivas de melhorias. Não tem como negar que essa é uma imagem recorrente no imaginário brasileiro, dentro e fora do Nordeste.

Novelas, a incorporação da realidade



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Quando estamos falando de telenovelas, não há como negar o fácil acesso a esse importante audiovisual da cultura brasileira, pois elas são transmitidas em TV aberta. Também, podemos pressupor que os realizadores querem veicular mensagens para os seus telespectadores, principalmente quando as novelas contam para os brasileiros sobre os brasileiros, onde essas pessoas começam a se identificar a partir da identificação com o “outro” brasileiro, ao perceber que sua realidade está sendo retratada.

Ao haver esse retrato de diversas realidades e entendendo que a realidade cotidiana das pessoas é encorpada por políticas, com as novelas não seria diferente:

Ao captar e expressar com maestria o universo ideológico no interior do qual diversas forças políticas se posicionavam, ironicamente as novelas se tornaram um espaço privilegiado, estabelecendo crescentes conexões com outros domínios públicos (HAMBURGER, 2005, p.120).

Como a autora Esther Hamburger (2005) ressalta no trecho destacado, as novelas têm um papel importante na sociedade, pois vai além da televisão, ajudando a formar opiniões, conceitos, constrói uma visão de algo, de um coletivo, de um espaço, que cria ou fortalece a identidade de uma nação.

Com o alto alcance das novelas nas grandes massas populares, não podemos presumir que essa população como um todo estão preocupados em ter um olhar crítico diante das novelas, principalmente quando é de senso comum não levar a sério, seletivamente, certas temáticas abordadas nas tramas por ser “só uma novela”. É de suma importância os realizadores das novelas e da(s) emissora(s) terem a preocupação com a mensagem que escolheram passar para seus telespectadores, pois por nem sempre haver um olhar crítico sobre alguns aspectos que passam despercebidos para o público, mesmo as coisas mais sutis, ao haver uma repetição de como é o caso das paisagens, por



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

exemplo, reforçam a imagem de sertão do imaginário popular, pode ser interpretado como unicamente a verdadeira forma de narrar esse lugar.

A novela analisada neste trabalho é de 2024. Assim, por mais que as pessoas não aceitem mais tão bem tais representações, outras vão entender como algo verídico, pois viram a vida inteira essas imagens sendo reforçadas. Não é de se espantar o quanto essas ideias se tornam reais para os não-nordestinos e até mesmo para os próprios nordestinos, que muitas vezes começam a se enxergar da forma que foi imposto para essas pessoas. E mesmo que um estereotipo não apareça por si só, podendo ser baseado em algo que realmente exista, não podemos torná-lo e tomá-lo como única forma de representar esse espaço, sem levar em consideração outros aspectos que existem de forma diversa no Nordeste, inclusive na contemporaneidade.

A imagem estática: a fala não verbalizada

Para este trabalho, em que será analisada a telenovela *No rancho fundo*, serão utilizadas algumas capturas de telas que são retiradas do primeiro capítulo, dando ênfase nas paisagens naturais e não-naturais, onde examinaremos cenas estáticas, não levando em consideração o enredo em si, mas sim a mensagem que essas paisagens trazem sobre o sertão nordestino e entender como essas representações colocam essa região em cena como um campo imóvel e atrasado, sucedendo aos estereótipos que inferiorizam e degradam as pessoas que vivem nele.

Para ajudar a compor essa discussão, analisaremos uma captura de tela da novela *No rancho fundo*:

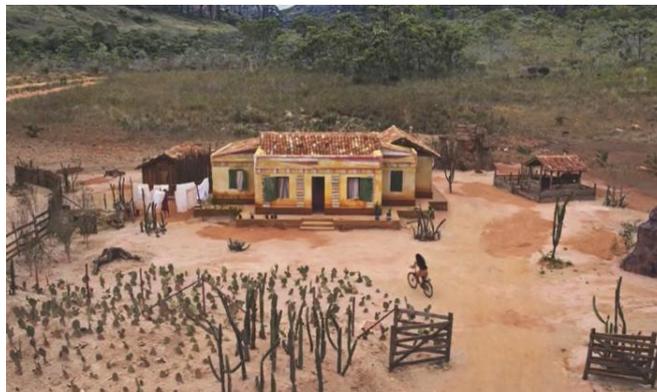


COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Imagem 01 – Paisagem rural em *No rancho fundo*



Fonte: captura de tela da novela *No rancho fundo*, direção Mário Teixeira, 2024. Globo.

Ao olharmos para esta imagem, que se passa em área rural do Cariri paraibano, percebemos um lugar amplo, distante, vegetação verde escuro e seca, com cactos, uma cerca de madeira que não delimita nada, terra seca, casa amarela antiga acompanhada de uma casinha de taipa e um chiqueiro. Há uma bicicleta que se aproxima da casa, ali está a protagonista Quinota, interpretada por Larissa Bocchino. Aqui, é possível observar o quanto esse retrato diz sobre o tom da novela, pois não é à toa que essa representação descrita esteja compondo o cenário da trama, existe a materialização da representação do Cariri paraibano a partir do que é imaginado sobre ele, de forma mais ampla sobre o sertão nordestino.

Entretanto não é isso que um dos protagonistas novela, o ator Alexandre Nero, que interpreta Tico Leonel, expressa em entrevista cedida para a revista VEJA;

Para Nero, algumas das acusações beiram o preconceito a pessoas pobres. ‘Quer dizer que uma pessoa que mexe com a terra é suja? Isso para mim é assustador. Não podemos falar de pobre na televisão?’, questiona[...] ‘Existem militâncias seríssimas que estão sendo



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

prejudicadas por essa militância de sofá e do engajamento nas redes sociais para ganhar grana com publicidade.’³⁶

O ator acusa os telespectadores que se sentiram ofendidos com os estereótipos de “militância de sofá” e fala que existem coisas mais sérias a se preocupar. Como se a extrema pobreza não fosse séria o suficiente, ao mesmo tempo retratada pela novela com a maior leveza. Como se a representação do sertão no audiovisual não prejudicasse e inferiorizasse as pessoas que vivem nele. Assim, o autor Mário Teixeira, utiliza de argumentos para basicamente dizer que foram os telespectadores que não entenderam a mensagem que ele quer passar:

Trata-se de um microcosmo brasileiro. A história não lida com estereótipos e sim com arquétipos, a cidade pequena e as coisas que a compõem. Ao mesmo tempo, é uma novela atual, então as pessoas usam celular, computador, carros etc. Os personagens são movidos pelo sentimento de querer melhorar as coisas, são nostálgicos em relação ao passado, à vida que eles levavam em comum.³⁷

Esse argumento, no entanto, não faz sentido, pois a novela é comercializada como “nordestina”, assim essa será a mensagem que será veiculada para os telespectadores: o sertão nordestino como um lugar incivilizado, escasso, pobre (em todas as dimensões) e sem direito a outras perspectivas/expectativas. Essa descrição, inclusive, vale para muitas outras novelas que também têm região Nordeste como cenário.

³⁶ O detalhe problemático de ‘No Rancho Fundo’. VEJA, 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/o-detalle-problematico-de-no-rancho-fundo-nova-novela-das-6-da-globo>. Acesso: 1 maio 2025.

³⁷ VEJA, Os detalhes problemáticos em ‘No Rancho Fundo’, 2024.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Dessa forma, a introdução ao exercício de pensar uma análise a partir dessas imagens, não tem como foco a comparação entre uma novela e outra, mas de entender como uma imagem que parece ser inocente traz muitas representações que são pensados para compor um ambiente e que refletem mensagens e leituras que interessam para serem circuladas. Nada é por acaso, tudo tem uma intenção baseada em escolhas para que o público receba, mesmo que de uma forma inconsciente, a composição do que os idealizadores pretendem passar.

Paisagem natural

Quando falamos em paisagem, logo nos remete as definições geográficas que nos diz que paisagens é tudo aquilo que os nossos sentidos podem captar e interpretar dos espaços. No entanto, para esse momento, pensaremos em uma paisagem natural, ou seja, que não tem nenhuma ou pouca interferência humana, em que o ponto de partida será de uma captura de tela de *No rancho fundo*. Assim, pensaremos como a paisagem natural diz muito sobre como a região nordestina é vista e representada por pessoas não-nordestinas.

O sertão é pensado representado em muitos casos como o espaço onde a natureza dita as regras, não é à toa que no audiovisual a paisagem natural é a maior característica dos cenários nordestinos. Em *No rancho fundo*, temos bom exemplo desse argumento, pois apesar de não haver tantos diálogos que ressaltam esse lugar de uma natureza perversa, os cenários dizem muito mais ao reproduzir essa ideia de sertão. É muito difícil assistir à novela e não associar as paisagens secas à toda cultura visual construída anteriormente em torno das imagens do sertão nordestino, dando a ler essas representações como as verdades possíveis sobre esse espaço. Pois, essa parece ser a única forma possível de representar o(s) sertão(ões).



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Imagem 02 - Estrada de terra em *No rancho fundo*



Fonte: captura de tela da novela *No rancho fundo*, direção Mário Teixeira, 2024. Globo.

Observando a imagem 2, que aparece nos primeiros minutos do primeiro capítulo da novela, é interessante ressaltar o mínimo esforço para mostrar esse espaço utilizado como cenário. Inclusive já apontando na narrativa leituras que justificam a falta de civilização dos personagens que vivem de forma reclusa da cidade.

Nessa imagem (02), podemos analisar as especificidades que caracterizam o estereótipo na construção da imagem das paisagens naturais do sertão nordestino. A estrada de terra longa no meio de matos secos e pouco verde, com destaque para outro elemento importante nas duas imagens: o sol. O sol é presente nas cenas como uma característica das paisagens da região nordestina, afinal é um lugar que é conhecido por suas altas temperaturas. Entretanto, no audiovisual é quase uma regra haver o sol a qualquer momento do dia, onde somente desaparecerá quando cair a noite em uma escuridão total quando se trata das representações do sertão, como notado por Silva, Alencar e Freire (2020).

Não é que imagens como essas não existam nesses espaços, muito pelo contrário, elas existem. O que aqui está sendo levantado é a intenção de representar o



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Nordeste apenas como um sertão único, em que as paisagens naturais resumem o sertão a essa ideia, como interpretado na novela. O Nordeste é composto por nove estados e cada um tem suas particularidades, com litorais e interiores (sertões) diversos e ricos. Mesmo a novela sendo recente, é indiscutível a falta de interesse em tratar outros cenários. É mais fácil representar aquilo que todos já conhecem e dar continuidade com estereótipos cristalizados. Assim, Albuquerque Junior ainda destaca que,

Ainda em nossos dias o sertão é visto como um espaço que fica distante da cidade, do litoral e até mesmo da civilização, é um espaço que, por sua vez, se encontra também em um tempo distante. Diz a primeira definição de sertão: “região agreste, distante das povoações e das terras cultivadas”. Como pode ser contemporâneo um espaço que se encontra distante de tudo, se o contemporâneo é definido por sua proximidade de espaço-temporal (ALBUQUERQUE JR, 2014, p. 44).

O anacronismo definido e situado por ele, é constantemente reproduzido na novela, quando as paisagens reforçam esse lugar distante, remetendo a atraso em relação ao restante do Brasil. Havendo uma intenção por manter a imagem do Nordeste dessa forma restrita e anacrônico. Pois criam um lugar inferior, desanexado da realidade do resto da Nação e usam como quiser e quando quiser, resguardado da licença poética. Não há intenção de mudar isso, há intenção de continuar com essas imagens e representações. A partir dessa leitura analisaremos a imagem 3, abaixo:



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Imagem 3 – Quinota



Fonte: captura de tela da novela *No rancho fundo*, direção Mário Teixeira, 2024. Globo.

Nesta imagem está em cena a protagonista Quinota, perto de um lugar rochoso, com água e mato verde, enquanto segura uma florzinha em suas mãos e olha encantada para ela. O que é possível observar nessa cena é como a natureza aqui é usada para representar a bondade da personagem, que é vista como romântica, ingênua e feliz, apesar de todos os problemas que enfrenta em seu cotidiano.

A confirmação de que não estão preocupados em mostrar novos cenários que quebrem um padrão de estereótipos, temos com essa imagem a variações da paisagem para contribuir com imagem limpa da personagem que não tem maldade com nada, afinal ela atribui valor as pequenas coisas até mesmo da natureza. Assim, a natureza é usada para mostrar esse lado romântico e ingênuo, quando tem mais água, mais verde, mais rochas. O lado mais seco da paisagem é usado para justificar a inocência selvagem da personagem, pois ela vive longe de tudo, ela não se corrompeu com as vaidades da cidade. Também é usado para justificar o lado sem civilização dos personagens, onde eles vivem sujos, sem educação, na pobreza, mas apesar de tudo felizes.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

É no mínimo curioso a forma com que os autores usam a natureza para construir um cenário de justificativas. Porque ao olharmos essas imagens de forma despretensiosa, não parece ser um lugar fácil de se habitar, nem mesmo com a romantização que eles fazem na novela. Parece ser bem difícil ter acesso a necessidades básicas da vida humana e isso é levado como se não fosse importante, pois ao invés de usar disso para fazer uma crítica, trazer uma visibilidade para quem mora nessas condições. No entanto, o que acontece é a romantização de que mesmo com todos esses problemas, eles são felizes e aceitam suas realidades, pois a verdadeira felicidade está com a família. E em alguns momentos, os personagens até querem mudar de vida, no entanto, a mudança é apenas monetária, onde eles não se preocupam em sair dessa condição de incivilizados, pois, vão continuar agindo da mesma forma, a essência deles é serem destinados a viverem nessas condições: se contentarem com o pouco.

Se, eventualmente, a trama realmente tivesse a intenção de dar um certo espaço de visibilidade para essa região e levar a sério os problemas que há nesse lugar, as leituras e encaminhamentos poderiam ser outros. O caso da pobreza, pode ser questionado, pois segundo o IBGE (2021): “O levantamento estatístico aponta que a região Nordeste concentra um valor proporcional a 47,9% da concentração da pobreza no Brasil”.³⁸ Isso não deveria ser levado como algo leve para apenas compor a ideia de um espaço.

No entanto, o que acontece é uma reafirmação de uma terra sem leis que pode reproduzir uma desvalorização e menosprezo sem reconhecer o mínimo do lugar e deixar evidente um espaço incivilizado por essência. O problema não é a novela usar o Nordeste como cenário, muito pelo contrário, é interessante trazer novas culturas para

³⁸ FECOP - Fundo Estadual de combate à pobreza. Pobreza no Nordeste. Disponível em: <https://www.fecop.seplag.ce.gov.br/2020/11/20/regiao-nordeste-possui-quase-metade-de-toda-a-pobreza-no-brasil-segundo-ibge/>. Acesso: 1 de maio de 2025.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

dar vida na televisão, ainda mais com o tamanho da emissora que a telenovela foi transmitida. Todavia, não é o que acontece. Os idealizadores da novela focaram em trazer uma história diferente utilizando da mesma fórmula que sempre deu certo: tratar o Nordeste de forma única e limitada ao imaginário comum. Em suma, o problema não é mostrar o Nordeste e sim reforçar a região caricata e anacrônica que dá continuidade em estereótipos mal vistos da região.

Paisagem não natural

Outros tipos de paisagens, são aquelas paisagens que são modificadas pelos humanos. Vejamos a seguir:

Imagem 04 – Quintal Rústico



Fonte: captura de tela da novela *No rancho fundo*, direção Mário Teixeira, 2024. Globo.

Adentramos ao lugar onde vive Quinota, mais especificamente o quintal de sua casa. A partir dessa imagem temos uma casinha de madeira pequena para banhos, com um balde pendurado que serve para segurar a água, onde tem outra personagem toma banho na frente de todos. Há outra casinha de madeira velha, uma carroça, um poço para suprir as necessidades de água e cachorro vira-lata. Tudo muito antigo,



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

aparentemente. Em poucos minutos de novela, essas são as representações que afirmam aquela imagem idealizada de sertão nordestino. Se não fosse noticiado que essa novela se passa em 2024 e pela presença dos celulares, seria facilmente confundida com uma que se passa em meados do século XX.

Não dá para limitar o Nordeste a ideia cristalizada que se construiu em torno do sertão. Reproduzir imagens como essas acima, determinando que isso é o sertão nordestino e fingir que essas imagens são apenas os lugares escolhidos para serem cenário de uma novela é desconsiderar os múltiplos sertões que compõem esses espaços. Principalmente, quando desconsidera as próprias pessoas que habitam esse espaço e faz com que elas se enxerguem dessa forma fixada e não a suas realidades.

Considerações finais

Por fim, a busca por refletir as paisagens, principalmente, naturais, como algo intencionalmente regrado para representação do nordeste no audiovisual, como acontece em *No rancho fundo*, é uma forma de evidenciar o retrato que remete o que as pessoas não-nordestinas enxergam essa região. Também, há uma intenção de refletir como a imagem desse sertão nordestino é interpretado nas cenas, onde há um recorte de frames que ajudam a identificar as narrativas estereotipadas sobre a região, assim concluímos que a novela evidencia que sua real intenção em representar o Nordeste é deixá-lo no lugar que ele está no imaginário popular e pensamento social brasileiro: um lugar inferiorizado, anacrônico, distante, incivilizado e pobre. Assim, pensamos que não existe um projeto e/ou estética preocupada em quebrar com esses padrões e dar lugar aos sertões (plurais), como era de se esperar em uma novela que se passa em 2024.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Distante e/ou do instante: “sertões contemporâneos”, as antinomias de um enunciado.** Ed. EDFBA. Salvador. 2014. pp. 41-59.

Direção artística: Allan Fiterman. Autor: Mário Teixeira. **MAR DO SERTÃO.** Rio de Janeiro: TV Globo, 2022-2023. [178 capítulos]. Disponível em: <https://gshow.globo.com>. Acesso em: 9 dez. 2024.

Direção: Allan Fiterman. Autor: Mário Teixeira. **NO RANCHO FUNDO.** Rio de Janeiro: TV Globo, 2024. [154 capítulos]. Disponível em: <https://gshow.globo.com>. Acesso em: 9 dez. 2024.

FECOP - Fundo Estadual de combate à pobreza. **Pobreza no Nordeste.** Disponível em: <https://www.fecop.seplag.ce.gov.br/2020/11/20/regiao-nordeste-possui-quase-metade-de-toda-a-pobreza-no-brasil-segundo-ibge/>. Acesso: 1 de maio de 2025.

HAMBURGUE, Esther. **Brasil antenado A sociedade da novela.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 2005.

MIYASHIRO, Kelly. O detalhe problemático de “No Rancho Fundo”. **VEJA**, 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/o-detalhe-problematico-de-no-rancho-fundo-nova-novela-das-6-da-globo>. Acesso: 1 maio 2025.

SILVA, Ledson Marcos Sousa; ALENCAR, Johnnys Jorge Gomes; FREIRE, Dikson Almeida. Representações e temporalidades do sertão em “Cinema Aspirinas e Urubus”. **TEL Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 11, n. 2, 2020.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

A materialidade da fé: os ex-votos do museu Vivo do Padre Cícero.

Cicero Vinicius Gonçalves Pinheiro³⁹

Tereza Cândida Alves Diniz⁴⁰

Introdução

Em 2007, na cidade de Macururé, meu pai, Vicente Pinheiro de França, sofreu um grave acidente de carro e fraturou o fêmur. Na época, seu irmão Sebastião Pinheiro de França (1954-2021), devoto do Padre Cícero, fez uma promessa ao santo e, em agradecimento, esculpiu uma perna em madeira e a depositou no Museu Vivo do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte. Esse foi meu primeiro contato com os ex-votos — objetos de devoção que representam pedidos ou agradecimentos por graças alcançadas.

Durante uma visita ao museu em 2013, impactou-me a diversidade dos ex-votos: esculturas de madeira (pernas, cabeças, braços), fotografias, cabelos, vestidos, diplomas, entre outros. Esses objetos são expressões materiais de fé e possuem trajetórias que revelam a relação entre os devotos e o sagrado. Além de sua função religiosa, há também uma dimensão econômica, já que esculturas semelhantes são vendidas na cidade, alimentando o turismo religioso local.

A musealização de objetos sagrados remonta ao século XIX, com a extinção das ordens religiosas em Portugal (1834), e tem raízes ainda mais antigas, desde o século V a.C. Práticas como a busca por relíquias na Idade Média, conhecida como simonia,

³⁹ Estudante da Universidade Regional do Cariri (URCA). Pertence ao grupo de estudos Núcleo de Estudo em História Social e Ambiente (NEHSA).

⁴⁰ Doutora em História (UFPE), professora substituta do departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA). Membro do Grupo de Estudos do Núcleo de História Oral, Memória e Diversidades (NHISTAL) e Laboratório de Pesquisas em História Cultural (LAPEHC).



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

exemplificam essa antiga relação entre o sagrado e os objetos materiais. Hoje, museus religiosos no Brasil, como os de Congonhas (MG), Aparecida (SP), Caravaggio (RS) e Juazeiro do Norte (CE), exibem acervos que possuem uma diversidade de objetos que variam de acordo com o santo cultuado ou o tipo de promessa.

A definição de ex-voto no dicionário Michaelis (2024) é “imagem, quadro, ou objeto, em madeira ou em cera, que se coloca em capela ou igreja, para comemorar um voto ou uma graça alcançada.”⁴¹. O significado do ex-voto foi aprofundado pelo doutor em comunicação social, Luís Erlin Gomes Gordo (2015), quando afirma:

O ex-voto parte de um voto realizado do indivíduo para com o sagrado, assim sendo estabelecida um acordo com ele, e se torna um ex-voto quando seu pedido ao sagrado é alcançado e assim é designado um objeto a esse como agradecimento por ter alcançado seu pedido, para ele essa prática seria quase como uma “barganha espiritual”, pois seria uma troca entre o sujeito e o sagrado (GORDO, 2015, p.31).

No que compete à teologia, João Pina Cabral aponta que:

A teologia apelida-os de ex-votos, o que significa “segundo o prometido”: o crente promete fazer uma oferta previamente específica. Uma vez recebida a dádiva divina, o ser humano não pode deixar de pagar a contra-dádiva previamente especificada. Os ex-votos são oferecidos a santuários dedicados a seres divinos específicos ou a altares dedicados a um ser divino específico em igrejas paroquiais. (CABRAL, 1998, p. 85).

Atualmente, os ex-votos não possuem uma única forma ou função. Foram ressignificados e passaram a refletir múltiplas experiências sociais, culturais e religiosas.

⁴¹Ex-voto. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ex-voto/>>. Acesso em: 14 novembro. 2024.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Esses objetos são fontes valiosas para entender práticas devocionais, identidades locais e modos de vida.

Para refletirmos sobre as imagens, mais especificamente, os ex-votos do Museu Vivo do Padre Cícero, foi fundamental recorrer ao conceito de Cultura Visual, pois ele permite identificar os sentidos implícitos na produção desses objetos, bem como as influências culturais e sociais de seu tempo. Esse conceito possibilita compreender a imagem como uma fonte histórica que vai além do que está visivelmente representado, permitindo analisá-la quanto às suas características, aos significados atribuídos por seus criadores e às influências do contexto em que foi produzida. Além disso, permite refletir sobre as ressignificações que a imagem pode receber ao longo do tempo e os diferentes olhares que passam a incidir sobre ela.

Nessa perspectiva dialogamos com a historiadora Ana Maria Mauad. No artigo “*Sobre imagens na história, um balanço de conceitos e perspectivas*” (2016), a historiadora aponta que através das imagens é possível adquirir informações acerca das relações sociais e culturais, entretanto como qualquer outra fonte é necessário questioná-la. Para Mauad, “as imagens visuais, como documentos/monumentos, permitem-nos conhecer, por ângulos pouco habituais, a urdidura das relações sociais. No entanto, não basta olhar, é fundamental estranhar” (MAUAD, 2016, p. 37.), ou seja, as imagens têm a capacidade de nos remeter às lembranças, memórias ou vivências, além do que também é possível estudar as experiências sociais, indícios, vestígios, restos e pistas tanto do contexto social na qual foram produzidas, quanto dos sentidos culturais onde estão inseridas.

Mauad afirma que a imagem por si só não tem um sentido único ou direto, mas é necessário, principalmente para o historiador, observar o meio social ao qual a imagem está inserida para assim compreender o sentido atribuído a ela. Neste estudo as fontes



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

estão inseridas em um âmbito religioso, e é a partir desse espaço sagrado que refletimos sobre os sentidos desses objetos.

Na pesquisa realizada, utilizamos fontes orais, como entrevistas com funcionários do museu, para entender como esses objetos são organizados e preservados. Semelhante, o historiador Paulo Knauss compreende que as imagens como linguagem universal permite acessar diversas dimensões da experiência humana. Desprezá-las como fontes históricas é ignorar registros fundamentais da vida social. Eduardo França Paiva, por sua vez, afirma que as imagens estão em constante ressignificação e precisam ser interpretadas conforme o lugar social dos indivíduos.

Assim como pessoas, objetos também possuem biografias. Isso porque os ex-votos ofertados ao Padre Cícero informam das trajetórias dos sujeitos que os produziram, suas crenças, promessas e a cultura em que estão inseridos, funcionando como fontes ricas para compreender as práticas devocionais em distintas temporalidades. Assim como os indivíduos possuem biografias, sendo impossível a sua totalidade, os objetos na *cultura visual* possuem historicidades narrativas, biografias, trajetórias, logo, os ex-votos designados ao Pe. Cícero objeto de análise deste artigo configuram-se como detentores de historicidade, pois falam dos indivíduos que os depositaram como pagamento de dívidas ou de promessas alcançadas, dos processos de musealização que atravessam esses objetos e os convergem como práticas culturais em diversas temporalidades históricas.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Desenvolvimento

O alto da Serra do Catolé está localizado a 3Km da área urbana da cidade de Juazeiro do Norte, além de possuir uma vista panorâmica privilegiada, o lugar abriga o velho Casarão do Horto, atualmente conhecido como o Museu Vivo do Padre Cícero Romão Batista. A instituição sob a administração da Ordem Salesiana Brasil foi inaugurada em 01 de novembro de 1999.

Em suas salas e quartos parte dos objetos e das indumentárias do seu filho ilustre, o pe. Cícero Romão, encontram-se seus objetos ritualísticos. Além da preservação da memória histórica e religiosa da cidade, o museu tem como objetivo: a prática, recolha e conservação de ex-votos, apresentar aos visitantes cenas do cotidiano do Padre Cícero Romão Batista e das pessoas que participaram do seu convívio enquanto em vida.

Na primeira sala, o artista Mozart Albuquerque Guerra produziu esculturas de figuras ilustres de Juazeiro do Norte como: abeata Maria de Araújo, dos políticos José Marrocos e Floro Bartolomeu, do romeiro e amigo íntimo Aureliano Pereira e da governanta Terezinha, todas pessoas próximas ao padre. As peças foram adquiridas pelo Governo do Estado do Ceará e doadas à prefeitura de Juazeiro que posteriormente foram expostas no acervo do museu. O museu também apresenta materiais sobre a sedição⁴² de Juazeiro do Norte ocorrido em 1914, além dos numerosos ex-votos recebidos e expostos desde a fundação do museu.

⁴²Segundo Evellyn da Silva Dutra (2023), a sedição de Juazeiro teve início durante o governo de Hermes da Fonseca, com política de “Salvação”, onde visava acabar com oligarquias regionais, como a de Nogueira Acioly no Ceará. A população, insatisfeita com a miséria no estado, protestou na “Passeata das Crianças”, que foi duramente reprimida. Acioly renunciou, e o governo federal nomeou Marcos Franco Rabelo, não aceito pelos coronéis locais. Liderados por Padre Cícero, eles organizaram uma revolta, depuseram Rabelo e, após intervenção federal e novas eleições, o grupo venceu. Padre Cícero tornou-se vice-governador do Ceará.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Semelhante, o museu contribui para a construção e preservação dos espaços de experiências dos(as) visitantes que participam das três grandes romarias que ocorrem anualmente em Juazeiro do Norte, Segundo Vasconcelos; Braga; Gouvei; Souza; (2015, p. 41), as três principais romarias, em termos de número de visitantes, são a Romaria das Candeias (de 29 de janeiro a 2 de fevereiro), a de Nossa Senhora das Dores (15 de setembro) e a de Finados (de 29 de outubro a 2 de novembro).

O local é considerado sagrado para os romeiros que para lá afluem em peregrinação e serve de refúgio de oração para diversos grupos advindos de várias regiões do Brasil e do exterior. O lugar num passado recente serviu de refúgio para o santo padre quando ele buscava se isolar da multidão a fim de consagrar-se à Deus. Os religiosos dividem o espaço com pesquisadores, turistas, visitantes e curiosos, seja para um pedido de oração ou para um simples registro fotográfico sob a égide “estive em Juazeiro do Padre Cícero”. Não importa a intencionalidade do ato, o importante é deixar registrado a experiência.

Aqui apresentamos por meio de fotografias parte do acervo do museu. Buscamos problematizar como a administração organiza e distribui o acervo de ex-votos. Na fotografia abaixo apresento uma síntese do espaço, local de adoração e depósito.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Figura 01: ex-votos da sala 01



Fonte: Acervo pessoal.

A fotografia foi realizada na primeira sala do acervo de ex-votos do museu vivo, nelas podemos ver já uma grande diversidade de objetos em sua composição, como vários pés e pernas esculpidos em madeiras suspensas na parede. No lado esquerdo da imagem temos alguns seios esculpidos em madeira pendurados e abaixo estão pendurados representações de corpos que também são esculpidos em madeira. Dentro da vitrine construída na parede da sala tem alguns automóveis, motos, ônibus, caminhão, carro, avião, trator. Do mesmo modo, na vitrine situada no chão, algumas esculturas em madeira, como um braço, pulmão, coração, útero, fígado, e até mesmo uma coluna vertebral, porém feita de outro material.

O museu contém atualmente mais de 5000 ex-votos em sua ampla diversidade e representações, como é possível perceber na figura 01 a presença de ex-votos em madeira (braços, pernas, joelhos, cabeças, pés, corpos, etc), automóveis em miniaturas, casas, e dentre outros que não estão presentes nessas figuras, como vestidos de noiva,



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

cabelo humano, bengalas, cd's, bonecas, espada de samurai... Podemos perceber a variedade e formas ao qual esses objetos podem assumir, significando dizer que a variedade de objetos ex votivos presentes na sala demonstra a pluralidade religiosa e informa a complexidade dos sentidos atribuídos aos romeiros quando das suas promessas.

Dos objetos utilizados no cotidiano aos que são produzidos exclusivamente para cumprir com o propósito do pagamento de uma promessa, seu formato está relacionado diretamente ao pedido realizado.

Também há aqueles objetos ao qual outro destino já foi traçado, que são depositados e resguardados em um ambiente distinto do museu, assim como também aqueles que são descartados ao qual esse processo deve ser analisado devido a sua importância cultural e relevância para aqueles que os depositam, visto que simboliza um testemunho e gratidão.

A instituição segue por um padrão distinto a um museu tradicional no que se refere ao seu acervo e o processo em torno da sua chegada desses objetos ao espaço. Segundo Maria Isabel Rocha Roque, Doutora em história e especialista na área de museologia, “A musealização implica um procedimento de transferência: o objecto é retirado do espaço operacional, que lhe era próprio e para o qual fora criado, e é-lhe conferida uma nova funcionalidade, essencialmente visual ou estética, a que se anexa uma intenção pedagógica;[...].” (ROQUE, 2010, p. 50). Em um processo distinto os objetos em exposição no museu vivo do Padre Cícero são categoricamente levados a esse espaço por um público específico, romeiros e fiéis do Padre Cícero, onde para eles o intuito atribuído a esse ato está ligado diretamente ao cumprimento de uma promessa e a exposição de um testemunho.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Com a chegada desses ex-votos ao museu os mesmos irão passar por um processo de seleção para serem colados na exposição ou serem guardados. Roque argumenta mais sobre: “porém, ao ser escolhido e isolado, concentra em si uma síntese desse universo que abandonou, ficando disponível para a criação de relações semânticas, singulares e inéditas, com os outros objectos que elaboram a mensagem do discurso expositivo.” (ROQUE, 2010, p. 50). Então, ao serem expostos em prateleiras ou pendurados por um fio de nylon na parede, todos esses objetos estão dialogando com outros que ali já estão expostos. Conforme dito anteriormente os ex-votos contém um único propósito: o pagamento de uma promessa, quando expostos os mesmos se juntam a outros testemunho que já estão ali evidenciados, se unindo em um sentido que ali foi elaborado pelo museu, que irá discorrer sobre a fé dos romeiros e as graças alcançadas por eles através do Pe. Cícero.

Para Marcelo Sabbatini, Doutor em Teoria e História da Comunicação, em seu artigo *O museu de ex-votos de Padre Cícero um olhar museológico sobre o turismo religioso em Juazeiro do Norte* (2005), a prática dos ex-votos é algo que está ligado a uma classe social nordestina desfavorecida socialmente, devido a eventos naturais climáticos assim como também questões econômicas, e é perceptível no ambiente do museu que muitos objetos tem um significado que está ligado diretamente a questões econômicas.

[...]os ex-votos também consistem em uma linguagem popular de protesto contra a difícil situação das camadas populares e especificamente do povo nordestino, vitimado por secas, concentração do poder econômico em latifúndios e de forma geral, pela fome. (SABBATINI, p. 7, 2005).

Para o historiador Cláudio Oliveira, “esta prática de depositar os ex-votos, depois de conseguir vencer os males ou as dificuldades, acontecia nos momentos de



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

instabilidade, desespero, dor e inoperância das soluções humanas. Daí se recorria ao Sagrado e se realizava a promessa.” (OLIVEIRA, 2003, p. 103).

Essas graças se manifestam por meio dos ex-votos nas mais distintas formas, como já descrito da fotografia (Figura 1), existem carros de brinquedos, miniatura de motos, avião, maquete de estabelecimento comercial e casas em miniatura (Figura 02). É possível encontrar essas manifestações com tijolos, blocos de construção e até mesmo pedras deixadas no local (Figura 03). Para o romeiro e para um leitor desatento da imagem, passa despercebido o fato de que o ato de ser agraciado com uma “casa própria” por exemplo não era para ser uma ação divina e sim uma ação do estado como provedor do bem estar social. nisso consiste a necessidade da “educação do olhar”.

Figura 02: casas e estabelecimentos



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 03: pedra e tijolo



IV

COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE



Fonte: Acervo pessoal.

Em conformidade ao que a fotografia três nos possibilita perceber, na fotografia quatro observa-se em destaque 2 objetos, uma pedra com escrita “Robson Ataislania”, e um bloco de tijolo sem nenhuma escrita. Os ex-votos podem ser encontrados em diversas formas, desde objetos produzidos exclusivamente a cumprir com esse propósito assim como também materiais e objetos do cotidiano, e assim podemos perceber o uso desses dois objetos para o pagamento da promessa, e tais objetos comumente estão associados a construção por se tratarem justamente de materiais de construção, então logo se pode associar este ex-voto a um pagamento de promessa que esteja associado a esse significado, a construção da casa própria ou estabelecimento comercial, reafirmando essa proximidade dos fiéis com essa divindade no que se refere aos pedidos associados a conquista de bens materiais ou econômicos.

A fé e a prática ex-votiva são associadas a uma classe social de pessoas com um baixo nível de alfabetização e conhecimento, porém ao fazermos uma análise dos ex-votos presentes no acervo do museu encontramos algumas evidências que se

139



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

contrapõem a essa premissa. Na fotografia abaixo podemos ver os ex-votos presentes em uma sala do museu dedicadas apenas a exibir os objetos voltados à formação superior, onde são expostos diplomas, livros, jalecos, beca (traje de formatura), certificados, objetos que simbolizam o curso ao qual a pessoa se formou, dentre outros.

Figura 04: sala dos formandos



Fonte: Acervo pessoal.

Então, nos contrapomos a esse pensamento inicial pois feita a análise desses objetos podemos concluir que essa fé está para além de uma classe social ou um determinado nível de alfabetização, a prática ex-votiva e a demonstração dessa fé através desses testemunhos se fazem presentes no museu como uma evidência de que essa limitação não existe, esses objetos estão ali pois muitos foram deixados lá por pessoas que já realizaram graduação, mestrado, doutorado, e que para eles essa conquista só foi possível graças ao Pe. Cícero, pois só conseguiram essa através do pedido realizado ao mesmo.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

E para além desse estigma de uma classe alfabetizada devemos também despir um outro estigma, a visão de que essa prática está limitada a ser feita por pessoas de uma camada social pobre. É importante observar que no museu também tem objetos ex-votivos de valor significativo que são deixados lá, o que significa dizer que essa prática está além de uma única camada social.

Figura 05: espada de samurai



Fonte: Acervo pessoal.

Na fotografia cinco, observa-se uma espada de samurai exposta em uma prateleira, protegida por uma caixa de vidro — diferente da maioria dos outros objetos do acervo. Essa proteção indica seu alto valor material. Segundo a carta deixada junto ao item, trata-se do cumprimento de uma promessa feita por um filho em favor da recuperação da saúde de seu pai. Com a graça alcançada, a espada foi entregue ao museu como forma de agradecimento. Esse caso revela que a prática dos ex-votos também é realizada por indivíduos pertencentes a camadas sociais de maior poder aquisitivo.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Devido a variedades de objetos e a constante ampliação do espaço, visto que diariamente um novo ex-voto é criado e dedicado a uma santidade, é difícil se estabelecer um tipo de catalogação e tipologia desses objetos, entretanto alguns pesquisadores já nos possibilitam alguns meios de fazer esse processo, o Sabbatini nos traz essa discussão:

Justamente na relação entre forma externa e conteúdo e o modo como se estabelece a função comunicativa, convém estabelecer uma tipologia para classificar os ex-votos. Aquela elaborada por GONZÁLEZ (1981) descreve cinco tipos principais: 1) os figurativos, nos quais os objetos expressam o desejo alcançado (figuras humanas, maquetes de casas, partes anatômicas); 2) os representativos, com objetos que através de uma parte ou elemento expressam a graça como um a todo (quepe como promoção militar, buquê como sucesso no casamento); 3) os discursivos, que descrevem o milagre através de registros escritos (cartas, bilhetes, gravuras); 4) os midiáticos, são registros de veiculações nos meios de comunicação (jornais, revistas) das expressões de agradecimento e devoção e 5) os pictóricos, com quadros pintados ilustrando através de imagens o benefício obtido. (SABBATINI, 2005, p. 7).

Assim sendo, podemos perceber que a presença da fé nas pessoas não tem limites nem barreiras, não é algo que se pode determinar como presente em apenas um determinado grupo de pessoas pertencentes a uma determinada classe social, com uma baixa alfabetização ou um grupo situado geograficamente em um determinado local, a fé nos indivíduos transcende a qualquer questão presente ao nosso plano físico e material, é um sentimento, uma crença e uma convicção presente em cada um que a prática de alguma forma.

Como já mencionado, essa prática está presente em diversas classes sociais, evidenciando a universalidade da devoção e do compromisso assumido pelos fiéis. A variedade de objetos oferecidos reflete a diversidade dos romeiros e suas condições socioeconômicas, abrangendo desde itens simples do cotidiano até objetos de alto valor.

142





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Essa heterogeneidade demonstra que, independentemente da posição social ou dos recursos financeiros, todos compartilham o mesmo propósito: expressar sua fé e gratidão por meio do cumprimento das promessas.

A presença desses diferentes tipos de ex-votos reforça a ideia de que, diante da religiosidade e da devoção, não há distinção entre os devotos, pois todos participam igualmente desse ato de testemunho. Dessa forma, o espaço sagrado se torna um local de inclusão e pertencimento, onde a fé se sobrepõe às diferenças materiais e sociais, unindo os fiéis em um mesmo sentimento de devoção e esperança.

Vale ressaltar que não há limites para os pedidos dos fiéis, uma vez que a devoção ao Padre Cícero se manifesta de maneira profundamente pessoal e simbólica. A relação de intimidade entre os romeiros e o santo popular pode ser observada por meio dos ex-votos, que representam a materialização de suas preces, anseios e agradecimentos.

Os ex-votos, apesar de sua grande diversidade, carregam significados únicos. Mesmo que alguns pareçam semelhantes, cada um tem um percurso próprio, marcado pelas pessoas e pelos eventos que os levaram até seu destino. Além disso, por mais que possuam características semelhantes, suas interpretações nem sempre correspondem à sua verdadeira história.

Assim como diz Paiva, “a imagem não é o retrato de uma verdade, nem representação fiel de eventos ou de objetos históricos, assim como teriam acontecido ou assim como teriam sido. Isso é irreal e muito pretensioso.” (PAIVA, 2002, p.19-20). Então ao analisar os ex-votos é possível ter uma dimensão do que está por trás daquele objeto, mas nunca será possível compreender o real acontecimento na vida do indivíduo que até ali levou o seu testemunho em forma física, a não ser que ele tenha deixado ali junto ao objeto o seu testemunho escrito.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Considerações finais

O Museu Vivo do Padre Cícero, local que reúne milhares de ex-votos, representa para os fiéis devotos do Pe. Cícero é um espaço sagrado de aproximação com a figura religiosa do santo. O lugar é para os romeiros um ponto de acolhimento, segurança, afeto e compaixão, alguém para quem eles podem recorrer em momentos de necessidades. Nesse local os ex-votos são levados por um público amplo e diverso, prática essa não realizada por uma classe social específica, geográfica ou com determinado grau de alfabetização.

A exposição dos ex-votos informa sobre um conjunto de diversas biografias e relatos sobre a santidade do Pe. Cícero, mas também pode ser considerado um símbolo de vaidade e apreciação para esses fiéis. A diversidade e pluralidade do acervo representa o grande público e as diversas experiências vivenciadas por esse público. Portanto, o museu é um local ao qual as experiências e biografias transcendem o espaço e o tempo e mantém a figura religiosa do Pe. Cícero viva, ato esse feito por um coletivo de um público diverso ao qual mantém essa figura presente.

Referências

CLAUDIO, Jose. **Ex-votos do Brasil: religiosidade, patrimônio cultural, memorial social**. Anais dos Simpósios da ABHR, v. 13, 2012.

DA SILVA DUTRA, E. **O SANTO QUE NÃO É SANTO E O INIMIGO NÚMERO UM DA REPÚBLICA**. Anais do Simpósio Nacional de Estudos da Religião da UEG, v. 2, n. 1, p. 29–41, 2023.

GORDO, Luís Erlin Gomes. **Ex-votos: A saga da comunicação perseguida**. Ação Social Claretiana (Editora Ave-Maria), 2015.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

KNAUSS, Paulo. **Aproximações disciplinares: história, arte e imagem.** Anos 90, v. 15, n. 28, p. 151–168, 2009.

KNAUSS, P. **O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual.** ArtCultura, v. 8, n. 12, p. 97–115, 2006.

MAUAD, Ana Maria. **Embrulhado para presente? Fotografia, consumo e cultura visual no Brasil (1930-1960).** Domínios da Imagem, v. 2, n. 2, p. 27-36, 2008.

MAUAD, Ana Maria. **Fotografia pública e cultura do visual, em perspectiva histórica.** 2013. <http://www.unicentro.br/rbhm/ed04/dossie/01.pdf>. Acesso em, v. 5, p. 11-19, 2014.

MAUAD, A. M. **Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas.** Revista Maracanan, v. 12, n. 14, p. 33–48, 2016.

MAUAD, Ana Maria. **Como nascem as imagens? Um estudo de história visual.** História: Questões & Debates, v. 61, n. 2, p. 105-132, 2014.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagem.** 2ed., Belo Horizonte; autêntica, 2006, p. 17-35.

ROQUE, Maria Isabel. **Comunicação no museu.** 2010.

SABBATINI, Marcelo. **O museu de ex-votos de Padre Cícero: um olhar museológico sobre o turismo religioso em Juazeiro do Norte.** Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 3, n. 6, 2005.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

A seca de 1877-1879 no Cariri cearense: Impactos e Consequências

Sabrina Agostinho do Nascimento⁴³

Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez Reis⁴⁴

Introdução

A seca de 1877-1879 foi um dos eventos mais devastadores da história das Províncias do Norte do Império brasileiro⁴⁵, afetando intensamente a região do Cariri cearense. Seus efeitos ultrapassaram a dimensão climática, provocando o colapso da economia local, fome, doenças e migração em massa. Este artigo tem como objetivo analisar os impactos da Seca no Cariri, com ênfase nas respostas das autoridades civis, da Igreja Católica e da imprensa local. Como objetivos específicos propõe-se: (1) Investigar as ações das autoridades locais e provinciais diante da crise provocada pela seca no Cariri cearense; (2) Examinar o papel da Igreja nas estratégias de assistência à população afetada; (3) Analisar como a imprensa da época, especialmente o *Jornal O Cearense*, representou a seca e suas consequências; (4) Compreender os principais impactos da seca sobre a economia regional, especialmente na agricultura e no comércio.

A escolha pelo Cariri como recorte espacial, justifica-se pela sua posição singular no contexto da Província do Ceará. Até meados do século XIX, a região destacava-se como um dos polos econômicos mais importantes do interior, sustentado por uma agricultura diversificada, pequenas manufaturas e um comércio articulado com outras

⁴³ Universidade Regional do Cariri, Graduação em História, Núcleo de estudos em História Social e Ambiente- Nehsa e-mail: sabrina.agostinho@urca.br

⁴⁴ Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez Reis, e-mail: anaisabel.reis@urca.br

⁴⁵ Durante o século XIX, o Brasil estava dividido em províncias, não em estados tal qual conhecemos hoje. As “Províncias do Norte” incluíam o atual Nordeste e a parte do Norte do país, sendo o Ceará uma delas.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

regiões das Províncias do Norte. Cidades como Crato e Jardim possuíam infraestrutura urbana razoável e elites locais relativamente influentes. No entanto, a seca de 1877-1879 revelou a fragilidade dessa aparente estabilidade. A devastação das lavouras, a morte de rebanhos e o colapso do comércio interno desorganizaram profundamente o cotidiano caririense, expondo os limites de atuação do poder público e das redes tradicionais de socorro. Assim, estudar os efeitos da seca no Cariri permite compreender como mesmo regiões relativamente prósperas sucumbiram diante da catástrofe, evidenciando a profundidade das desigualdades estruturais no interior do Império.

A pesquisa baseia-se na análise de fontes primárias, como Ofícios da Câmara Municipal do Crato⁴⁶, correspondências da Cúria e publicações do *Jornal O Cearense*⁴⁷. A metodologia consiste em uma análise documental, permitindo examinar ações e discursos institucionais diante da crise. As categorias analíticas centrais são: fome, migração, assistência, poder local e representações da seca, que orientam a interpretação das estratégias de enfrentamento mobilizadas pela população e pelos agentes do poder.

A abordagem teórica adotada insere-se no campo da História Social⁴⁸, permitindo compreender a seca não apenas como um fenômeno natural, mas como uma “catástrofe social”, conceito desenvolvido por estudiosos como Josué de Castro e

⁴⁶ Instituição de governo local responsável por legislar e fiscalizar o poder executivo e municipal. Durante o Império, também exercia funções administrativas e assistenciais em tempos de crise.

⁴⁷ Fundado em 1849, o *Jornal* circulava na Província do Ceará e desempenhou papel importante na mediação das discussões políticas e sociais do período, sendo utilizado por elites locais como instrumento de influência e denúncia.

⁴⁸ Corrente historiográfica que busca compreender as estruturas sociais, relações de poder e experiências dos grupos marginalizados, muitas vezes em contraposição à história tradicional centrada em elites políticas e eventos marcantes.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Michael Watts⁴⁹. Tal perspectiva destaca como estruturas de desigualdade e relações de poder condicionaram tanto os efeitos da estiagem como as respostas a esse fenômeno. Assim, analisa-se a seca como uma experiência vivida e interpretada historicamente, influenciada por decisões políticas, crenças religiosas e representações simbólicas.

A pesquisa também se apoia na historiografia das secas no Nordeste, que revela o papel ativo das instituições como o Estado, a Igreja e a imprensa na produção de discursos e práticas de controle social durante os períodos de calamidade. Autores como Nelson Werneck Sodré, Frederico de Castro Neves e Lúcia Figueiredo demonstram como tais atores contribuíram para consolidar visões naturalizadas da miséria nordestina, ao mesmo tempo em que reforçavam as hierarquias políticas e sociais por meio de estratégias paliativas e seletivas de assistência⁵⁰.

Dessa forma, este artigo estrutura-se em três partes: a primeira apresenta o contexto histórico da seca de 1877-1879 e seus efeitos imediatos sobre o cotidiano da população Caririense; a segunda analisa as ações das autoridades civis e religiosas, evidenciando suas limitações e movimentações; a terceira investiga as representações construídas nos discursos jornalísticos e documentos oficiais. Ao reunir essas dimensões, o estudo busca contribuir para compreensão dos efeitos sociais e políticos no Cariri cearense, inserindo-se no debate mais amplo sobre as relações entre natureza, poder e vulnerabilidade no Brasil oitocentista.

⁴⁹ Josué de Castro (1908- 1973) foi autor de *Geografia da Fome* (1946), obra fundamental para compreender a fome como resultado de desigualdades sociais. Michael Watts é conhecido por *Silent Violence* (1983), estudo sobre a fome no norte da Nigéria.

⁵⁰ Tais estratégias referem-se a ações temporárias e insuficientes que visam conter os efeitos da crise, sem modificar suas causas estruturais, muitas vezes distribuídas com base em favoritismos políticos.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

A seca de 1877-1879 e seus efeitos no cotidiano da população caririense

A seca que começou em 1877 causou uma mudança drástica na vida da população do Cariri, que até então vivia em uma relativa estabilidade econômica, sustentada pela agricultura de subsistência, cultivo de algodão e criação de gado. Com a falta de chuvas, as colheitas e a criação de animais foram severamente afetadas, resultando em escassez de alimentos e um aumento alarmante nos preços. Documentos da época, Como os Ofícios da Câmara Municipal do Crato, mostram o desespero da população diante do fato aqui apresentado. “Os generos alimenticios estão no mercado desta cidade, por um preço bastante elevado e a população desvalida já mais o poderá comparar faltando lhe trabalho cujo salario lhe forneção de curços, embora mingoados para sua manutenção”. (Câmara Municipal do Crato, 29 de Junho de 1877).

A migração tornou-se uma das poucas saídas de sobrevivência. Famílias inteiras deixaram suas lavouras e se dirigiram para as áreas urbanas ou para o litoral em busca de ajuda. Esse movimento deu origem ao fenômeno social dos “retirantes”⁵¹, que formaram grandes grupos de deslocamento humano, pressionando vilas e cidades que não estavam preparadas para recebê-los. A presença em massa dos retirantes nas ruas do Crato, de Juazeiro e outras localidades do Cariri foi frequentemente retratada nas páginas do Jornal *O Cearense*, muitas vezes com tom de compaixão, mas também de crítica moral.

O numero de emigrantes ou retirantes, que aqui passam todos os dias vindos já de cima e já do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, é extraordinario. Andam em bandos de centenares, rotos, nós e famintos. O homem de coração bem formado não póde ver com indiferença o quadro que somos

⁵¹ Termo usado para designar pessoas que migravam forçadamente das zonas rurais em busca de sobrevivência durante os períodos de seca. A figura do retirante tornou-se símbolo da vulnerabilidade social no sertão nordestino.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

obrigados a presenciar diariamente, e maior é o nosso desgosto, porque não podemos socorrer a tantos infelizes. (Jornal *O Cearense* 7 de Junho de 1877).

Respostas das autoridades civis e religiosas diante da calamidade

As autoridades locais, limitadas por recursos escassos e submetidas a um poder fortemente centralizado no Império, mobilizaram estratégias emergenciais de assistência diante da gravidade da seca de 1877-1879. Essas ações incluíram a distribuição de alimentos, a organização de campanhas de arrecadação e, em alguns casos, o emprego de retirantes em pequenas obras públicas⁵², como limpeza das ruas e a manutenção das estradas. Em ata de reunião, a Câmara do Crato declarou:

Neste suposto resolveu a Camara que, não sendo aqui a escassez de generos tão sensível como em outras localidades, bastará por ora que se distribua com esses indigentes trabalhos e obras públicas, mediante módicas diárias; pois com isto lhes tem assegurado o sustento que carecem (Câmara Municipal do Crato, 12 de Maio de 1877).

Além das iniciativas locais, é importante ressaltar que a resposta à seca de 1877-1879 foi marcada pela lentidão e ineficiência das autoridades provinciais e imperiais. Apesar dos ofícios enviados pelas camaras municipais pedindo recursos e apoio, os repasses do governo imperial demoravam a chegar e, quando chegavam, eram insuficientes para lidar com a gravidade da crise. Muitos recursos foram direcionados para Fortaleza, em detrimento das áreas do interior, como o Cariri. Essa centralização, evidencia a hierarquia na assistência, onde o litoral recebia prioridade em relação ao Cariri. Como aponta Frederico de Castro Neves, a lógica de socorros imperial seguia uma política seletiva, favorecendo localidades com maior influência política ou

⁵² No contexto da seca, as obras públicas incluíam tarefas como abertura de estradas, construção de cemitérios e limpeza urbana, utilizadas como formas de “emprego assistencial”.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

representação parlamentar. No caso do Cariri, a distância dos centros de decisão e a fragmentação política local dificultaram a busca por recursos mais substanciais. Assim, o poder local acabou se tornando o principal responsável pela organização do socorro, mesmo que com recursos escassos e ações pontuais.

A Igreja Católica, por sua vez, teve um papel ambíguo. Enquanto os bispos e párocos locais promoviam a caridade cristã e organizavam campanhas de arrecadação, também reforçavam discursos que ligavam a seca a uma punição divina⁵³, convocando os fiéis à penitência. Carta pastorais e registros da Cúria mostraram uma mobilização moralizante, que buscava controlar comportamentos e reforçar a ordem social em um momento de extrema vulnerabilidade.

A seca tem sido geral, porém para nós apesar da bondade de nossas terras, tem sido mais flagelladora não só por causa da alluvião de muitos emigrantes, mas principalmente pelos espírito de usura, de injustiça, de imoralidade e irreligião das pessoas em querer Deus tem posto alguns bens, e alguns recursos de moralidade! (CÚRIA DIOCESANA DO CRATO, 26 Jul. 1877. Acervo da Diocese do Crato).

As representações da seca na imprensa e nos discursos oficiais

A imprensa teve um papel crucial na formação das representações da seca. O jornal *O Cearense*, um dos principais periódicos da Província, misturava denúncias das omissões do governo com uma narrativa que frequentemente colocava a culpa nos próprios retirantes por sua situação. Essa ambivalência revela como a seca se tornou um campo simbólico de disputa, onde se construíam imagens do sertanejo tanto como vítima quanto agente da desordem.

⁵³ Interpretação comum na época, segundo a qual desastres naturais seriam manifestações da ira divina diante do pecado humano, influenciando a forma como autoridades religiosas propunham respostas à calamidade.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

O incremento da criminalidade entre entre nós marcha na razão inversa dos progressos materiais e morais que a sociedade ou meio em que vivemos realiza diariamente. Parece que por uma aberração das leis naturais, eternamente gravadas na consciencia humana, o remorso ou a pena, que em vez de afastarem a mão criminosa da ação delinquente, acirra, engrossa, cada vez mais os impulsos bestiais dessa pobre bête de somme⁵⁴, como chamava Pascal a humanidade. Mas, diga-se toda a verdade, se tais são as feições do nosso estado social, outro tanto — aliás se pode dizer — há países que, até bem pouco, não eram apenas conhecidos pela sua exótica e tristemente célebre estatística criminal. (Jornal *O Cearense* 8 de Julho de 1877).

No contexto do Cariri, essas representações ganharam contornos ainda mais complexos. Apesar de ser uma região interiorana, o Cariri contava com uma imprensa local e uma rede de circulação de ideias que era influenciada pelas elites intelectuais e eclesiásticas do Crato, o que ampliava os discursos moralizantes sobre os retirantes. Em alguns artigos publicados pela imprensa regional, como panfletos e boletins paroquiais, a presença dos migrantes famintos pela ruas era vista como uma ameaça à ordem e a moralidade urbana, reforçando a ideia de que o sertanejo, desestruturado socialmente, não conseguiria lidar com a escassez de maneira “civilizada”. O discurso oficial das autoridades municipais, registrado nas atas, também refletia essa visão ao caracterizar os retirantes como “indigentes”, criando uma distinção simbólica entre a população local e os migrantes que chegavam de outras partes da província ou de províncias vizinhas. Essa distinção ajudava a justificar políticas assistenciais seletivas e reforçava a ideia de que, embora a seca fosse um problema generalizado, deveria ser enfrentada de forma hierarquizada, priorizando “nossos pobres” - ou seja, aqueles considerados legítimos pela elite local. Nesse sentido, a Câmara Municipal do Crato, ao se dirigir ao presidente da província, afirmava: “Esta Camara concluindo garante a Vossa Excelencia, que nunca

⁵⁴ Expressão em Francês que significa “besta de carga”, usada no texto para descrever de forma crítica a suposta irracionalidade do povo diante da miséria, revelando um olhar elitista típico de parte da imprensa e da época.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

se há dissolvido de que foi incumbida pela presidência de velar pelos indigentes deste município”.

Nos documentos oficiais, por outro lado, percebe-se uma tentativa de enquadrar a seca dentro de uma lógica administrativa e moral. As atas da Câmara do Crato e relatórios provinciais⁵⁵ evitam discutir questões estruturais sobre desigualdade, preferindo pontuar as ações de socorro, reforçando a ideia de que a estiagem era um fenômeno excepcional e imprevisível.

São: conclusão da cadeia na face esquerda, cuja obra está em metade; um novo cemiterio, visto como existem opiniões terem as febres reinantes sua origem seo que actualmente se fazem os internamentos por causa das condições topographicas; e finalmente dois ou três açudes pelo rio, para que nunca possa faltar agoa ao poso (Câmara Municipal do Crato, 12 de Maio de 1877).

Considerações Finais

A análise da seca de 1877-1879 no Cariri cearense mostra que esse fenômeno foi muito além do que apenas um evento climático; na verdade se configurou como uma verdadeira catástrofe social. Ao longo do artigo ficou evidenciado como a estiagem provocou uma crise profunda, desestruturando o cotidiano da população e gerando fome, migração em massa e o colapso das atividades econômicas. As respostas das autoridades civis e religiosas foram insuficientes diante da gravidade da situação, caracterizada por ações pontuais, discursos moralizantes e estratégias de assistência que não atendiam a toda população de retirantes.

A atuação da Igreja Católica, enquanto promovia a caridade e arrecadava fundos, também ajudou a reforçar visões moralizantes sobre a seca, ligando o sofrimento

⁵⁵ Documentos administrativos enviados pelas autoridades locais às instâncias superiores do Império, com registros sobre finanças, saúde pública, obras e catástrofes, servindo como fontes primárias para historiadores.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

coletivo à ideia de punição divina. Por outro lado, a imprensa, especialmente o Jornal *O Cearense* teve um papel ambíguo: embora denunciasse a omissão do poder público, também contribuía para estigmatizar os retirantes, oscilando entre a compaixão e a culpabilização moral.

Com base na análise das fontes primárias e no diálogo com a historiografia, podemos concluir que a seca foi interpretada e gerida por meio de estruturas sociais e políticas marcadas pela desigualdade. A vulnerabilidade da população pobre do Cariri foi acentuada pela falta de políticas estruturais e pela manutenção de um sistema que responsabilizava os mais frágeis pelos efeitos do desastre.

Assim, a seca de 1877-1879 não apenas expôs as fragilidades do Império brasileiro diante de crises ambientais, mas também destacou os limites das instituições em promover justiça social⁵⁶. Ao estudar esse episódio sob a ótica da História Social, reforça-se a importância de entender os desastres naturais como fenômenos que também são construídos social e politicamente, cujas consequências se distribuem de maneira desigual entre os diferentes grupos sociais.

Referências Bibliográficas

CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946.

FIGUEIREDO, Lúcia. *Seca e poder: política e catástrofe no Nordeste do século XIX*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001.

⁵⁶ Conceito que implica na distribuição equitativa de recursos, oportunidades e direitos, buscando corrigir desigualdades históricas e estruturais na sociedade.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

NEVES, Frederico de Castro. A política do socorro: Estado, secas e clientelismo no Nordeste (1877-1879). São Paulo: Hucitec, 1995.

WATTS, Michael. Silent Violence: Food, Famine, and Peasantry in Northern Nigeria. Berkeley: University of California Press, 1983.





IV

COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Resumos



GEPHS
Grupo de Estudos e Pesquisas
em História e Subjetividade





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Eugenia, tuberculose e políticas públicas na gestão de Gustavo Capanema (1934-1945)

Ávila Monteiro Silva

Esta pesquisa investiga a relação entre eugenia, tuberculose e políticas públicas no Brasil durante a gestão de Gustavo Capanema (1934-1945). Ao longo do século XX, no Brasil, doenças como tuberculose e sífilis, além de transtornos mentais e alcoolismo, eram amplamente associadas à hereditariedade e à raça. Para os eugenistas, grupos como negros, indígenas e mestiços possuíam fragilidade biológica, sendo mais suscetíveis a essas enfermidades. O objetivo central é analisar como políticas sanitárias e educacionais entre 1934-1945 reforçaram concepções eugênicas, hierarquizando corpos segundo critérios degenerativos a partir do adoecimento pela tuberculose. Utilizando como fonte o Arquivo Pessoal Gustavo Capanema (CPDOC), a metodologia inclui análise documental e abordagem historiográfica baseada na biopolítica proposta por Foucault (1976), que demonstra o esforço sistemático de gestão dos corpos e regulação das massas por meio de saberes e práticas de poder que permitem gerir taxas de natalidade, fluxos migratórios, epidemias e aumento da longevidade. Além disso, a pesquisa se apoia nos estudos sobre racismo científico no Brasil, especialmente em Schwarcz (1993), *O Espetáculo das Raças*, que analisa como instituições e intelectuais consolidaram a racialização da população e naturalizaram desigualdades. Atualmente, a pesquisa encontra-se em fase de investigação, buscando compreender as interseções entre o corpo adoecido pela tuberculose ou propenso a adoecer, a eugenia como solução para elementos disgênicos que afetariam a raça sob a ótica eugênica e racial, e as políticas públicas criadas para a concretização desses ideais

Eugenia, Tuberculose, Políticas Públicas



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Ditadura e luta camponesa no Ceará (1964- 1985)

Lucas do Nascimento Alves

Fábio José de Queiroz

Este trabalho aborda as potencialidades do tema da questão camponesa no Ceará no contexto da ditadura empresarial-militar nascida do golpe de Estado de primeiro de abril de 1964. Apoiando-se em materiais bibliográficos e fontes primárias, a exemplo dos processos da Comissão Especial de Anistia Wanda Rita Othon Sidou, e reconstruindo as trajetórias dos líderes camponeses Vicente Pompeu da Silva e José Rodrigues Araújo, este é um estudo da questão camponesa no território cearense em meio à sistematização e exacerbação da violência do Estado em uma quadra política de domínio político ditatorial e militarização. De plano, constata-se que a quebra da legalidade constitucional, associada ao golpe de Estado de 1964, alcançou o Ceará, como não podia ser diferente, e culminou na repressão brutal aos movimentos sociais, sobremaneira ao sindical, chegando à zona rural e atingindo as lideranças camponesas.

Camponeses, Ditadura empresarial-militar, Ceará





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Narrativas orais e as reminiscências das experiências vivenciadas nos grupos de jovens da Pastoral da Juventude Rural no Cariri Cearense na década de 1990

Francisco Ytalo de Lima Silva

O presente trabalho versa sobre as primeiras reflexões de minha tese de doutorado em desenvolvimento sobre a Pastoral da Juventude Rural (PJR) na região do Cariri cearense na década de 1990. A PJR é uma organização de juventude rural vinculada a Igreja Católica, constituída em 1983, a partir de grupos de jovens rurais dissidentes da Pastoral da Juventude do Meio Popular, em Pernambuco e da Pastoral da Juventude, no Rio Grande do Sul. No Cariri cearense, os primeiros grupos são formados a partir de 1994, nos municípios de Brejo Santo, Milagres, Nova Olinda e Santana do Cariri, quando a Diocese de Crato resolve iniciar a organização das juventudes católicas a partir de suas especificidades (urbana, periférica, rural e estudantil). O processo de criação e articulação dos grupos foi conduzido por uma comissão de dez jovens rurais. Com relação a metodologia, devido à ausência de fontes documentais, recorri a História Oral de Vida de três lideranças dessa comissão. Quanto a conceituação, tenho trabalhado a partir de três eixos: memória e identidade, religião e política, e juventude e resistência camponesa. Por fim, a análise preliminar da historiografia e das fontes revelam o quanto as experiências das juventudes rurais brasileiras ainda continuam alheias aos interesses da pesquisa histórica, fato que justifica o presente estudo e suas contribuições para a compreensão dos processos organizativos desse importante segmento social.

Juventudes rurais; Movimentos Sociais; Igreja Católica



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

História e literatura: a construção da figura do camponês sertanejo na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos

Maria Lavínia Victor Sancho
Fábio José Cavalcanti de Queiroz

Vidas Secas, de Graciliano Ramos - ficção social que retrata a vida camponesa no sertão nordestino da década de 1930 - aborda a seca como fenômeno social que atinge desigualmente as camadas rurais. A narrativa acompanha Fabiano e sua família, evidenciando exploração e opressão estatal impostas pelo fazendeiro e pelo soldado. Ao expor as contradições do capitalismo, especialmente no campo, por meio da criação literária, a obra, de modo peculiar, complementa a historiografia ao revelar aspectos simbólicos e subjetivos da experiência sertaneja difíceis de serem captados pelas vias tradicionais da historiografia. A resistência camponesa manifesta-se na indignação de Fabiano diante da exploração e da repressão, apontando, de algum modo, que sua luta vai além da mera sobrevivência. Sua consciência da opressão e sua recusa interna sugerem - ainda que de modo implícito - para a luta de classes. A pesquisa é intitulada “História e literatura: a construção da figura do camponês sertanejo na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos”, iniciou-se em setembro e tem duração de 12 meses, busca contribuir para a compreensão da subjetividade do campesinato tomando em conta as contendas narradas, mostrando a resistência que há em Fabiano e destacando a literatura como fonte histórica. Utilizam-se aqui as lentes do marxismo para compreender a complexidade da classe camponesa. Em suma, o estudo visa entender a figura do camponês sertanejo a partir da interação entre história e literatura.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

A Carnaúba - símbolo natural paisagístico e cultural no contexto histórico de Campo Maior – PI

Francivaldo Pereira da Silva

A Carnaúba – símbolo natural paisagístico e cultural em Campo Maior - PI Considerada no Nordeste como a árvore ‘da providência’, ou, ‘da vida’, pela possibilidade de aproveitar todas as partes desta planta, a carnaúba é um elemento presente no cotidiano da população e na história campo-maiorense. A gestão pública de Campo Maior destaca a importância dessa planta através do epíteto escolhido de “Terra dos carnaubais”. No século XX, Piauí passou a inserir-se na dinâmica do capitalismo internacional através das atividades extrativistas da maniçoba, no centro-sul do estado, do babaçu, no vale do rio Parnaíba e da carnaúba, na região norte do Estado. Campo Maior, por conta dos seus vastos carnaubais, destacou-se com um dos mais importantes centros de cultivo. A exploração local da carnaúba, promoveu o que era considerado o progresso econômico local, sobretudo por volta da década de 1930, e ainda por volta de 1940 – 1970– com menos impacto até hoje.

Carnaúba, Campo Maior, História





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

A seca de 1877-1879 no Cariri cearense: Impactos e consequências

Sabrina Agostinho do Nascimento

A seca de 1877-1879 foi uma das mais graves da história das Províncias do Norte, causando fome, doenças e migração em massa. No Cariri cearense, a estiagem afetou a economia local, com foco principal na agricultura e no comércio, e provocou um grande número de mortes. Este trabalho busca analisar os impactos da seca na região a partir de fontes primárias, como os arquivos da Câmara Municipal do Crato, as cartas da Cúria e o Jornal O Cearense. A metodologia adotada consiste na análise documental, buscando compreender as ações das autoridades locais, as respostas da Igreja e a forma como a imprensa retratou a crise. As categorias centrais destacadas na pesquisa são: fome, migração, assistência, poder local e representações da seca, com isso, permitindo uma análise das estratégias de sobrevivência da população, das medidas adotadas pelo governo e das narrativas construídas em torno do fenômeno. Com isso, pretende-se contribuir para o entendimento dos efeitos sociais e políticos da seca na região do Cariri cearense. A pesquisa encontra-se em andamento, porém já é possível perceber como as autoridades locais e provinciais lidam com a seca, uma vez que implementaram medidas paliativas para conter o avanço da seca, porém não foi suficiente tendo em vista que milhares de famílias tiveram suas vidas ceifadas devido às péssimas condições que se encontrava a região do Cariri cearense.

Cariri cearense, Fome, Migração





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Conflitos no sertão: as desavenças entre agricultores e criadores animais no século XIX

Antônio Henrique Macêdo Neto
Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez Reis

A segunda metade do século XIX foi marcada por intensos conflitos entre criadores de animais e agricultores em várias regiões do Ceará. No Cariri cearense, em especial, essas disputas se mostraram ainda mais acirradas e constantes, uma vez que a região, amplamente valorizada por sua vegetação abundante e clima favorável, era destinada principalmente à agricultura, atividade considerada essencial para a economia local segundo a imprensa. A pecuária, nesse contexto, acabou distante dos holofotes da imprensa, ficando distante das atenções públicas e políticas. O presente resumo busca analisar os discursos publicados no jornal O Araripe, que evidenciam as intrigas e as tensões provocadas pelas recorrentes invasões de animais nas lavouras e a representação desses conflitos sociais pela imprensa regional da época.

Agricultores, Imprensa, Criadores de animais



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Indústria pecuária no Ceará: comparação e análise dos dados do IBGE nos anos 2012 e 2022

Luan Mateus Oliveira de Souza
Daiana de Souza Bezerra
Francisca Jaqueline de Souza Viração

Neste artigo discutem-se dados e informações teóricas sobre a produção pecuária no estado cearense. Para isso é feita uma revisão histórica bibliográfica do papel que tal atividade produtiva desempenhou para a economia e formação do Ceará para enfim reunir os dados divulgados pelo IBGE sobre o efetivo de rebanhos locais e produção de mercadorias derivadas das criações. Logo, trata-se de uma pesquisa básica - já finalizada - com abordagem quanti-qualitativa que tem como propósito a análise do crescimento histórico e das tendências sazonais dos rebanhos entre os anos de 2012 e 2022. A pesquisa busca fornecer uma visão geral da pecuária local, inclusive em uma perspectiva inter-regional, considerando suas transformações ao longo do tempo e as variáveis relacionadas ao setor, como a evolução dos rebanhos e a produção de mercadorias derivadas. Por fim, observa-se os principais fatores que interferem nesse vínculo, constata-se a relevância da atividade pecuária na unidade administrativa e são feitas considerações gerais acerca das diminuições e acréscimos no total de cabeças dos anos de 2012 a 2022 além de elementos relacionados que interferem nessa dinâmica como políticas públicas e a sustentabilidade ambiental de maneira geral, formando, assim, uma visão ampla da indústria do ramo econômico estudado.

Pecuária, Produção, Rebanho



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

O Serrote do São Joaquim: Meio Histórico para o Letramento Patrimonial em Cachoeira dos Índios, na Paraíba

Djalma Luiz do Nascimento Dantas

As pesquisas desenvolvidas pelo projeto Akangatu – que significa memória em Tupi-guarani – no município de Cachoeira dos Índios-PB (2022-2024) foram responsáveis pelo reconhecimento do Serrote do São Joaquim como Patrimônio Natural do lugar, que foi um dos resultados das atividades desenvolvidas por estudantes e seu professor que atuaram como pesquisadores da História. Partiu-se da escola municipal Maria Cândido de Oliveira, com a aplicação do Letramento Patrimonial no Ensino de História, na oficina “O que são Patrimônios Naturais?”, e desta formação passaram a se compreenderem sujeitos históricos problematizando o território como “Meio Histórico”, no qual a natureza é vista como um resultado da intervenção humana, seja nas suas permanências ou destruições. As atividades de pesquisa utilizaram da metodologia da História oral para reivindicar e dar sentido e significado histórico ao serrote, por meio do levante da Memória Social buscar outras fontes históricas para inventariar e historicizar os saberes registrados na pesquisa, os colocando como fontes de saberes escolares do lugar.

Letramento Patrimonial, Ensino de História, Patrimônio Natural





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Rios secos: As terras molhadas e ribeiras nas sesmarias da capitania do "Siará grande "

Francisca Amanda do Nascimento Silva
Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez Reis

Pesquisa intitulada, rios secos: as terras molhadas e ribeiras nas sesmarias da capitania do "Siará grande", tem como objetivo principal analisar como as ribeiras e as terras molhadas influenciaram no processo de ocupação do Ceará. Visto que, houve inúmeros conflitos por essas terras, uma vez que para sobreviver em terras cearenses precisavam se instalar próximo aos rios, onde muitos desses rios são efêmeros, fluem apenas durante o período chuvoso, depois disso somem do cenário cearense ficando apenas leitos secos até a próxima estação chuvosa. A pesquisa tem como metodologia a leitura de sesmarias e manchetes do jornal O cearense, complementada com referenciais teóricos que trabalham com o tema.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

“Bárbaros de corso que infestam as jurisdições desta capitania”: A desqualificação dos povos indígenas e do sertão do Siará Grande (1690-1730)

Thais Maria Bezerra Ferreira Silva

Darlan de Oliveira Reis Junior

Analizamos na pesquisa os conflitos entre colonizadores portugueses e povos indígenas que resistiam à ocupação de suas terras, ao longo do século XVIII. O presente trabalho busca compreender a utilização de discursos que desqualificavam tanto o espaço quanto seus habitantes, objetivando seus feitos em busca de conquistar o território e quem o ocupa. A pesquisa analisa como essa violência começou na linguagem, explorando o binômio tupi-tapuia ou sertão-litoral, a partir da análise de documentos históricos como Datas de Sesmarias e cartas ao Conselho Ultramarino, disponíveis no Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC). O presente trabalho faz parte de uma pesquisa intitulada “Dominação e resistência: as lutas indígenas nos sertões cearenses (século XVIII)”, faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e é financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), sob orientação do professor Darlan Reis.

Indígena, Sertão, Colônia

Cinema e História: A construção da Idade Média em narrativas fílmicas

168





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Isaac Alves do Nascimento
Johnnys Jorge Gomes Alencar

Este trabalho busca analisar as representações da Idade Média no cinema a partir dos filmes *Irmão Sol, Irmã Lua* (1972) e *Em Nome de Deus* (1988). A pesquisa tenta compreender essas representações através de todos os elementos que compõem a fonte fílmica. Ambos os filmes trabalham a temática de maneira peculiar. No caso da primeira obra *Irmão Sol, Irmã Lua* do Franco Zeffirelli é apresentada a trajetória de São Francisco de Assis, sua mudança espiritual e social, realçando o egoísmo da nobreza e a dominação da Igreja Católica no século XIII. O filme destaca os planos paisagísticos, vestimentas de cores vibrantes e o ressignificado do Sol preponderante em cena. Na obra *Em Nome de Deus* do Clive Donner é narrado o romance de Pedro Abelardo e Heloísa, um envolvimento real que teve suas consequências. É notório a forte presença feminina, ao representar Heloísa como uma mulher autônoma e à frente de seu tempo. Fica claro no filme que a mulher é o pecado; a figura masculina tenta lutar contra o desejo, mas a “pecadora” insiste em corrompê-lo diante da Igreja. Este trabalho também busca compreender, a partir de entrevistas com os diretores dos filmes, como as escolhas estéticas e decisões de produção contribuem para a construção de tais representações. Por fim, o estudo problematiza o papel do cinema na formação da percepção histórica, salientando como esses filmes associam elementos históricos e ficcionais na construção do período.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

A construção de imagem, a memória e o “abuso da memória”: as mulheres cangaceiras sob as lentes de Benjamin Abrahão Botto

José Ferreira Júnior

Este texto resulta de uma pesquisa bibliográfica e de uma abordagem qualitativa, tem como objetivo promover comparação das análises das narrativas relacionadas às fotografias de mulheres cangaceiras, produzidas pelo libanês Benjamin Abrahão Botto, quando de sua estada no bando de cangaceiros comandado por Lampião, no ano de 1936, com a realidade histórica dessas mulheres citadas. Entendendo não ser a memória histórica necessariamente a memória social, discute-se neste texto o discurso que promove à mulher cangaceira um lugar de liberdade, com vivência antagônica à experimentada antes do seu ingresso no cangaço. Para o empreendimento dessa discussão, além das fotografias, serão utilizados conceitos relacionados à história social e cultural, como, imagem fotográfica (Burke, 2017), memória (Le Goff, 2011), abuso de memória (Todorov, 2013), representação e imaginário (Pesavento, 2008), documento histórico (Certeau, 2007; Le Goff, 2011). Este texto é parte de uma pesquisa relacionada à mulher cangaceira e sua estada no cangaço, cujo andamento está em fase de conclusão, que se realizará com publicação de livro físico e e-book.

Imagem, Memória



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Cinema Soviético e a Transformação Ideológica: A Revolução Russa no Olhar da Sétima Arte

Isadora Brandão dos Santos

A pesquisa "Cinema Soviético e a Transformação Ideológica: A Revolução Russa no Olhar da Sétima Arte" tem como objetivo analisar a relação entre o desenvolvimento do cinema soviético e as mudanças políticas e ideológicas após a Revolução Russa de 1917. A pesquisa investiga como a produção cinematográfica soviética foi moldada por um contexto histórico de invasões, resistência e busca pela sobrevivência, e como isso se reflete nas características estéticas e temáticas do cinema da época. A metodologia adotada envolve análise qualitativa de filmes produzidos durante o período, observando elementos como a influência das vanguardas artísticas e a transição da estética acadêmica para uma proposta mais ideológica e revolucionária. A pesquisa também se apoia em fontes primárias, como filmes, documentos e artigos da época, e em fontes secundárias, como estudos de cinema e cultura russa. O referencial teórico está baseado em teorias de cinema e estudos sobre ideologia e arte. Atualmente, a pesquisa está na fase de análise e comparação de filmes, com resultados preliminares que indicam a forte relação entre cinema e propaganda política, além da resistência das tradições artísticas.

Cinema Soviético, Ideologia, Revolução Russa



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

A imagem do sertão na novela 'No rancho fundo'

Kaline Adriano Pereira da Silva
Johnnys Jorge Gomes Alencar

Este estudo analisa a representação do sertão nordestino na telenovela No Rancho Fundo criada por Mário Teixeira e produzida em 2024 pela rede Globo. A pesquisa investiga como o audiovisual constrói uma imagem do Nordeste, examinando as estratégias narrativas e estéticas utilizadas para representar esse espaço, como um lugar homogêneo, marcado pela escassez e pela seca, reforçando a ideia de um lugar anacrônico e sem perspectivas de transformação ao longo do tempo. Para isso, serão examinados frames da novela, refletindo sobre como o Nordeste é imaginado por não-nordestinos, enfatizando os cenários que reforça uma ideia de paisagem seca e árida, como o único cenário possível a representar o Nordeste. O trabalho, ainda em fase inicial, já apresenta resultados que evidenciam essa construção imagética. Para esta análise, dialoga-se com textos que pensam os sertões, como espaços múltiplos e diversos.



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

O horror Slasher: Uma análise da sexualidade feminina em Halloween e Pânico

Beatriz Amorim de Araújo
Josinete Lopes de Souza

No final dos anos 1970, eclodiu nos Estados Unidos um movimento cultural em reação aos movimentos civis e de contracultura dos anos 60. Entre os mais afetados pela ação desse movimento antiliberal estavam os movimentos feministas, que traziam à tona questões sexuais como aborto e divórcio. Em contrapartida, com a popularização da sétima arte após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a indústria cinematográfica continuou a ser a principal fonte de cultura de massa nos Estados Unidos. Nesse contexto, a década de 70 viu emergir o subgênero *Slasher*, caracterizado pela representação sexual feminina, erotização e violência de gênero. Esta pesquisa tem como objetivo compreender essas representações acerca do gênero feminino presentes nos filmes Halloween: A noite do Terror (1978) e Pânico (1996), através de uma análise comparativa entre as duas produções filmicas selecionadas para esta pesquisa.

Cinema, cultura, sexualidade feminina



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

A materialidade da fé: os ex-votos do museu vivo do Padre Cícero

Cícero Vinicius Gonçalves Pinheiro
Tereza Cândida Alves Diniz

A pesquisa “A materialidade da fé: os ex-votos do museu vivo do Padre Cícero” traz uma análise sobre os ex-votos do museu vivo do Padre Cícero, localizado em Juazeiro do Norte – Ceará. Tendo como objetivo compreender as relações sociais que estão implícitas nessa prática ex-votiva a análise das imagens nos permite vislumbrar o vínculo de fidelidade e comprometimento dos fiéis do Padre Cícero para com o cumprimento de suas promessas, assim como também a variedade de tipologia ex-votiva, tipos de promessas, o público que realiza essa prática e a composição do acervo do museu. A compreensão dessas questões é analisada através do uso de fotografias, assim como também o uso da fonte oral com a perspectiva dos funcionários da instituição buscando fortalecer aquilo que as fotografias nos fornecem. A pesquisa se encontra em estado final e já foram estabelecidos resultados para os questionamentos levantados. Como fundamentação teórica, diálogo com as análises desenvolvidas pela historiadora Ana Maria Mauad, sobre os sentidos das imagens na história, também a contribuição do professor Eduardo França Paiva, é relevante para pensar as imagens como fontes e não mais como ilustração, haja vista que elas estão sempre em processo de ressignificações.

Ex-voto, Padre Cícero, romeiros



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Narrativas de identidade e discriminação no mangá de ficção científica cyberpunk *Ghost in the Shell* (1989-1991)

Danilo Linard
Guilherme Mariano Martins da Silva

Nossa pesquisa focaliza os temas da identidade e da discriminação presentes nas 12 edições que compõem o primeiro volume do mangá de ficção científica cyberpunk intitulado *Ghost in the Shell*, de Shirow Masamune (2016), publicadas originalmente no Japão, entre 1989-1991. Objetivamos problematizar como as personagens desse universo ficcional (ciborgues parciais, totais, robôs e andróides) constroem e atribuem, para si e para os outros, narrativas identitárias e discriminatórias utilizando marcadores como “origem” (biológica ou cibernética), “aparência” (antropomórfica ou não) e “cognição” (oposição entre a consciência humana, tida como superior, e as IA’s (inteligências artificiais), vistas como inferiores). A metodologia empregada consiste na seleção de momentos das narrativas nos quais há a contraposição entre os discursos das personagens visando compreender como, nas HQs, texto escrito e imagens constituem narrativamente essas identificações e discriminações. Nosso referencial teórico é pautado, principalmente, pelo diálogo com Ricoeur, Groensteen, Lévy, Lemos e Jameson. A presente pesquisa é um recorte de nosso projeto de dissertação que se encontra em fase de qualificação. A discussão tem sinalizado positivamente no sentido de confirmar a tendência de que temáticas reais (como a da discriminação em suas variadas formas) podem ser tratadas de maneira crítica e criativa pelas lentes da ficção.

Identidade, ficção científica, ghost in the shell



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

O ofício do historiador no contexto das mídias digitais, virtualização da educação brasileira, relações de trabalho no século XXI e o papel do professor para uma aprendizagem histórica digital

Cicero Eduardo de Lima Roberto

Tendo em vista o contexto de virtualização da vida social, do espaço escolar e das transformações nas relações de trabalho no Brasil, essa pesquisa tem como objetivo analisar o movimento de professores de História, formados em licenciatura, que abandonaram o ensino em instituições formais (escolas e universidades) para atuar em plataformas digitais, como o YouTube. Busca-se também, compreender os motivos que levaram esses profissionais a migrar para o ambiente digital. Além disso, investiga-se o tipo de conteúdo histórico produzido nessas plataformas, observando-se uma tendência de abordagem voltada para os grandes fatos e acontecimentos (guerras, revoluções, figuras históricas), vídeos de curta duração com foco em curiosidades e preparação para exames como o Enem. Ademais, é importante destacar a problemática de profissionais que não são formados em licenciatura em História produzirem conteúdo sobre a mesma, situação em que, muitas vezes, a cientificidade da disciplina é posta em dúvida. A pesquisa será realizada numa abordagem qualitativa, por meio da análise de vídeos e do conteúdo digital produzido por professores de História no YouTube, com foco no formato das aulas, público-alvo e nas temáticas abordadas. Serão utilizadas como fontes, o conteúdo digital desenvolvido pelos professores inseridos no meio virtual e políticas educacionais e relatórios divulgados pelo Ministério da Educação (MEC).



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Trabalho e Gênero: livres, libertas e escravizadas na sociedade brasileira do século XIX

Maria Clara Silva Gomes
Darlan de Oliveira Reis Junior

Esta pesquisa está em fase inicial e objetiva compreender como as mulheres estavam inseridas na conjuntura do XIX, na sociedade brasileira. Incorporando questões de classe, gênero e raça, desse modo partimos de suas dessemelhanças tanto em relação para com os homens, quanto entre as próprias mulheres em suas respectivas classes. A partir da discussão teórica proposta por Emília Viotti da Costa no livro *Da Monarquia à República*, buscamos analisar as realidades históricas dessas mulheres em suas diferentes condições, no século XIX. A micro-história é adotada por necessidade de um estudo mais detalhado e centrado nas experiências femininas. As fontes trabalhadas são jornais como: *O Araripe* e o *Jornal do Sexo Feminino*, encontrados na hemeroteca digital disponível no site da Biblioteca Nacional, fazendo nos ter um entendimento mais sólido de como essas mulheres estavam situadas na sociedade da temporalidade estudada.

Mulheres, Trabalho, Século XIX



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Jornal Pequeno (PE) e a enquete “Qual o marido ideal?”: participação feminina nas edições de 1914

Maria Larissa Menezes Alcântara
Jane Derarovele Semeão e Silva

Essa pesquisa possui como objetivo analisar a participação e as respostas de mulheres na imprensa pernambucana na enquete "qual o marido ideal?", publicada nas edições de 1914 pelo Jornal Pequeno que circulou em Pernambuco. Nesse sentido, visamos investigar como a enquete apresenta um "desvio" em relação às representações sobre o feminino para representações sobre o masculino, também buscamos compreender, mediante os comentários publicados, a construção social sobre a masculinidade e o casamento ideal nas edições daquele ano. Em relação às fontes, utilizamos, especificadamente, as seções “Pergunta feita às leitoras do “jornal pequeno” qual o marido ideal?”, “Para as senhoras e Vida Feminina”, inseridas no Jornal Pequeno e que se encontra digitalizado e disponível no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Quanto ao referencial teórico, dialogamos com os autores/as Joan Scott e Roger Chartier, utilizando, respectivamente, os conceitos de gênero e representação. Por fim, no que diz respeito à metodologia utilizamos uma análise quantitativa e qualitativa das respostas à enquete promovida pelo periódico. Até o momento, conseguimos identificar algumas construções sociais no impresso, como o marido perfeito que só é possível mediante idealização feminina e o marido “ideal” que de fato não existe. Espera-se que esta pesquisa contribua para a historiografia ao destacar a visibilidade feminina na imprensa de Pernambuco.

Gênero, "Qual o marido ideal?", Jornal Pequeno



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Ensino de História: desafios e perspectivas na formação docente a partir da racionalidade neoliberal na Educação Básica

Daniela Feitosa Bernardo
Edson Victor Alves Machado

O presente estudo tem como objetivo compreender os desafios enfrentados pelos futuros professores de História no contexto atual, marcado pela influência do neoliberalismo e pelas demandas por uma educação mais crítica e democrática. Procuramos destacar a importância do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) como forma de inserir o graduando na realidade da educação básica, dando ênfase no ensino médio como ponto de aproximação da vida do estudante com sua formação profissional. Nesse contexto, metodologicamente utilizamos uma análise bibliográfica que nos permitiu identificar os problemas no sistema educacional, além de fornecerem dados e pesquisas que fundamentam os objetivos desta pesquisa. Com isso, recorremos a autores como Certeau (1982), Casara (2018), Saviani (1999), Rocha (2015) e Young (2007). Os resultados iniciais indicaram que o ensino de História desempenha um papel essencial na formação crítica e reflexiva dos estudantes, mostrando como o PIBID contribui significativamente para a formação docente continuada.

Ensino de História, PIBID, Ensino médio, Neoliberalismo





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Currículo escolar e a sala de aula: territórios de disputa de múltiplos sujeitos

Darlan Bezerra Viana

O presente resumo é oriundo da pesquisa “Aprendizagens significativas e os temas geradores no sentido de uma educação histórica” defendida em 2021 no programa do mestrado profissional (Profhistória). Tem como objetivo promover reflexões sobre o currículo escolar como território de disputa de múltiplos sujeitos e o uso dos temas geradores como método aplicável a aprendizagem histórica. A proposta metodológica tem por inspiração a filosofia da educação de Paulo Freire e está ancorada em observações de situações educacionais concretas, vivenciadas na atividade profissional na educação pública básica. A observação da falta de sintonia das propostas curriculares com a realidade existencial é o problema central que norteia o trabalho. A utilização metodológica dos temas geradores funciona como ponto de partida para pensar o tempo presente e possibilita o trabalho com uma diversidade de temas como, as questões de gênero. Os documentos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) são investigados e por meio de “brechas” em seus textos, é identificada a possibilidade de se trabalhar com temas geradores aplicáveis a aprendizagem histórica na Educação Básica. Conclui-se pela viabilidade e importância do método, pois possibilita a transformação da sala de aula em espaço de problematização das narrativas hegemônicas e proporciona visibilidade às experiências de grupos historicamente silenciados no sentido de uma educação democrática.

Ensino de História, Currículo Escolar, Temas Geradores



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

História do Ensino de História: uma breve análise da sua estrutura didática no Brasil e as contribuições do PIBID-História na formação de futuros historiadores

Willismar da Silva Freires

Joaquim Costa Neto

Djalma Luiz do Nascimento Dantas

Este trabalho tende de forma breve analisar a História do Ensino de História, sobre a ótica da estruturação didática, no Brasil. Buscando compreender e refletir sobre as características de mudanças ocorridas ao longo dos tempos, usada como base para interesses políticos de formação de uma identidade nacional, que unificasse os ideais de um projeto de Estado. Tendo como foco, desde a República até as duas primeiras décadas do século XXI, com o advento da tecnologia incorporada no meio social. Portanto, novas aptidões metodológicas e teóricas do ensino e da disciplina História, foram sendo transformadas diante da conjuntura do espaço/tempo, para assim, quebrar os paradigmas históricos. Como também, a implementação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que fora desenhada no ano de 2007 e vem se desenvolvendo com novas propostas em sua estrutura didática e metodológica. Com tudo, a construção desse texto foi focada nos estudos de Luiz Fernando Cerri e Ronair Justino de Faria; Vasni de Almeida; Cícero da Silva, explorando questões teóricas de outros autores que irão refletir sobre as nuances das características do ensino histórico.

Ensino de História, Ensino, PIBID





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Estátua do Padre Cícero: devoção e religiosidade – análise do surgimento e do desenvolvimento da tradição de subir a pé até o horto na Sexta-Feira Santa

Cicero Arthur Oliveira de Lima

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a tradição de subir a pé a ladeira do Horto, que se estende do rio Salgadinho até a estátua do Padre Cícero, na Sexta-feira Santa de cada ano, investigando sua origem e evolução ao longo do tempo. Busca-se compreender os fatores que impulsionaram e ainda sustentam essa prática, que combina devoção religiosa, memória coletiva e sociabilidade. A metodologia adotada é qualitativa, fundamentada na análise de fontes bibliográficas e documentais, periódicos, relatos orais e estudos sobre a religiosidade popular e o culto ao Padre Cícero. Como referencial teórico, a pesquisa se apoia na obra *A Invenção das Tradições*, de Eric Hobsbawm, que discute a construção e a ressignificação das tradições ao longo da história. Além disso, dialoga com autores que estudam a figura do sacerdote, as práticas religiosas a ele associadas e sua construção simbólica. Atualmente, o estudo encontra-se em fase inicial, com o levantamento de fontes e a estruturação do arcabouço teórico.

Padre Cícero, Tradição, Horto



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Disputas pelo controle da mão de obra indígena no Ceará Colonial: conflitos entre religiosos e capitães-mores no século XVIII

Maria Aparecida de Sousa
Darlan de Oliveira Reis Junior

Essa pesquisa tem como objetivo analisar os conflitos entre autoridades coloniais, como os capitães-mores, e os religiosos, no que diz respeito ao controle da mão de obra indígena. Para tanto, os documentos utilizados para fundamentar este estudo estão presentes no acervo do Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC), laboratório vinculado ao Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA). As fontes consistem em um conjunto de cartas reunidas na Coleção Memória Colonial do Ceará, provenientes do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) e do Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC), disponíveis em formato textual. Além disso, utilizou-se o livro Documentos para a História colonial, especialmente a indígena (1690-1825), de Francisco José Pinheiro. A pesquisa está em fase de desenvolvimento, mas já foi possível identificar alguns aspectos na documentação que evidenciam essas disputas, como a postura dos candidatos em relação ao trato com os indígenas era considerada como uma qualidade nas nomeações para os cargos solicitados. Além disso, em cartas os missionários expressavam suas queixas quanto às retiradas dos indígenas dos aldeamentos, argumentando que tais ações prejudicavam o processo de conversão religiosa.

Aldeamentos indígenas, Ceará colonial, século XVIII



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

História social da propriedade: Os conflitos por terras no Ceará no século XIX

Verônica Araújo Vieira Ferreira
Ana Isabel Parente Cortez Reis

A pesquisa aborda as disputas por terras no Ceará no século XIX, focando na questão da propriedade privada nas relações de poder e sociais da região. Utilizando o jornal Pedro II, além de outros periódicos, a pesquisa destaca um conflito em específico que seria entre uma viúva, Isabel Maria da Conceição e o Padre Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa, conhecido como Padre Verdeixa, sobre uma propriedade em Guaiúba. A pesquisa analisa como os jornais construíram a imagem do Padre, fazendo dele uma figura multifacetada. Além disso, procura investigar as rivalidades existentes entre a figura do Padre Verdeixa do partido liberal, e o partido adversário, conservador, refletidos tanto em seus escritos O Juiz do povo e A liberdade, como em outros jornais. Além disso, a análise engloba livros que falam sobre o Padre Verdeixa, abordando suas múltiplas faces: Político, religioso e polêmico, evidenciando o poder que a imprensa tem em moldar e destruir reputações.

Disputa por terra, imprensa, Padre Verdeixa, política



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Senhores e escravos no sertão do Pajeú no século XVIII: limites da historiografia e possibilidades de novas perspectivas

Janaina Freire dos Santos

Fundada na dispersão e na conquista pela violência, tendo o latifúndio como estruturante, a ocupação do médio Sertão do Pajeú na Capitania de Pernambuco, deu-se a partir do início do século XVIII, com a interiorização das boiadas. A historiografia consagra que a dispersão característica desse modelo de ocupação (com gado criado a solta, em extensões das Sesmarias) teria desenvolvido relações sociais de maior proximidade entre senhores e escravos (Furtado, Prado Jr., Simonsen, Sodré). A própria literatura memorialista local, partindo de uma leitura de classe, apazigua ou até invisibiliza a presença negra na região (Sá). Entretanto, nesse modelo de ocupação, não teriam sido menos importantes ou mais amenas a presença e as relações de escravidão no Sertão (Moura). Diante disso, o presente trabalho objetiva analisar os indícios da presença e da adaptação da escravidão negra no Sertão do Pajeú pernambucano, a partir dos novos estudos que reconstróem a história da escravidão na capitania a partir do século XVIII, em debate com a produção historiográfica que aponta um “não lugar” para a força do trabalho negro na região.





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Mundos do trabalho no Cariri cearense: as diferentes relações de produção na segunda metade do século XIX

Jardel Macêdo Pereira
Darlan de Oliveira Reis Júnior

Na segunda metade do século XIX, a província do Ceará tinha como característica ter uma economia predominantemente rural. Diferentes formas de exploração foram utilizadas, como o trabalho compulsório e a escravidão, parte de uma composição do modo de produção escravista do Brasil. Para a grande exportação predominou a plantagem. Existiram outras formas de latifúndios que exploraram a produção do gado, além das pequenas propriedades, mais ligadas à subsistência. A pesquisa analisa as diferentes formas de exploração da mão de obra, os conflitos entre senhores e trabalhadores, e a ação do estado como forma de controle das forças produtivas estabelecidas na formação social. Está inserida no âmbito da História Social para compreender as relações de produção e a organização do trabalho. A documentação a ser utilizada será jornais como o Pedro II e O Araripe, leis provinciais que estarão no I tomo Leis Provinciais: Estado e Cidadania (1835-1861), relatórios do presidente da província dos anos de 1850 a 1880, os processos cíveis relacionados à conflitos entre proprietários e trabalhadores. As fontes se encontram no Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC), laboratório vinculado à Universidade Regional do Cariri - URCA. Palavras-chave: Trabalho, Modo de Produção, Escravo

Escravo, Modo de Produção, Trabalho



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Mudanças climáticas e desigualdade: quem paga o preço da crise ambiental?

Daiana de Souza Bezerra
Luan Mateus Oliveira de Souza

Este artigo objetiva detalhar a inter-relação entre as mudanças climáticas vivenciadas ao longo do tempo com as desigualdades sociais e econômicas presentes sobretudo em países e comunidades periféricos e em desenvolvimento que a muito já sofrem com os impactos ambientais, destacando como os processos de industrialização e capitalismo agravaram a crise ambiental. Foram feitas discussões teóricas acerca de conceitos como justiça climática e colonialismo ambiental, a fim de evidenciar como o aquecimento global atinge de forma desigual as regiões que carecem de recursos para enfrentar os danos desencadeados pelos eventos climáticos extremos. Posteriormente, através de uma metodologia de natureza básica e qualitativa baseada em estudo de artigos e livros, é apresentada uma perspectiva histórica sobre a emissão de gases de efeito estufa, enfatizando a responsabilidade de países mais desenvolvidos e a necessidade de políticas que fomentem a cooperação internacional, focando na transição para um modelo de desenvolvimento sustentável. Por fim, conclui-se que diferentes medidas adotadas pelo governo, empresas e a sociedade são fundamentais para enfrentar os desafios climáticos, mitigar impactos e garantir a justiça social.

Mudanças climáticas, Desigualdade social, Desenvolvimento sustentável





COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Da Paulista à Faria Lima: uma história da mudança da estrutura econômica brasileira

Francisco Carlos Henrique de Oliveira Leite
Jaqueline Fonseca dos Santos
Francisca Jaqueline de Souza Viração

O estudo analisa a transformação estrutural da economia brasileira, que passou de um modelo agroexportador para um modelo mais voltado ao setor financeiro. O processo de industrialização no Brasil, com destaque para o Nordeste e São Paulo, foi impulsionado por reformas e infraestrutura, mas limitado em inovação tecnológica. A adoção de políticas neoliberais, a partir do Consenso de Washington, resultou na abertura econômica, privatizações e desregulamentação do mercado financeiro, aumentando a concentração de riqueza e as desigualdades sociais. A migração do centro econômico da Avenida Paulista para a Avenida Faria Lima simboliza essa mudança. O estudo busca compreender como a evolução do sistema financeiro impactou a estrutura econômica do Brasil, afetando a industrialização, investimentos e geração de empregos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada em revisão descritiva e bibliográfica sobre a evolução do sistema financeiro e seus impactos na economia brasileira. As principais referências incluem Szmrecsányi (2002), Marafon (2005) e Stiglitz (2002), que discutem a industrialização brasileira, os efeitos das reformas neoliberais e a concentração de riqueza gerada pela desregulamentação financeira. O estudo encontra-se em andamento, com análise consolidada das transformações econômicas e dos impactos sociais da ascensão do setor financeiro em detrimento da industrialização.

Economia Brasileira, Industrialização, Neoliberalismo



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

Trajectoria do Empreendedorismo: Evolução ou regresso? Uma comparação do Empreendedorismo Atual e o Schumpeteriano

Ana Lícia Felipe Bezerra Luz
Francisca Jaqueline de Souza Viração

O estudo tem como tema a evolução do empreendedorismo, comparando o contemporâneo com o schumpeteriano. O objetivo da pesquisa é analisar se o desenvolvimento do empreendedorismo atual representa uma evolução ou um retrocesso em relação às ideias de Schumpeter, destacando as transformações no papel do empreendedor e na inovação econômica. A metodologia empregada envolve uma revisão bibliográfica de fontes clássicas e contemporâneas sobre empreendedorismo. As principais fontes incluem livros, como o Essencial de Joseph Schumpeter (SOBEL, 2021), artigos científicos como Empreendedorismo e o Impacto das Práticas de Inovação (SILVA, 2025) e dados de instituições especializadas no tema, como os dados da GEM 2023. O referencial teórico baseia-se na teoria schumpeteriana, que enfatiza o papel do empreendedor como agente de destruição criadora. A pesquisa está em fase de análise crítica das transformações no empreendedorismo, buscando compreender se a atuação empreendedora atual está alinhada com os princípios de inovação e crescimento econômico ou se se distancia da proposta original schumpeteriana, atrelando ao subemprego e más condições de trabalho. Até o momento, os resultados parciais indicam que o empreendedorismo atual apresenta diferenças significativas em relação ao modelo clássico de Schumpeter, especialmente no que diz respeito às motivações para empreender e o papel do empreendedor. A pesquisa segue em desenvolvimento para aprofundar essas conclusões.

Empreendedorismo, necessidade, oportunidade



COLÓQUIO DE HISTÓRIA SOCIAL

As faces do colonialismo: da escravidão ao imperialismo

14 e 15 DE ABRIL DE 2025, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - CRATO - CE

**Núcleo de Estudos em História Social e Ambiente (Nehsa)
Laboratório de Pesquisa em História Social (Labore).
Departamento de História, Centro de Humanidades.
Universidade Regional do Cariri.
Rua Cel. Antônio Luíz, 1161 - Pimenta, Crato - CE, 63105-010.**

